



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
INSTITUTO DE ARTES
Mestrado em Multimeios

***Um olhar sobre o seqüestro
da produção de imagens na
infância***

ANDRÉA MESQUITA DE RESENDE

CAMPINAS – 2002



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
INSTITUTO DE ARTES
Mestrado em Multimeios

Um olhar sobre o seqüestro da produção de imagens na infância

ANDRÉA MESQUITA DE RESENDE

Dissertação de Mestrado submetida ao Curso de
Pós-graduação em Multimeios do Instituto de Artes
da UNICAMP, como requisito parcial para a obtenção
do grau de Mestre em Multimeios sob a
orientação do
Prof. Dr. ANTÔNIO FERNANDO DA CONCEIÇÃO PASSOS

CAMPINAS – 2002

**Aos meus filhos,
Carolina Maria e Daniel,
e aos seus amigos,
que me inspiraram
nesta pesquisa.
Ao Fernando Passos,
que acreditou e me
acompanhou neste
trabalho de resgate dos
tempos de criança,
dos tempos do
Era Uma Vez...**

Agradecimentos

Agradeço ao Poder Judiciário do Estado do Espírito Santo, em especial à presidência do Tribunal do Justiça, que garantiu o auxílio para o desenvolvimento desta pesquisa, e ao IBOPE-MÍDIA, São Paulo, que permitiu acesso aos índices da audiência infantil.

Aos queridos Ayr Frasson e Lourdinha Resende Brandão que me apoiaram na conquista da bolsa de estudos.

Ao meu orientador, Fernando Passos, profissional de grande sensibilidade que sempre respeitou e valorizou as minhas singularidades, um professor amigo a quem muito admiro ; à professora Olga von Simson, pelas valiosas contribuições na descoberta da História Oral e ao professor Milton José de Almeida, da Faculdade de Educação, que me abriu os olhos para este programa de projeto visual, no qual todos estamos inseridos.

Uma pesquisa também se enriquece pelas amizades que conquistamos e cultivamos ao longo do trabalho: a minha jovem amiga Fabiana Bruno, sempre aberta ao diálogo e troca de informações e idéias; a Sarah Yakhni, uma alma gêmea, com a qual pude compartilhar trabalhos, angústias e alegrias; a Ziza Dourado, que com o seu total desprendimento me ensinou a *olhar*, a eterna amiga Ana Lúcia Geaquinto dos Santos, uma grande colaboradora.

À todos, que de perto ou de longe, vibraram com esta escolha, um caminho percorrido graças ao Antonio Frasson, meu marido, que sempre me incentivou a voltar a estudar, que sempre foi exemplo do que é ser um pesquisador.

Aos meus pais, Lourdes e Mário, que me deram à luz para manter viva esta chama: a chama da vida.

Resumo

Esta pesquisa de Mestrado propõe-se a discutir a importância do valor simbólico das imagens para as crianças, já que o seqüestro da produção de imagens na infância é uma realidade que vivemos hoje: o pico da audiência infantil na TV aberta brasileira é registrado nos programas para adultos, conforme comprovam os índices de audiência fornecidos pelo instituto de pesquisa IBOPE-MÍDIA, de São Paulo. A criança assiste uma programação que revela, muito cedo para ela, os segredos e as mazelas do mundo adulto e, como consequência, esta dissertação registra a uniformização do imaginário, pois, pouco a pouco, a TV vai ocupando o espaço dos contos de fadas e das importantes experiências infantis, que são as brincadeiras de criança.

Abstract

This work discusses the importance of symbolic imagery for young children, focusing on the taking over of modern media as the source for such signs. According to data collected from IBOPE-MIDIA pooling research group (São Paulo), the highest audience rate detected among young public is exactly within adult timeslots for open TV channels in Brazil. This dissertation finds out that children, being exposed to TV programs with adult contents, manifest a standardised set of symbols coming from such programs. These new signs are gradually replacing fairy tales and imaginary figures from children's own creation.

SUMÁRIO

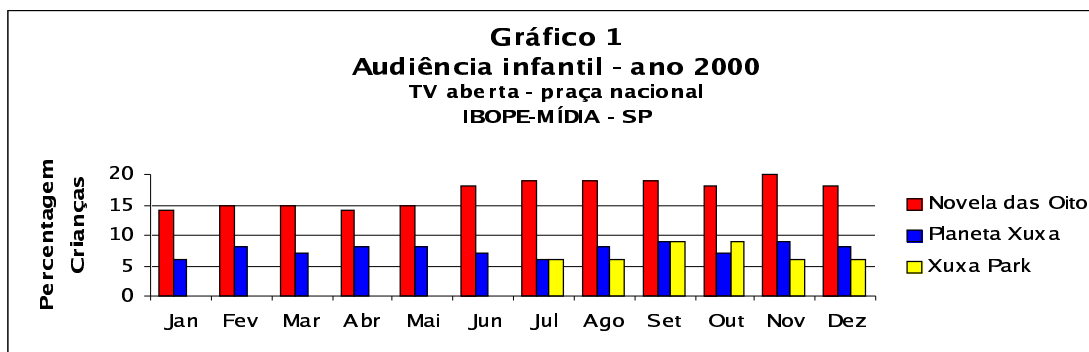
Introdução	11
Capítulo I – Era uma vez ... As imagens da infância	17
I.1 – Um flagrante da infância	19
I.2 – A infância pós-moderna Um cotidiano de guerra	35
Capítulo II – A infância e sua história	55
II.1 – Das trevas à luz	57
II.2 – Uma máquina, um novo conceito de tempo: o tempo da infância	65
Capítulo III – Do faz-de-conta à televisão	81
III.1 – O abandono dos contos de fadas	83
III.2 – As imagens das brincadeiras	103
III.3 – O seqüestro da imaginação	115
Capítulo IV – As imagens no caminho, símbolos de liberdade	127
IV.1 – O caminho singular	129
IV.2 – A imagem particular	135
Conclusão	143
Bibliografia	157
Anexo	161

INTRODUÇÃO

Um olhar sobre o seqüestro da produção de imagens na infância

propõe-se a refletir sobre o seqüestro do processo de criação da criança e suas conseqüências no futuro, a partir da constatação que o pico da audiência infantil à televisão está registrado nos programas de adultos e não nos infantis. A discussão se baseia em dois fatos: primeiro, que não há mais segredos para a criança – basta acionar o botão, dedilhá-lo pelo controle remoto para se descobrir as mazelas do mundo adulto; segundo, é a pedagogia preconizada pela TV e sua forte influência sobre a infância resultam numa padronização das imagens imaginárias e impede o fluir natural desse processo.

Na prática, não há censura e nem programas exclusivos para as crianças: simplesmente elas assistem a tudo porque o modelo de TV praticado no país insiste e a própria família permite. É ingenuidade pensar que a televisão, um meio de entretenimento de massa, é apenas uma máquina de diversão. É muito mais. É uma ferramenta tecnológica de manipulação, é o instrumento de persuasão da chamada área pedagógica de divulgação e controle do poder. A pesquisa partiu dos dados do IBOPE-MÍDIA, de São Paulo,



pesquisados durante todo o ano de 2000¹. Esses dados envolvem cerca de 12 milhões de crianças em todo Brasil e revelam que desenhos animados e outras produções específicas para criança não estão nem entre os dez programas mais assistidos pelo público infantil². Em novembro de 2000, o IBOPE registrou o pico anual da audiência infantil na novela das oito da Rede Globo. No mínimo, 2 milhões e 400 mil crianças seguraram a audiência da novela naquele mês, enquanto os programas da Xuxa, destinados à criança, alcançaram uma média de 700 a 800 mil crianças durante novembro. Leve-se em conta que a novela é um programa que preenche a grade de horário seis dias na semana e os programas da Xuxa eram semanais.³ (Gráfico 1)

Foi essa diferença nos pontos da audiência que nos levou a investigar essa questão. A partir dos números resultantes de uma pesquisa quantitativa, ouvimos os personagens principais, as crianças, e desenvolvemos uma pesquisa qualitativa, baseada na metodologia da História Oral.

¹ Audiência infantil registrada pelo IBOPE-MÍDIA/SP no ano de 2000 está no anexo deste trabalho, com os índices dos 20 (vinte) programas mais assistidos por crianças na faixa etária de dois a 14 anos. Os dados foram copiados (manualmente) do IBOPE em São Paulo e os números organizados em tabelas e gráficos produzidos especificamente para esta pesquisa.

² No segundo semestre de 2000.

³ O programa Xuxa Park, exibido aos sábados, foi retirado do ar após um incêndio no estúdio, e o outro, Planeta Xuxa, exibido aos Domingos, também foi retirado do ar em 2002.

A pesquisa de campo teve como objetivo tentar descobrir como as imagens e conteúdos veiculados pela televisão repercutiam no imaginário infantil. Participaram 26 crianças, de sete a 12 anos, divididas em quatro grupos de diferentes escolas de Campinas, Estado de São Paulo. Dois grupos são de escolas particulares – uma tradicional e a outra de ensino alternativo –, e outros dois grupos de escolas públicas. As respostas foram dadas em forma de desenhos e, assim, coletadas 127 imagens.

As respostas-desenhos foram elaboradas pelas crianças a partir de temas oferecidos para os grupos, como: o que mais gosta de fazer, o que gosta de ver na TV, o que não gosta, medo, amor, violência, diversão, tiro e sangue e briga. Dentro dessas “molduras”, as crianças realmente revelaram o quanto a imagem da TV influencia no processo de criação, isto é, o quanto essa imagem nivela o imaginário, o nosso espaço sagrado onde guardamos os nossos sonhos, desejos, enfim, onde produzimos a imaginação – a relíquia da essência de cada um.

Confesso que, inicialmente, as respostas me surpreenderam. Enxergava uma alteração de conceitos, a banalização do amor e da violência, e me decepcionei com o grau de uniformização da imaginação, já na infância. As respostas confirmavam o que nos disse Jean-Louis Leonhardt:⁴

“A TV é o maior processo de poder para uniformizar o pensamento,

⁴ Professor Dr. do CNRS – MOM – Université Louis Lumière, Lyon – 2, França, durante o seminário sobre “Ciência, arte e tecnologia”, em novembro/dezembro de 2000, na Unicamp.

porque suprime totalmente o singular .⁵

Jean-Louis tem razão. Quanto a isso, é certo. O trabalho que a televisão faz com o imaginário é muito bem feito e direcionado para se manter o estado tecnológico de massa em quem vivemos, atingindo, principalmente, o imaginário infantil que está mais vulnerável à influência de terceiros. Mas toda tecnologia tem o lado positivo e o lado negativo. Em até certo ponto da pesquisa eu só olhava a influência negativa da televisão.

Tinha motivos para isso. Quando criança, fui uma espectadora assídua de TV, e isto durou até uma idade bem avançada da adolescência. A minha ligação com a televisão não parou por aí. Após a graduação em comunicação social, trabalhei como jornalista. Em 19 anos de profissão, 12 foram em emissoras de televisão. Então, os meus olhos, que ficavam como que hipnotizados por tudo que saía da tela da TV, passaram a olhar por de trás das câmeras. Produzia reportagens para telejornais. Aos poucos, o mito da televisão foi se transformando. A minha interlocução entre o mundo real e os telespectadores eram fórmulas pré-concebidas, convencionadas. O que valia era a força da imagem que cada reportagem nos permitia captar. Falava-se que uma imagem vale mil palavras, mas Postman nos lembra que mil imagens, mesmo se são do mesmo objeto, não valem nada.⁶

Hoje, ao ver meus filhos e seus amigos, vou percebendo como a televisão é pano

⁵O Singular é a essência mais íntima de um indivíduo, de acordo com os conceitos desenvolvidos por Aristóteles. Ex.: Ao ler um livro o faço de maneira singular, a interpretação é algo singular. O singular nos leva à arte.

⁶ POSTMAN, Neil. *Tecnopólio – a rendição da cultura à tecnologia*. SP: Nobel, 1994.

de fundo e inspiração para o dia-a-dia das crianças, milhões de crianças. Se não quisermos nada decidir e nada escolher, basta nos espelharmos no modo de vida veiculado pela TV. Ela decide por nós. É claro que não é para generalizar, mas a proposta é refletir e discutir o problema. As imagens estão cheias de armadilhas.

Diante dessa realidade da infância contemporânea e as respostas objetivas dos desenhos, tento propor um trabalho de reconstrução de símbolos para a criança, pois a imaginação precisa percorrer caminhos subjetivos para manter-se ativa. Seria um gravíssimo erro condenar as respostas que enxergava nos desenhos e, a partir daí, prever um futuro negativo para as crianças. Também sofri grande influência da TV e *acho* que consegui me libertar. Esse caminho da *liberdade* é um dos pontos principais de reflexão desta pesquisa.

As entrevistas-desenhos repercutiram em minha alma. O meu olhar foi à procura de detalhes dessa repercussão, foi em busca de uma ligação da minha liberdade com a liberdade que os educadores deveriam também incentivar as crianças a buscar. Se eu condenasse o futuro da imaginação dessas crianças, estaria condenando o futuro de todos nós. Vivemos no mesmo mundo. Apenas temos idades, experiências e olhares diferentes.

As páginas dos três primeiros capítulos realmente fazem um alerta sobre o riscos que a TV oferece, por servir de modelo para tudo, um modelo que leva a infância a substituir o *faz-de-conta* pela viagem nas ondas eletromagnéticas da televisão. Os desenhos vão complementando as palavras, num convite ao leitor para fazer sua própria interpretação. Uma interpretação que vai ser elaborada de acordo com a herança cultural de cada um.

A discussão sobre criança e televisão não é nova, mas me coloco para enfrentar os preconceitos existentes e discutir essa nova era da história da infância. Não busco causalidades para a ameaça da redução dos tempos de criança. O seqüestro da produção de imagens na infância é uma realidade e temos que refletir para encontrar um caminho, não digo de volta, mas que, pelo menos, reconduza a infância aos sonhos dos tempos do *era uma vez...*

Capítulo I

Era uma vez...

As imagens da infância

“A história da infância determina amplamente como é que a vida futura vai ser sentida. Enquanto a história genética e evolutiva cria as potencialidades de um indivíduo, sua história pessoal infantil, mais do que qualquer outra coisa que se segue, é responsável pelas formas que essas potencialidades vão assumir na realidade de sua vida.”

- BRUNO BETTELHEIM, *Uma vida para seu filho*, 1988, p. 09.

Um flagrante da infância

Nesta pesquisa a discussão sobre a interferência na produção de imagens na infância parte de um ponto que acredito ser essencial: a infância é a fase mais importante na formação do ser humano, como Bettelheim expõe, a primeira história do indivíduo é de suma importância para o que ele será em sua vida posterior – um período de brincadeiras e fantasias em que se deve respeitar e incentivar a singularidade de cada um, ajudando a criança a desabrochar de acordo com seu ritmo e dotes naturais.¹

Mas o sistema social impõe, cada vez mais, e com total respaldo da televisão, uma infância mais curta e mal-elaborada, com poucos sonhos, de imaginação pobre e restrita. O mundo, a cada dia, tem mais pressa e exige que a infância passe rápido, estando a criança pronta ou não para entrar no mundo do adulto.

Assistimos, de certo modo passivamente, ao trabalho diário da mídia - principalmente a televisão –, a serviço do capital, para acelerar esse processo de redução do tempo da infância, sufocando a fantasia infantil e uniformizando seu imaginário, que é a semente para o amadurecimento e equilíbrio do homem.

¹ Além de Bettelheim, outros psicanalistas, psicólogos e educadores se debruçaram no estudo da infância como etapa fundamental na formação do indivíduo: Freud, Winnicott, Jung, Piaget, Vygotsky, Dewey, entre outros.

Em o *Massacre dos inocentes – a criança sem infância no Brasil*², resultado de cinco pesquisas sobre o trabalho forçado das crianças em diversos estados do país, o sociólogo José de Souza Martins explica que são trabalhos que se completam a partir do momento em que mostram diferentes flagrantes do mesmo processo: a supressão da infância – em favor de uma opção política de desenvolvimento econômico, imposta pelos países ricos. Pesquisas que alertam:

*“Interesses esses que mutilam no berço aqueles que um dia
poderiam construir uma nova sociedade.”*

Souza Martins fala das injustiças sociais, dos excluídos, da incorporação precoce do braço infantil ao mercado de trabalho, e da transformação da infância em sucata. Nossa pesquisa discute um outro atentado contra à infância: o seqüestro da produção de imagens nesta fase fundamental da vida, tendo como consequência a ameaça de redução dos tempos de infância.

*“O adulto precoce mutila a sociedade inteira, mata o sonho
e a esperança, e antecipa cruelmente o futuro como momento de
carência e brutalidade sem remédio. O que concretamente está
acontecendo é que a sociedade, enquanto vontade coletiva e*

² MARTINS, José de Souza (org.), *O massacre dos inocentes*, São Paulo: Hucitec: 1991.

participação, enquanto sociedade civil, está perdendo o controle rapidamente da formação de novas gerações. Essa formação hoje está amplamente tutelada pelas irracionalidades do mercado de trabalho e da burocracia do Estado, pela coisificação da pessoa, enfim, pela lógica e pelos interesses do grande capital ...”³

As crianças que atraíram o meu olhar não são aquelas convocadas para o trabalho precoce, seus pais não foram massacrados pelas injustiças sociais, tampouco foram elas incentivadas a cometer pequenos furtos ou a mendigar nas ruas para sustentar suas famílias. Não, elas são estudantes, de escolas públicas ou particulares, possuem casas, famílias, recebem alimentos, enfim, são crianças que, aparentemente, vivem, cada uma a sua maneira, a infância de hoje. Mas o meu olhar capta a imagem de uma infância que marca uma alta audiência no que há de *trash*⁴ na televisão brasileira. Uma infância escrava da TV.

³ MARTINS, José de Souza (org.), op. cit. , p. 14.

⁴ *TRASH* - termo utilizado entre pesquisadores de cinema para definir as produções consideradas “lixo”, explorações de anomalias.

O início da palavra criança já diz: cria⁵. Ser criança é viver o momento de criar – da grande criação –, momento de transformar e inventar. Esteja a criança desenvolvendo um trabalho forçado ou sendo escrava da televisão, vejo o potencial da infância para a criação do novo desviado do seu percurso natural. O processo de desenvolvimento do individual, da singularidade, que se deve iniciar na infância, é desviado para a massificação, para a educação de um imaginário universal construído na expectativa de consumo.

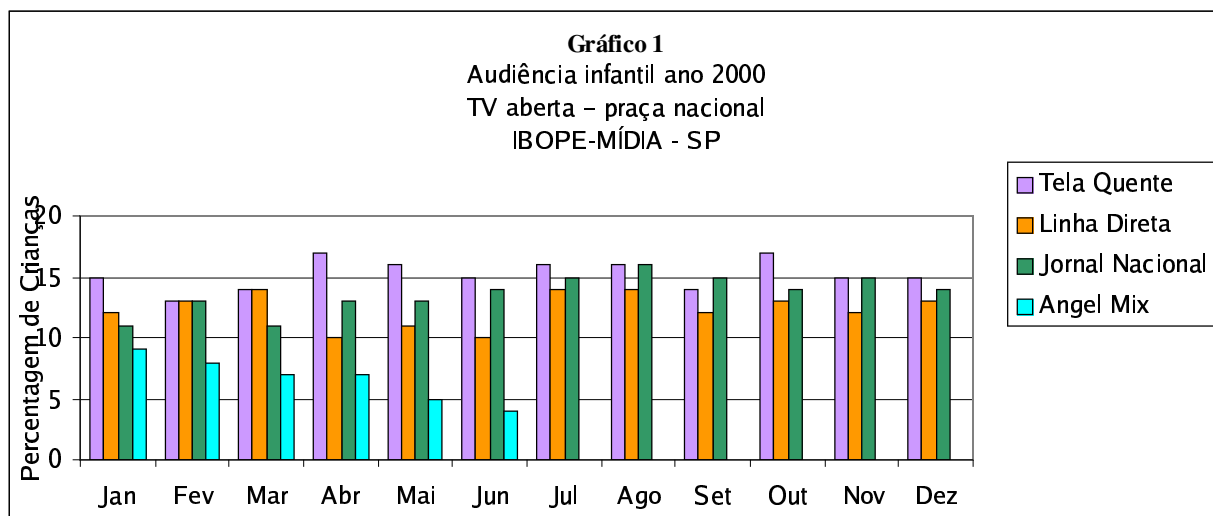
Era uma vez uma infância em que brincávamos de roda, de queimada, de boneca, de pega-pega na rua, de panelinha, de fazer comidinha, de bolinha de gude, de carrinho, enfim, tínhamos em mãos uma série de ferramentas inocentes e reais para elaborarmos as nossas fantasias e despertarmos os sonhos. Hoje, é difícil ver criança brincando assim. Pouco a pouco, o brincar vai limitando-se às atividades escolares – sem tempo livre da TV, muitas crianças acabam desenvolvendo somente as brincadeiras incentivadas na escola. Alguns pais, inclusive, colocam o filhos de pouca idade no colégio para a criança aprender a brincar e a conviver com outras crianças, já que em casa isso não é possível.

É preciso refletir sobre a infância atual porque além de estar trocando brincadeiras por brinquedos, as crianças também buscam imagens-modelo para criar e brincar – modelos aprendidos desde muito pequeninos na frente de uma tela de TV.

⁵ BUENO, Silveira, *Grande dicionário etimológico prosódico*, pp. 844 – 845: Criança – menino/a pequeno/a que se está criando. Cria – derivado do verbo criar. Criar – tirar do nada, transformar, educar, cultivar, inventar.

As brincadeiras de hoje – e também muitos brinquedos – são, em geral, copiadas da televisão. As imagens da TV seqüestram a espontaneidade da infância ditando a brincadeira da moda, os brinquedos da moda, a dança da moda, a roupa da moda, as festinhas da moda, enfim, a infância transformou-se em um grande negócio preso à estrutura de produção industrial e consumo de massa. A audiência infantil na TV é um ponto chave desse grande negócio, não importando as consequências.

O meu olhar é de preocupação porque a grande audiência infantil na televisão está nos programas de adultos. Além das novelas, campeãs de audiência entre essa faixa etária, as crianças também assistem a filmes, telejornais e os mais variados programas que abordam o cotidiano da vida de forma aterrorizante e ao mesmo tempo banal. Muitos programas exibem um verdadeiro cotidiano de guerra. (Gráfico 1)



Os roteiros dos programas para televisão são como receitas culinárias, variando apenas o peso e alguns ingredientes de um formato para outro ou de uma história para outra. O filósofo Karl Popper⁶ diz:

“A violência, o sexo, o sensacionalismo, são os meios a que os produtores de televisão recorrem mais facilmente: é uma receita segura, sempre apta a seduzir o público. E, se este acaba por se cansar, basta aumentar a dose (...) É o que se passa na Grã-Bretanha e nos Estados Unidos.”⁷

No Brasil não é muito diferente, porque essas receitas seguram a platéia, inclusive a platéia infantil. Nos intervalos desses programas é normal e diária a veiculação dos comerciais incentivando o consumismo infantil.

Afinal, o mercado infantil no Brasil movimenta, por ano, em torno de R\$50 bilhões.⁸ Esse mercado não movimenta só brinquedos, mas também vestuário, revistinhas, figurinhas, cinemas, fitas de vídeo-game, CDs, balas, chicletes, alimentos, higiene e até produtos de

⁶ Karl Popper, (1902 –1994), um dos mais influentes filósofos contemporâneos, nasceu e estudou em Viena e com a ascensão do nazismo se exilou na Nova Zelândia (1937/45) onde foi professor de filosofia. Em 1946 foi para a Inglaterra e lá teve dificuldades para trabalhar devido ao seu pensamento, que era inaceitável pelo sistema. Foi rejeitado pelas Universidades de Oxford e Cambridge e finalmente se colocou na London School of Economics, onde foi professor de lógica e metodologia científica por 23 anos e criou importante centro de investigações em filosofia da ciência. As teorias de Popper eram de que todas as suposições tinham um caráter filosófico, mas que essas suposições – na vida particular, na política, no trabalho, em todas as esferas da vida –, deveriam passar por um exame crítico para se identificar as falsas e verdadeiras. Esse exame crítico ele também classificava de atividade filosófica, o que para Popper era algo tão digno quanto intelectualmente importante.

⁷ POPPER, Karl, CONDRY, John. *Uma lei para a televisão*, in TELEVISÃO: UM PERIGO PARA A DEMOCRACIA, Portugal: Gradiva, 1995, p. 22.

⁸ Fonte: Revista Época – 08/10/2001.

beleza para criança, enfim, tudo que leva a marca *infantil*, *Kids*, *Júnior* etc., alimenta esse rico mercado. No país, são mais de 60 milhões de crianças de zero a 14 anos⁹, das quais mais de 18 milhões possuem um potencial efetivo de consumo.¹⁰ Trata-se de um grande mercado e em plena expansão.

Na indústria das festinhas de aniversário de criança, é comum ver os pequeninhos já empinando e balançando o “bumbum” para dançar músicas baianas, funks cariocas e outras coreografias eróticas originais de diversas regiões do Brasil e com veiculação em massa pela TV. Sem nenhum preconceito contra essas músicas, são muito estranhas para crianças porque estas acabam sendo erotizadas muito cedo, e as expressões corporais começam a ser niveladas e erotizadas ainda na primeira infância, antes dos sete anos.

As evidências sobre a redução do tempo da infância e suas conseqüências já são identificadas por profissionais de diversas áreas. O assunto é tema atual de livros e reportagens na imprensa. Na chamada semana da criança, em outubro de 2001, a discussão sobre a mudança de comportamento no período da infância foi levantada por revistas de circulação nacional.¹¹ *O desaparecimento da infância*¹² já havia abordado o assunto desde 1987 e doze anos depois o livro ganhou uma nova edição alertando sobre a

⁹ Dados do Censo 2000 – IBGE.

¹⁰ VERSUTI, Andréa . *Eu tenho você não tem*. Dissertação de Mestrado, IFCH/Unicamp, 2000

¹¹ *Encolheram a infância*, Revista Época, 08/10/2001, pp. 94 – 98.

Vamos brincar?, Revista Isto É, 10/10/2001, pp. 62 – 63.

¹² POSTMAN, Neil. *O desaparecimento da infância*, Rio de Janeiro, Graphia, 1999.

ameaça que a televisão oferece para a infância, a partir do momento em que imagens e conteúdos da programação desvendam os mistérios do mundo do adulto para as crianças. Em novembro de 2001 chegou às livrarias do país o mais novo título sobre o assunto, *Cultura infantil*¹³, com artigos de 16 pesquisadores norte-americanos que discutem essa nova era cultural que está destruindo a infância.

As novelas, além de marcarem o maior índice de audiência, também estão entre os programas que mais revelam os conflitos do mundo adulto. Desde a invenção da prensa, no século XV, sabe-se que preservar a criança dos segredos do adulto é a chave do tesouro para a sobrevivência da infância. Naquele tempo, o conceito de vergonha foi disseminado para conter as forças instintivas do inconsciente que não eram aceitas pela sociedade, uma sociedade que saía da Idade Média e entrava no mundo dos livros. O mundo de hoje aceita essas forças instintivas. Forças que são naturais do homem, mas que a televisão banaliza de tal forma que justamente a criança é introduzida mais cedo no mundo adulto, com resultados imprevisíveis para o futuro. O amor e o sexo, a violência, o valor do dinheiro, doenças, mortes, crises, conflitos, terrorismo, guerra, enfim, a fragilidade moral do ser humano, tudo chega muito rápido e cedo demais para a infância. Numa época em que as crianças deveriam estar fantasiando histórias, para uma completa formação do indivíduo, elas já estão angustiadas com as imagens que vêem sobre desordem do mundo.

¹³ STEINBERG, Shirley, KINCHELOE, Joe L. (org). *Cultura infantil – a construção corporativa da infância*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

A televisão esteve ao meu lado praticamente durante toda a infância. Faço parte das primeiras gerações televisivas.¹⁴ Mas a televisão da minha época de criança veiculava uma programação completamente diferente da que é exibida hoje. A violência aparecia de uma forma ética, para defender algum ideal. Não se perdia um episódio do Zorro e o Sargento Garcia, National Kid e os Incas Venusianos. Com relação às novelas, não havia censura em minha casa. Assistia a tudo que estivesse ao meu alcance, mas o peso dos ingredientes dos roteiros era leve, bem mais leve. Além disso, a programação era muito restrita, recebíamos um ou dois canais e durante muito tempo assistimos tudo em preto e branco. As cores? Era preciso imaginá-las.

Lembro-me que na escola ou entre os amigos eu era uma das poucas crianças que assistia toda a programação. Me isolava, deixava de brincar para ver TV. Hoje com a minha filha acontece o inverso: ela é uma das poucas no colégio que não assiste novelas.

Eu consumi muito a imagem da TV, mas tinha a rua para brincar, tinha turma para passear, tinha férias para ficar longe da TV, enfim, tinha uma vida que não dependia do que a televisão mostrava para ser feliz. Tínhamos amigos e sonhos. Fui uma escrava da televisão e com muita dificuldade alcancei a liberdade. Nós temos essa liberdade de escolha. Mas mesmo assim, o tempo que passei em frente à TV foi prejudicial para o

¹⁴ O Brasil ganhou a sua primeira emissora de TV em 1950, era a TV TUPI. Mas as primeiras imagens lançadas no ar, a título de teste, foram geradas pelos americanos em meados dos anos 20. A transmissão em grande escala só se iniciou no final de 1940 – um atraso devido à 2ª Guerra Mundial.

desenvolvimento do meu potencial. Desenvolvendo esta pesquisa, foi perfeitamente possível enxergar que eu era uma criança e uma adolescente embotada, limitada – lógico que isso não era culpa da TV, mas se não tivesse perdido tanto tempo em frente ao pequeno écran, se eu não tivesse a TV para ver o mundo sem que ele me visse, eu teria me libertado mais cedo. Só descobri a minha capacidade de criar, a minha possibilidade de ser eu mesma bem mais tarde, na fase adulta. E por ironia, foi a própria televisão que me proporcionou essa oportunidade.

Trabalhando como repórter de vídeo me exigiam produções criativas:

“ *A reportagem é como uma receita de bolo, é só variar a ordem dos ingredientes: lead, sub-lead, off, passagem, entrevistas...*”, dizia o editor. Mas tinham que ser receitas ousadas, diferentes. E eu tive uma formação muito “enquadrada”, massificada, com o reforço da TV. Admito que era muito difícil ousar. As imagens e as receitas estavam prontas no meu imaginário. Os conceitos estabelecidos. É uma batalha que até hoje não sei se venci, fui vencida ou é algo invencível, porque muitas vezes tenho a plena sensação que ainda estou nessa luta. Muitas vezes sinto que preciso estar vigilante para garantir a liberdade da minha consciência.

Me toca quando vejo uma multidão de crianças solitárias, presa em casa por conta da violência nas ruas, tendo como opção de lazer diário a televisão, ou os computadores para quem possui um poder aquisitivo maior. As crianças crescem individualistas e o relacionamento com o outro, com o amigo, está ficando cada vez mais difícil. A vida é muito

virtual, ao mesmo tempo que a criança está em casa ela também está em contato com o mundo exterior por meio dos avanços tecnológicos, proporcionando assim a substituição do desenvolvimento do individual pelo individualismo, o ser pelo ter.

Nas férias continuam confinadas e isoladas, porque geralmente os pais precisam trabalhar e não podem levar seus filhos para passear ou não possuem recursos financeiros para proporcionar um lazer diferente. O sonho dessas crianças é consumir o que a televisão mostra. É lógico que esse viés não é regra geral. Mas é a triste realidade da infância de milhões de brasileiros.

As crianças são educadas e cada vez mais são “enquadradas” dentro de um projeto de educação visual¹⁵. O mercado infantil é a nata desse projeto. Os apelos publicitários são bem mais fortes do que os que eram veiculados na minha infância. São comerciais que incentivam e valorizam o ter, ignorando o ser. É o trabalho de modelização de uma geração.

A pesquisadora Andréa Versuti¹⁶ faz uma análise sobre o consumismo infantil e um dos pontos que a pesquisa aborda é que o crescimento desse consumismo está diretamente ligado a uma mudança de comportamento dos pais: cada vez mais ausentes, acabam ficando mais preocupados em prover os filhos de conforto material do que educá-los para a vida, na certeza de que atendendo aos apelos do consumismo estão dando um suporte emocional. As crianças com potencial de consumo crescem com a segurança de

¹⁵ O grupo de pesquisa OLHO, da Faculdade de Educação da Unicamp, desenvolve uma série de pesquisas sobre este Programa de Educação Visual inserido em todos os campos: nas artes, no cinema, na televisão, no paisagismo, na educação, etc.

¹⁶ VERSUTI, Andréa Cristina, op. cit.

que suas escolhas e decisões serão sempre acatadas pela família.

Luiz Lobo¹⁷ fala da Tese do Consumismo ou do Individualismo Exagerado, do professor Harry Pross, da Universidade Livre de Berlim. Essa tese refere-se à ideologia do sucesso, estimulada pela propaganda consumista, que leva a criança a imaginar que o mais importante no mundo é ter sucesso. Um sucesso ligado exclusivamente à capacidade para consumir.

Pross vai mais longe, afirmando que, nesse contexto, quem não tem dinheiro tenta chegar ao sucesso e à felicidade a qualquer preço, inclusive por meio da violência, praticando assaltos para conquistar seu lugar no paraíso do consumo.

O programa de auditório veiculado pelo SBT aos domingos e apresentado por Gugu Liberato¹⁸, entrevistou durante vários meses no ano de 2000 uma jovem cantora que estava grávida e o pai da criança preso por assalto no complexo do Carandiru, em São Paulo. Não vamos discutir o mérito da vida da jovem e nem a do namorado porque não é isso que queremos abordar. Além disso, a realidade do casal deveria ser a mesma de centenas de pessoas no país. Mas a questão é que o apresentador, com credibilidade junto a sua grande platéia, fazia apelos semanais à justiça para soltar o namorado da atriz. Afinal, ele “só” havia praticado um assalto porque queria e “precisava” comprar um carro novo, um

¹⁷ LOBO, Luiz. *Televisão: nem babá eletrônica nem bicho-papão*. RJ: Lidoador, 1990, pp. 10 –13.

¹⁸ *O Programa do Gugu* foi um dos que marcou o crescimento da audiência infantil em 2000. Em janeiro, o programa estava em 24º lugar na audiência infantil registrada pelo IBOPE-MÍDIA, praça nacional; a partir do mês de abril o programa passou a figurar entre os dez mais vistos pelas crianças, exceto nos meses de julho e setembro. Tabela do IBOPE no anexo.

carro da moda. No final de novembro de 2001 esse mesmo programa dominical exibiu as imagens, em detalhes, do feliz casamento da atriz com esse homem, que alcançou a tão sonhada liberdade. E o apresentador foi escolhido para ser o padrinho da criança. (Figura 1)



Nesse quadro um casal é colocado na banheira e a mulher, com poses eróticas, impede o homem de pegar os sabonetes que estão no fundo da banheira.

Figura 1 - Cena do programa do Gugu – exibido aos domingos pelo SBT –

“Banheira do Gugu”. Foto do site da modelo Luiza Ambiel.

É preocupante quando uma criança diz que o que mais gosta de fazer é ver televisão, como esse menino de uma escola particular de Campinas, SP, que se auto-desenhava assistindo TV, enquanto, solitariamente, esperava os pais, que estavam desempregados, chegarem em casa (Figura 2). A criança fica vulnerável a situações que, talvez, não saiba como resolver. Recebe respostas de perguntas que ainda não fez e muitas vezes não tem ninguém ao lado para intermediar essas respostas.

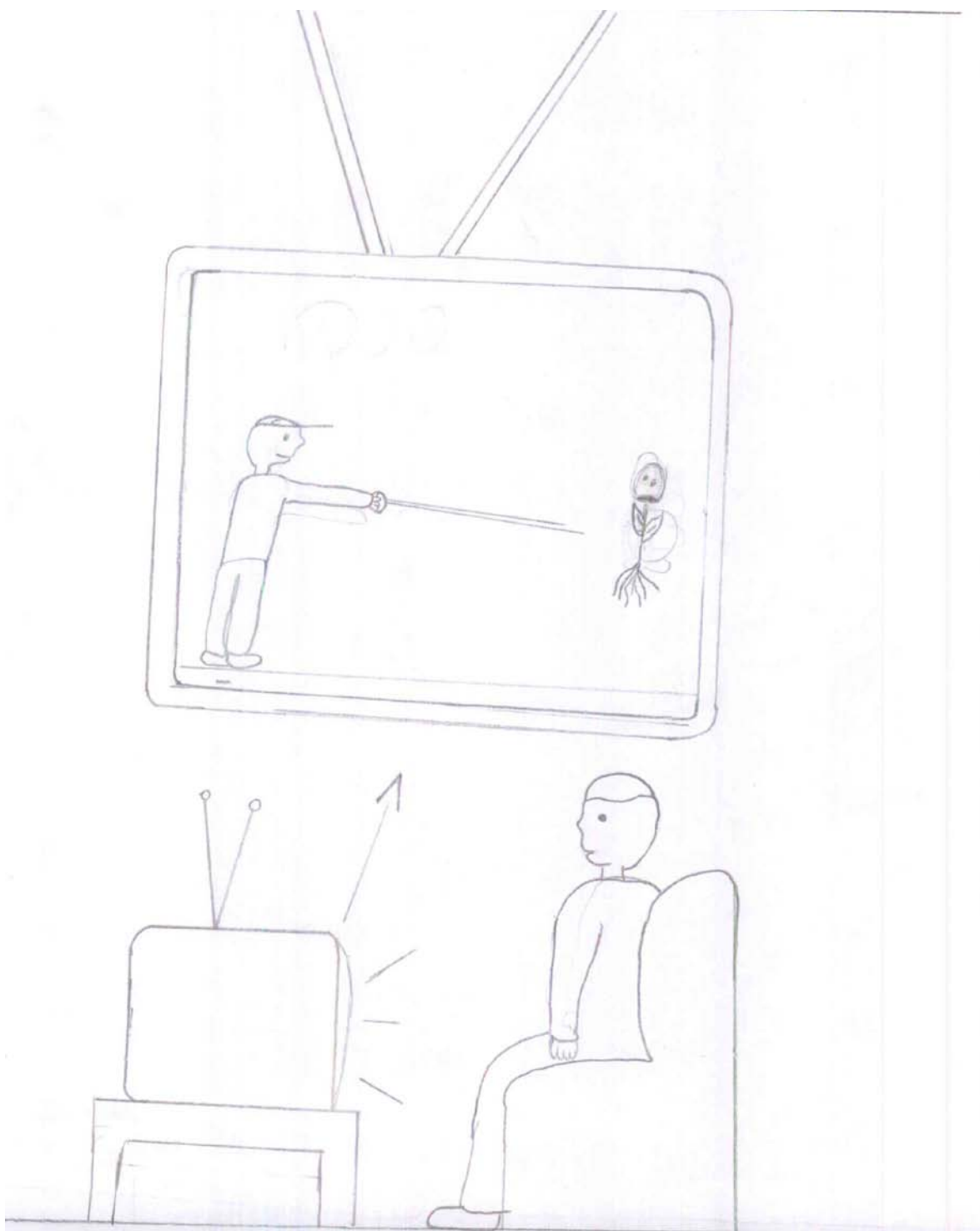


Figura 2 – Criança 10 – Idade : 11 anos

Toda criança é criativa e possui plena capacidade de fantasiar e de gerar suas próprias imagens. Luiz Lobo discute um ponto importante dentro deste contexto: quando a criança não exercita essa fantasia, a criatividade fica tolhida e a menina ou o menino vão embotando e encolhendo até perderem essa capacidade. O perigo é que, quando não há mais fantasia, quando não há mais o jogo do *faz-de-conta*, a criança passa a ser uma consumidora de imagens, sem tirar nenhum proveito delas – e o que é mais grave, prejudicando o desenvolvimento intelectual. Quando não se pratica mais a capacidade de raciocinar, a criança fica sujeita, exclusivamente, ao emocional.

Temos, também, o desenho dessa outra criança que registrou a cena de um filme que lhe causou muito medo. A mãe desse menino disse que ele ficou de cama, no quarto escuro, sem sair de casa por vários dias, depois que viu na televisão, em casa, “Blade, o caçador de vampiros”. (Figura 3)

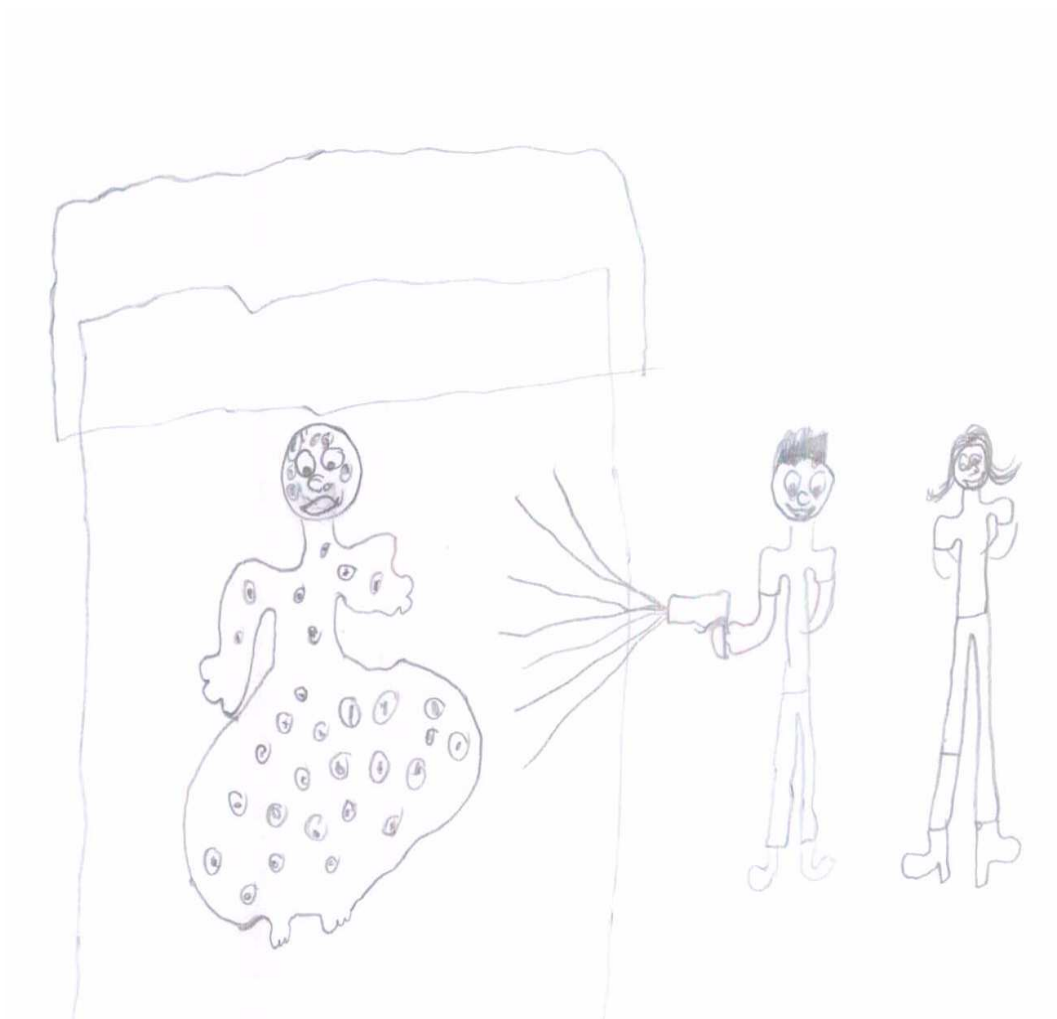


Figura 3 – Criança 8 – Idade: 9 anos

A infância pós-moderna

Um cotidiano de abandono e violência

Na periferia de Brasília morava um menino de nove anos, que era tímido, falava pouco e tinha muito medo do escuro, por isso gostava de dormir com a luz acesa. Mas era um menino igual a qualquer outro de sua idade, ele poderia ser até um daqueles que moravam em um apartamento do Plano Piloto. Mas sua família era pobre, a mãe ganhava a vida como doméstica, e a renda familiar lhes permitiam morar em uma casa bem simples em uma das cidades-satélites da capital federal. O menino gostava de assistir televisão, brincar de pique-esconde, de escolinha, de casinha, mas sempre brincava com as amigas, porque tinha vergonha dos amigos. Uma das meninas era a sua amiga favorita.

Dia quatro de fevereiro do ano 2000, duas e 20 da madrugada, a mãe e o padrasto do menino já estavam dormindo, e ele, sozinho, sentado no sofá, assistia o filme que tanto havia esperado para ver: *O brinquedo assassino II*. A história é aterrorizante, um boneco mal que mata pessoas a facadas. Foram duas horas de terror, mortes, sangue e gritos. O menino não conseguiu dormir naquele restante de noite e teve pesadelos três dias seguidos depois da exibição do filme.

Dia sete de fevereiro, o menino convida a sua melhor amiga para ir na casa dele. Era final de tarde, o convite foi para assistirem televisão. A menina entra, ele fecha a porta e logo pergunta: *Você quer morrer?* Como ele gostava de assustar as amigas, ela achou que era mais uma brincadeira de mau gosto. Mas ele insistiu: *Você vai morrer igual ao*

boneco assassino. A amiga ainda tentou correr, mas não conseguiu fugir da sessão de terror. O menino já estava com três facas de mesa na mão, daquelas de serra, e, de forma incontrolável, começou a desferir golpes contra menina de sete anos de idade. Ela grita, mas ninguém ouve.

Foi uma facada acima do coração, outras nas nádegas, mais outras no braço, nas costas, no pescoço. Enfim, foram 25 facadas. Ela desmaia. O amigo arrasta o corpo até o banheiro e joga-lhe um balde de água fria, mas ela não acorda como o personagem do filme. Ele se desespera e se esconde atrás de uma caixa d'água. O garoto é preso e chora no colo da mãe ao encontrá-la na delegacia.¹⁹

Região de Ribeirão Preto, Estado de São Paulo, setembro de 2002. Havia poucos dias que a Rede Globo de Televisão tinha feito a estreia da nova trama para o horário das sete da noite. Novela de suspense, histórias de vampiros, personagens que saem de caixões, falam de outro mundo desconhecido, histórias que inspiram medo e fascínio ao mesmo tempo. Não sei se parecidas com a do filme *Blade*, o mesmo que deixou o menino na cama.

Eram 23 horas. Uma criança de três anos sobe na cadeira e pega, em cima da geladeira, a arma que o pai, escrivão de polícia, havia deixado. Os pais estão dormindo. O menino vai até o quarto do casal e dispara um tiro contra o pai com o revólver calibre 38.

¹⁹ “*Um cotidiano de guerra*”, Revista Isto É, Edição nº 1585, 16/02/2000, p. 92.

“*Menino esfaqueia menina depois de assistir a Brinquedo assassino II*”, Correio Braziliense, 09/07/2000.

Desde cedo ele havia dito para a mãe que se encontrasse um vampiro ele iria matá-lo. A ocorrência na polícia consta que a criança “viu” um vampiro atacando o pai, e cumpriu o que havia prometido.

O caso também foi divulgado pela imprensa nacional²⁰ e a própria mãe declarou que o filho foi influenciado pela novela *O beijo do vampiro*. Segundo a mulher, a criança *não* assistia a novela, mas ficava impressionada com as cenas exibidas nos comerciais. Os vizinhos contam que o menino sempre estava dentro de casa no horário que a história de vampiros ia ao ar. Os moradores da pequena Taquaritinga, nos arredores de Ribeirão Preto, ficaram revoltados.

Creio que o menino, de apenas três anos, não queria matar o pai, e nem conseguiu, mas sim elaborar o medo dos vampiros que estava dentro dele. Assim como o menino de Brasília, que também não tinha intenção de matar a melhor amiga, mas sim colocar para fora o terror armazenado dentro do peito e trabalhar, de forma real, o sentimento que deveria estar lhe incomodando insistentemente.

Sem dúvida, a infância de hoje sofre um verdadeiro bombardeio de imagens por todos os lados, e muitas criança não sabem como conviver com tantas informações, com essa irreabilidade virtual. Diante da minha trajetória e das histórias que acabo de relatar, sinto-me com a responsabilidade de discutir e alertar para os riscos que se corre em deixar a criança

²⁰ “*Escrivão é baleado pelo filho de 3 anos*”, Jornal Folha de S. Paulo, 05/09/2002, Editoria: Cotidiano, p. C4
“*Menino atira no pai por medo do ‘vampiro’*”, Jornal O Estado de S. Paulo, 05/09/2002, Editoria: Cidade

assistir a tudo sem a mínima censura familiar. São imagens e conteúdos que dificultam a fantasia e alteram o contexto desta fase da vida, impedindo o brincar e prejudicando o fluir das imagens imaginárias.

Kincheloe classifica de *infância pós-moderna* essa nova era em que a criança, além de viver uma saturação pela mídia eletrônica, tem ainda as responsabilidades dos afazeres de casa – já que os pais estão completamente ausentes e ocupados com o trabalho profissional. Ele registra que desde os fins dos anos 60, o tempo total que os pais reservavam aos filhos caiu de uma média de 30 horas semanais para 17. Como exemplo, o autor discute os filmes *Esqueceram de mim* (1990) e *Esqueceram de mim 2: perdido em Nova York* (1992), histórias americanas de sucesso que mostram a aflição e a luta do menino esquecido em casa e, no segundo, esquecido em Nova York, ambas as situações durante o Natal, tendo que sobreviver aos perigos e encontrar a família.²¹

Realmente é incrível como uma criança de dez anos de idade sabe resolver tantos problemas sozinha!!! Nos dois filmes, o menino se porta como um adulto: se registra em hotéis, usa cartões de crédito, faz compras, encomenda alimentos, se defende contra os ladrões, pensa em estratégias de ataques e ainda responde para um funcionário do hotel ao ser perguntado se sabe como funciona a TV: “*Eu tenho dez anos e a TV é a minha vida*”. Kincheloe resume:

²¹ KINCHELOE, Joe. *Esqueceram de mim e Bad to the bone: o advento da infância pós-moderna* in *Cultura infantil*. RJ: Civilização Brasileira, 2001.

“Na infância pós-moderna, estar sozinho em casa é uma realidade diária. As crianças sabem agora o que normalmente apenas os adultos sabiam: crianças pós-modernas são sexualmente esclarecidas e muitas vezes sexualmente experientes; elas entendem e algumas já tiveram experiência com drogas e álcool; novos estudos mostram que muitas vezes elas experimentam as mesmas pressões que as mães solteiras que trabalham, como esforçar-se para administrar o estresse da escola, o trabalho em casa e a dinâmica interpessoal da família. (...) Considerando-se a importância central da TV na vida dessa geração pós-moderna deixada em casa, o despertar das crianças para o desejo de consumir o que é bom vem a ser o aspecto central da sua realidade viva.”²²

Outro aspecto observado sobre essa geração foi dentro de nossa própria casa. Aos cinco anos, a minha filha já não queria mais brincar de boneca. Por mais que fosse incentivada, ela não encontrava uma amiga para levar adiante a brincadeira que, um dia,

²² KINCHELOE. Op. Cit. P.75.

já foi a preferida das meninas. Oferecíamos outras opções: “*Querem assistir a um filme?*” O grupo de amigas aceitava, mas bastava ligar o vídeo e a sessão durar no máximo dez minutos. A sessão de um filme sobre um conto de fadas era muito longa para elas, tudo tinha que ser muito rápido, muito curto. O comportamento do grupo era de uma infância estranha, fria, distante das brincadeiras. Eu tinha sempre a sensação de que nada provocava emoção naquelas crianças. Elas tinham uma grande dificuldade em mergulhar no mundo da fantasia, do *faz-de-conta*. Naquele momento, a minha percepção foi de que essas crianças sofriam algum tipo de violência, a violência virtual. E eu me perguntava: onde estavam aquelas brincadeiras da infância?

O psicanalista Bruno Bettelheim²³ diz que é por meio das brincadeiras que as crianças começam a compreender como tudo funciona: o que pode ou não pode ser feito com os objetos – e o porquê e o por que não. É na brincadeira que se aprendem as regras. Principalmente se a criança quer amigos para brincar, é preciso respeitar as regras e os amigos.

Bettelheim discute a importância das brincadeiras na infância como uma forma de a criança resolver simbolicamente problemas não resolvidos no passado, para que saiba enfrentar direta ou de forma simbólica questões do presente e do futuro. Para ele, a brincadeira de infância também tem a função de preparar a criança para o futuro e suas tarefas. Aí é que está o risco da TV, porque ela distancia a criança do mundo real e distorce o contexto da realidade.

²³ BETTELHEIM, Bruno, *Uma vida para seu filho*. RJ: Campus, 1988, p. 141.

Foi nessa mesma época em que as crianças freqüentavam a nossa casa que chegou às locadoras de vídeo um novo filme da série *Brinquedo assassino*, o mesmo que aterrorizou a vida do menino de Brasília (Figura 4). A garotada da rua, então, alugou essa fita, e o terror e a violência do filme causaram enorme vibração. A minha filha e outra amiga entraram em pânico com a idéia de que tinham de assistir ao filme, porque as outras crianças exigiam igualdade de sentimentos, de gosto, enfim, queriam coragem e caçoavam muito de quem fraquejava. Realmente, ela não assistiu à fita, mas o pavor que a dominou apenas por ter ouvido os colegas contarem a história de horror e as ameaças que sofreu por ter medo, nos renderam muitas noites de sono perdidas: ela ficou com medo de os brinquedos atacarem durante a noite.



Figura 4 – Chuck

A emissora de TV aberta, o SBT, exibiu esse filme cerca de um ano depois de termos vivenciado essa experiência dentro de casa. A menina de sete anos que recebeu as facadas, sobreviveu aos ferimentos e o menino chegou a ser preso, mas foi logo liberado pela polícia, porque a legislação brasileira²⁴ não permite punições a crianças dessa idade, e, acredito, que nem era o caso.

²⁴ Estatuto da Criança e do Adolescente, Art. 104. São inimputáveis os menores de dezoito anos, sujeitos às medidas prevista nesta Lei; Art. 105. Ao ato infracional praticado por criança corresponderão as medidas previstas no art. 101.... a autoridade competente poderá determinar, dentre outras, as seguintes medidas: encaminhar aos pais ou responsáveis; orientação e acompanhamento temporário; inclusão em programa comunitário ou oficial de auxílio à família, à criança e ao adolescente; requisição de tratamento médico, psicológico ou psiquiátrico, em regime hospitalar ou ambulatorial, entre outras medidas.

O *Chuck* também apareceu entre os desenhos e nas entrevistas finais (Figura 5). A palavra medo em televisão está muito ligada ao boneco assassino. Ao serem indagadas sobre o que não gostaram de ver na TV, sobre o que deu medo, uma das crianças desenhou a cena do filme *A noiva de Chuck*, em que o boneco esfaqueia um homem. A menina, de nove anos, primeiro disse que sentiu medo quando viu a cena, mas depois voltou atrás e falou que não havia sentido nada. Afinal, ninguém pode fraquejar.



Figura 5 – Criança 2 - Idade: 9 anos

Não acredito que o fato de uma criança assistir a cenas de violência na TV vá transformá-la num ser violento, mas devemos ficar atentos para a abordagem ética da violência nos filmes e seriados. Yves de La Taille²⁵ diz:

“... é o caso de muitos programas: o recurso violência é apresentado sempre como legítimo, superior ao uso da inteligência, como único recurso para ‘resolver conflitos’, como fonte de poder e glória. Em resumo, assiste-se às vezes a uma sacralização da violência, que pode levar jovens a construírem sua identidade e seu orgulho em torno dela.” ²⁶

La Taille ilustra esse exemplo, lembrando o seriado com o personagem Zorro. O cavaleiro mascarado mostrava violência, mas Zorro tinha um ideal e defendia uma ética: lutar contra a injustiça social, assim como o National Kid protegia o planeta Terra de uma invasão extraterrestre. Na minha infância, o imaginário do medo era dos discos voadores, de seres estranhos de outros planetas. Hoje isso não assusta mais. Agora, o homem tem medo do próprio homem e acredito que, inconscientemente, tenha medo também dessa era das máquinas. A televisão reforça esse imaginário exibindo exaustivamente o que o homem pode fazer contra sua própria espécie: veiculando as relações de ódio e a construção e

o crescimento da violência. Bettelheim conclui:

²⁵ Yves de La Taille é professor livre-docente do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo e autor, entre outros, de *Piaget, Vygotsky, Wallon: teorias psicogenéticas em discussão*.

²⁶ TAILLE, Yves de La. *Televisão, violência e infância*. Publicado na TV FOLHA, Jornal Folha de S. Paulo,

*“Na era das máquinas, o homem está com medo de que sua própria obra, a máquina, roube sua humanidade; prova disso é o temor manifestado pela sociedade em relação aos males da sociedade de massa e a ansiedade psicológica acerca da perda da identidade individual.”*²⁷

Diversas pesquisas já comprovaram que ninguém se torna bom, mau ou violento por influência da TV. Todo indivíduo carrega uma ambigüidade dentro de si: todos têm o lado bom e o lado mau. São as características naturais do ser humano que devem ser trabalhadas e educadas. O problema da televisão, entretanto, é a forma como divulga e aborda a questão da violência, da morte, enfim, o modo como temas de grande importância para o desenvolvimento do homem chegam ao imaginário da criança.

Luiz Lobo²⁸ fala de várias teorias sobre a questão da violência na TV: a primeira é a Teoria do Aprendizado Social, pela qual a observação da violência na TV pode estimular um comportamento violento nas crianças; a segunda é a Teoria do Contexto, que expressa que é preciso que a criança viva em um ambiente social violento para que a violência da TV a leve à violência; a terceira é a Tese do Hábito, segundo a qual o hábito de assistir

²⁷ BETTELHEIM, Bruno. *O coração informado*. RJ: Paz e Terra, 1985

²⁸ LOBO, Luiz. Op. cit., pp. 10 – 13.

espetáculos violentos reduz o limite da sensibilidade e, conseqüentemente, embota a reação natural contra a violência, criando, assim, condições favoráveis a ela. Há ainda a Hipótese da Excitação, que se refere a casos de filmes com ações excitantes que podem levar a agressões. Lobo admite que as pesquisas de campo ainda não comprovaram a veracidade dessas teorias. Ele acredita que deve haver uma parcela de verdade em cada uma delas. Excluindo a Teoria do Contexto, também não discordo dele que as demais teorias *podem* [grifo meu] ter algum fundamento. Entretanto, toda regra tem exceções. Cada caso é um caso e uma criança é diferente da outra. Não se pode generalizar.

Bettelheim afirma que, para dominar os problemas psicológicos do crescimento, como as decepções, os dilemas edípicos, as rivalidades fraternas e o abandono das dependências infantis, obtendo um sentimento de individualidade e de autovalorização, de obrigação moral, a criança precisa ter livre acesso ao que se passa no seu eu inconsciente. Ela necessita de uma espécie de trânsito livre entre o inconsciente e o consciente. Para isso, é preciso fantasiar e ter sonhos prolongados para ordenar esse caos, para equilibrar o inconsciente de acordo com as fantasias conscientes.²⁹

Nesse contexto, entra a importância da brincadeira, dos contos de fadas, do *faz-de-conta*, e reside o risco dos seqüestro que a TV faz de tudo isso. Os contos oferecem uma gama de informações para a criança imaginar, para brincar, o que, talvez, ela não poderia

²⁹ BETTELHEIM, Bruno, *A psicanálise dos contos de fadas*. RJ: Paz e Terra, 1980, p. 16.

descobrir sozinha. Mas a televisão não, oferece tudo pronto: imagens e histórias interpretadas pelos adultos.

*“As interpretações adultas, por mais corretas que sejam, roubam da criança a oportunidade de sentir que ela, por sua própria conta, através de repetidas audições e de ruminar acerca da história, enfrentou com êxito uma situação difícil. Nós crescemos, encontramos sentido na vida e segurança em nós mesmos por termos entendido ou resolvido problemas pessoais por nossa conta, e não por eles nos terem sido explicados por outros.”*³⁰

Acredito que o filme *Brinquedo assassino* não é próprio para uma criança de nove anos, creio até que não seja ideal para nenhuma idade. Como já disse, o menino não tinha a intenção de matar a amiga. Na verdade, ele, como a outra criança de três anos que baleou o pai, não estavam preparadas para assistir àquelas cenas, e as famílias completamente desavisadas dos riscos que corriam. *Era uma vez* a infância dessas crianças?

³⁰ BETTELHEIM, Bruno. op. cit. 1980, P. 27

John Condry³¹ é mais incisivo em suas discussões sobre a influência da televisão na criança. Para ele, dois fatores são fundamentais: o tempo que se perde em frente à tela e o conteúdo dos programas que assiste.

*“Quanto mais tempo o telespectador passa diante da televisão, mais sofre influência, ainda que esta dependa, em certa medida, do conteúdo. Todavia, verificou-se que o tempo gasto a ver televisão influenciava o telespectador, independente do conteúdo.”*³²

Condry explica que desde os anos 60 centenas de pesquisas foram realizadas para saber se a violência veiculada pela TV influencia no comportamento das crianças. Segundo ele, os resultados de todos esses trabalhos convergem na seguinte conclusão:

“As crianças que vêem muita televisão são mais agressivas do que as que vêem pouca. Os espetáculos violentos não afetam apenas o seu comportamento, mas também as suas crenças e valores.

³¹ John Condry, psicólogo americano, foi co-diretor do Centro de Pesquisas sobre os Efeitos da Televisão, entre suas publicações estão: *The psychology of television* (1989) e, em colaboração, *Children's TV before and after the children's television act of 1990* (1993).

³² POPPER, Karl, CONDRY, John. *Ladra do tempo, criada infiel*, in **TELEVISÃO: UM PERIGO PARA A DEMOCRACIA**, Lisboa: Gradiva, 1995.

*Por exemplo, em geral, as crianças que vêem muita televisão temem mais a violência do mundo real. Em contrapartida, outras ficam insensíveis a essa violência; choca-as menos e reagem a ela com menor intensidade.*³³

Popper defendia uma lei para a televisão, na qual seria previsto formar os profissionais de TV em participantes de um processo de educação de grande alcance, pelo simples fato de a televisão ser vista por crianças e adolescentes. Ele desejava que esses profissionais fossem orientados a entender como as crianças recebem e absorvem as imagens, já que muitas delas não sabem ou não possuem maturidade para distinguir a realidade da ficção. Popper queria profissionais de TV com consciência de educadores e, com isso, o fim da transmissão da violência pela TV.

A questão é a forma como a violência é tratada e divulgada pela televisão. Temos de admitir que a TV brasileira usa a violência como forma de controle social, amedrontando a sociedade para que o poder apareça como salvador da pátria.³⁴ É a eterna luta do bem contra o mal. Cria-se e alimenta-se o monstro para depois combatê-lo. Um bom exemplo é a postura governo norte-americano – era George W. Bush – contra o líder islâmico afegão

³³ POPPER and CONDRY. op. cit., pp. 42 – 43.

³⁴ COELHO, Teixeira. *O imaginário da morte*. São Paulo: Cia das Letras, 1991.

Osama bin Laden. Osama era aliado dos EUA quando os norte-americanos travavam a guerra fria contra a União Soviética. Ele foi treinado pelos americanos. Quando acabou o comunismo soviético, a metralhadora giratória dos americanos procurou outro “mal” para combater e se voltou para os árabes. Aí, bin Laden passou de aliado para o posto de inimigo número um do Governo norte-americano. A televisão não mostra o passado, só o fato presente e suas conseqüências.

O problema não é a criança ver televisão – isso não se pode ignorar e nem proibir. A discussão é o que ela vê, o tempo que perde na TV e como ela absorve o que vê. E a criança assiste, em sua grande maioria, novelas, filmes e reportagens que abrem todas as portas dos segredos. A televisão não deixa espaço para o mistério e nem polemiza, apenas dicotomiza entre o bem e o mal, e, assim que termina o “espetáculo”, que se propõe a exhibir, muda de assunto sem o mínimo respeito pela sua platéia. Nos comerciais, então, tudo aparece de forma espetacular, qualquer situação se resolve em segundos.

E assim, pouco a pouco, vai-se formando uma geração com uma infância curta, que passa a exigir soluções rápidas. Uma infância de um mundo irreal com imagens e conteúdos distantes da verdadeira realidade. Uma infância *pós-moderna*, como registra Kincheloe.

Foi difícil para as crianças identificarem o que mais gostam ou gostaram de ver na TV. Desde pequenas já sofrem do mal que assola o homem moderno: a incapacidade ou a grande dificuldade de escolha. Este é um dos grandes conflitos da nossa época. São tantas

ofertas de confortos materiais que a tecnologia moderna oferece, que fica difícil escolher entre a liberdade e a falsa segurança da nossa sociedade de massa (Bettelheim: 1985).

Em *Cultura infantil* os organizadores também falam:

“O acesso infantil ao mundo adulto através da hiper-realidade da mídia eletrônica subverteu a consciência das crianças contemporâneas, que se transformaram em seres dependentes e incompetentes.”³⁵

Então, quando perguntei o que mais gostam ou gostaram de ver na TV, em todos os grupos, os primeiros desenhos demoraram a sair, simplesmente porque não sabiam do que mais gostavam. O primeiro grupo demorou cerca de uma hora. Algumas crianças fizeram mais de um desenho. Outras tiveram que esperar o amigo esboçar os primeiros traços para copiar ou decidir esse gostar. Percebi que o gostar é algo difícil de definir, porque a televisão *pode* decidir tudo por elas. (Figuras 6, 7 e 8).

³⁵ STEINBERG and KINCHELOE. *Cultura infantil*. RJ: Civilização Brasileira, 2001.

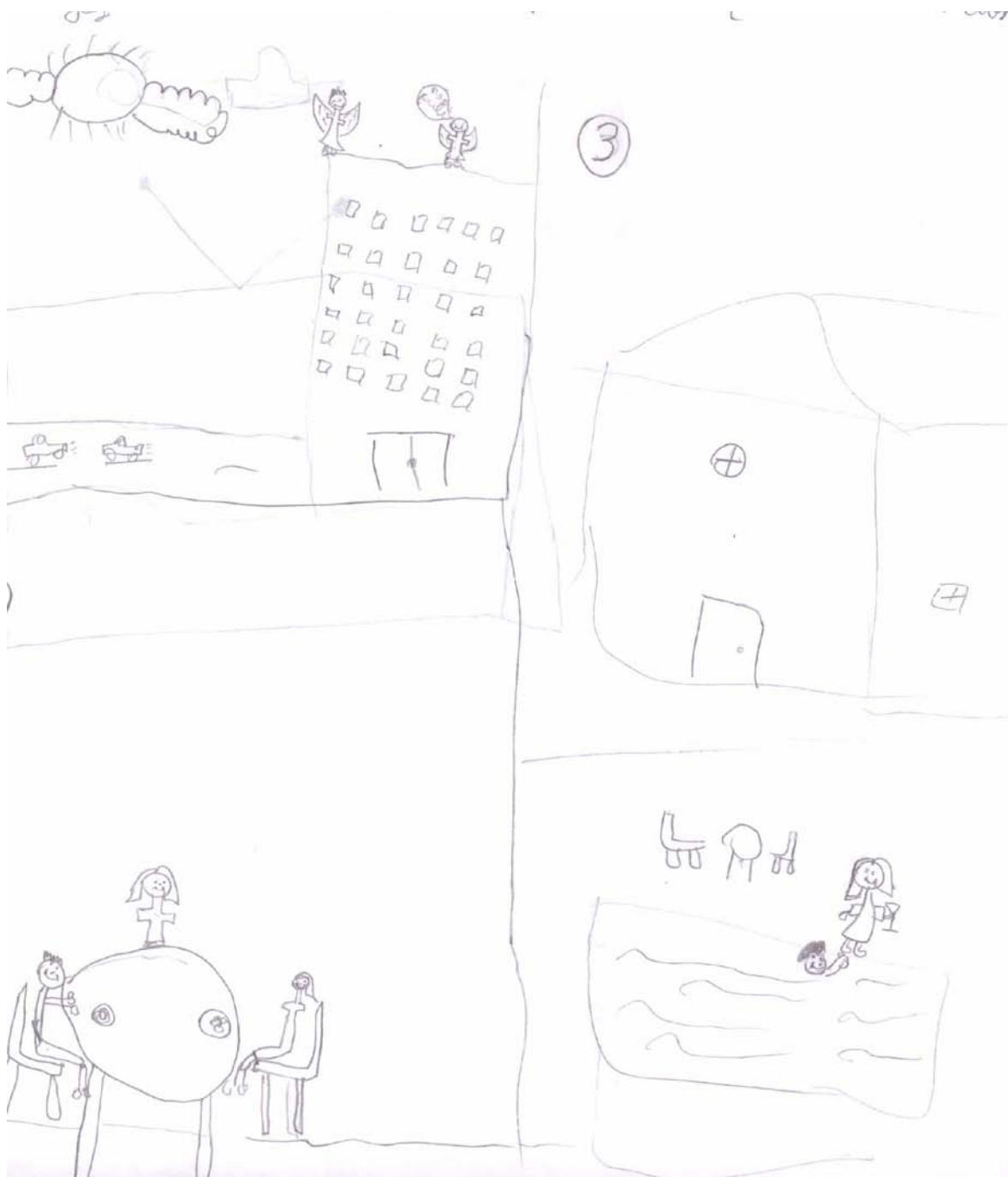


Figura 6 – Criança 2 – Idade: 9 anos
 Desenho 1 – Cidade dos anjos
 Desenho 2 – Malhação
 Desenho 3 – Laços de família (novela)

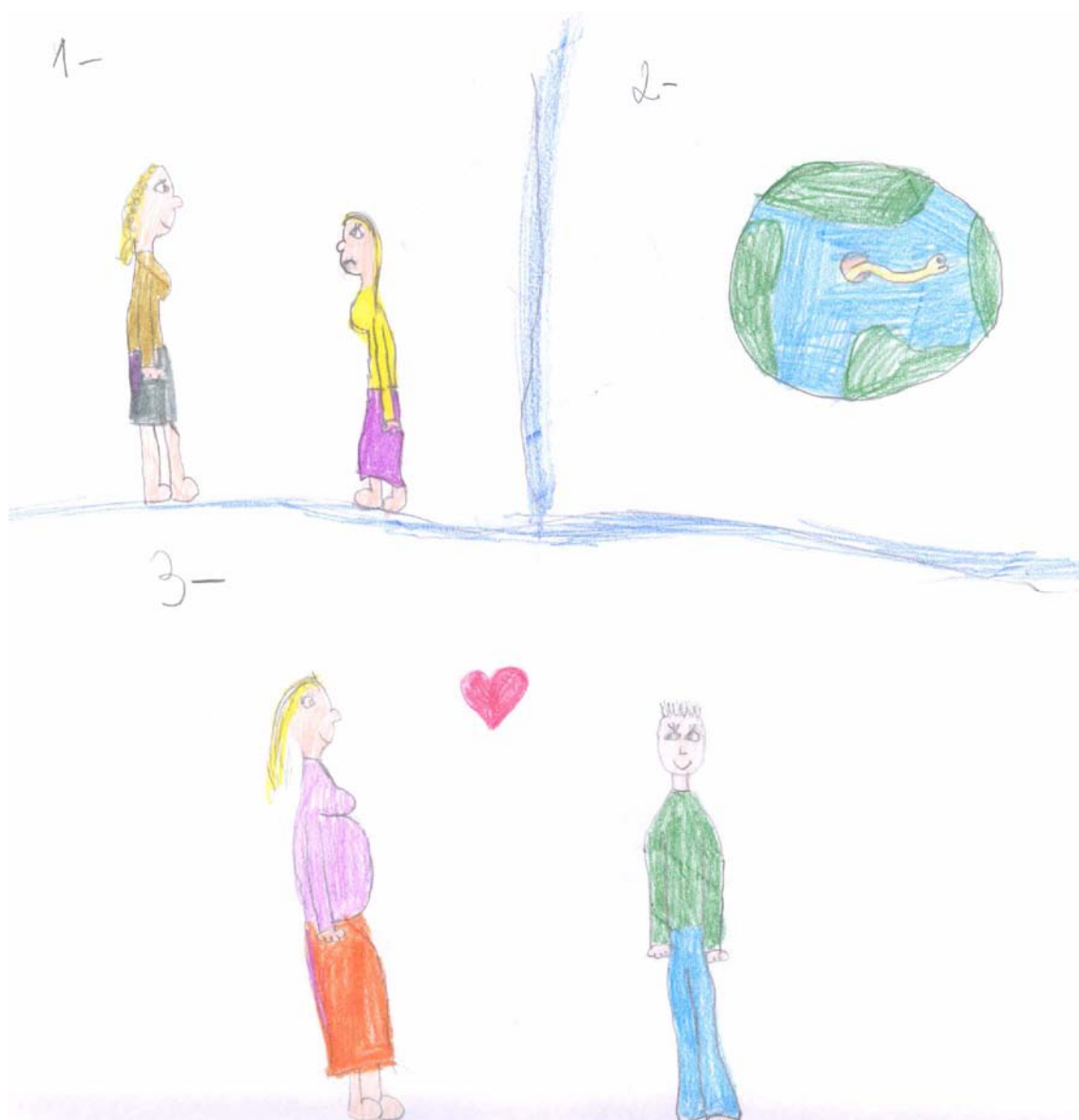


Figura 7 - Criança 3 - Idade: 11 anos
Desenho 1 - Malhação
Desenho 2 - Casseta e Planeta
Desenho 3 - Laços de Família

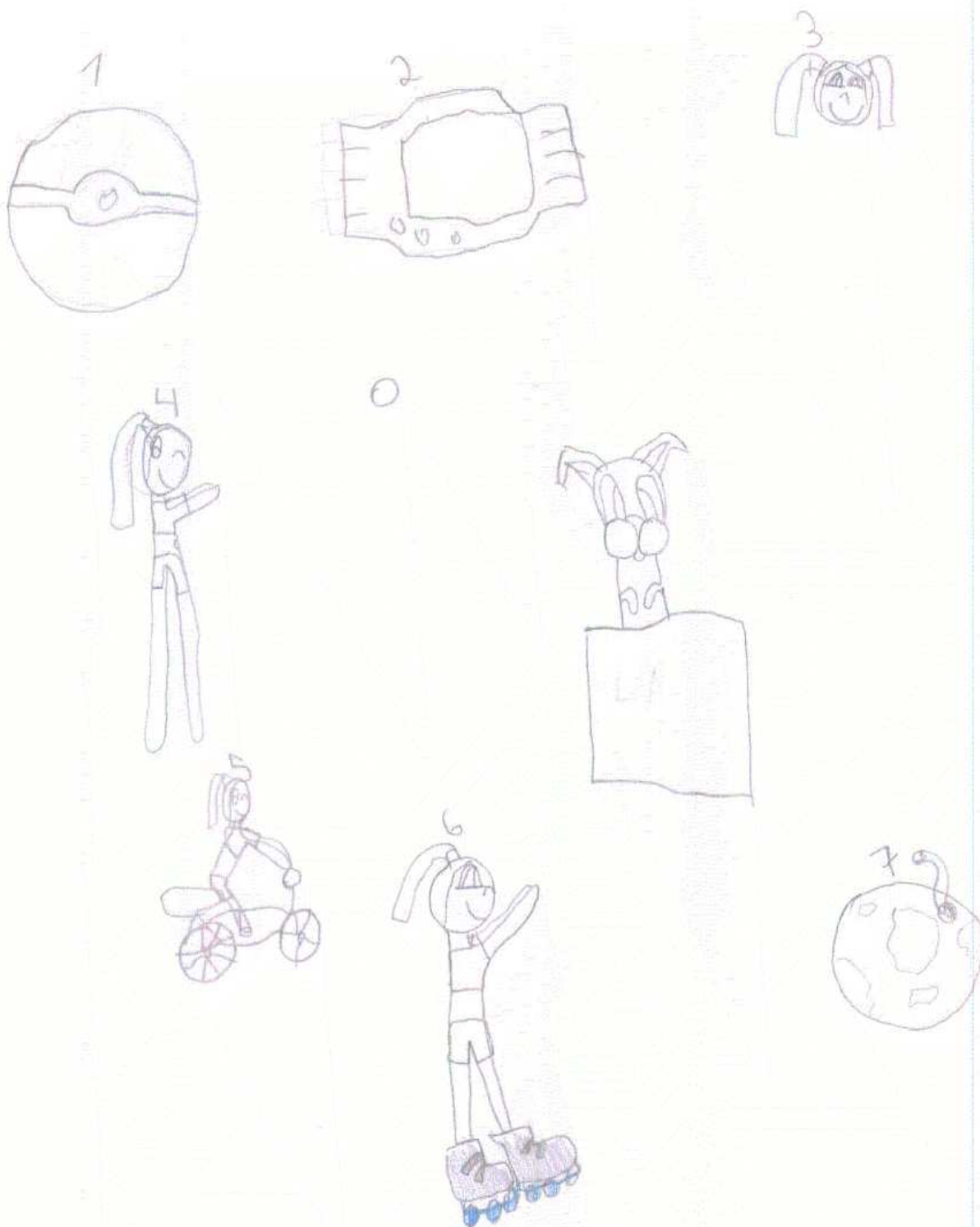


Figura 8 – Criança 14 – Idade: 9 anos

Desenho 1 Pokémon, desenho 2 Digimon, desenho 3 Sakura Card Captors, desenho 4 jogando bola com a cachorra, desenho 5 andando de bicicleta, desenho 6 andando de patins, desenho 7 Casseta & Planeta

Capítulo II

A infância e sua história

“A natureza quer que as crianças sejam crianças antes de serem homens. Se quisermos perverter essa ordem, produziremos frutos temporões, que não estarão maduros e nem terão sabor, e não tardarão em se corromper; teremos jovens doutores e velhas crianças. A infância tem maneiras de ver, de pensar e de sentir que lhe são próprias; nada é menos sensato do que querer substituir essas maneiras pelas nossas, e para mim seria a mesma coisa exigir que uma criança tivesse cinco pés de altura e que tivesse juízo aos dez anos. Com efeito, de que lhe serviria a razão nessa idade? Ela é o freio da força, e a criança não precisa desse freio.”

– JEAN JACQUES ROUSSEAU, *Emílio ou da educação*, Livro II, p. 86.

Das trevas à luz

Neil Postman¹, ao organizar a pesquisa sobre *O desaparecimento da infância*, reconstruiu a história da infância, desde suas raízes, até ameaça do desaparecimento, que vivenciamos hoje.

Pelas pesquisas de Postman², sabe-se muito pouco sobre as atitudes das crianças na antigüidade. As primeiras referências Postman as encontrou entre os gregos, que prestavam pouca atenção à infância como uma faixa etária especial. O conceito das palavras criança e jovem era ambíguo, não havia muita distinção. No campo das artes, das estátuas que restaram da Grécia antiga, nenhuma é de criança – o que também não pode significar que elas não fossem importantes.

É muito difícil recuperar a natureza da infância daquela época, mas um ponto é certo: os gregos eram apaixonados por educação e a idéia de escola foi uma invenção deles. E onde há idéia de escola há consciência das particularidades dos jovens e dos interesses e capacidade de cada idade. Os pesquisadores acreditam que a idéia de educação infantil surgiu na Grécia antiga, justamente porque havia aí a proposta de ensinar virtude aos jovens. Postman conclui:

¹ Neil Postman, professor titular do Departamento de Cultura e Comunicação da Universidade de Nova York, leciona na cadeira”, “*Media Ecology* tem 20 livros publicados, e grande parte de suas pesquisas discute a conexão entre mídia e educação.

² POSTMAN, Neil, *O desaparecimento da infância*, RJ: Graphia, 1999,

" Eles certamente não inventaram a infância, mas chegaram suficientemente perto para que, dois mil anos depois, quando ela foi inventada, pudéssemos reconhecê-la as raízes."

Os romanos assimilaram dos gregos a idéia de escolarização, mas deram um grande passo à frente, superando a noção grega com relação à infância: primeiro, foi a arte romana, que revelou uma grande atenção na diferença das idades; e, segundo, foi a conexão que fizeram entre a criança em crescimento e a importância da noção de vergonha.

Essa sensibilidade dos romanos foi uma percepção compatível com o pensamento moderno para a definição da infância: a criança para ter infância precisa sonhar, ser e estar protegida dos segredos dos adultos.

O conceito de vergonha para a proteção da infância é um dos pontos principais discutidos por Postman em sua pesquisa. A televisão, que fala de tudo sem nenhum pudor, pouco a pouco destrói a infância a partir da destruição da imagem de um mundo adulto maduro e ordenado, e a criança deve ser protegida do mundo adulto para que cresça com fé nesse mundo. E nesse aspecto Postman faz um paralelo da infância de hoje com a infância da Idade Média, período em que a grande maioria das crianças também participava integralmente do mundo dos adultos.

A história do mundo ocidental registrou o naufrágio do Império de Alexandre, o surgimento e a destruição do Império Romano, o nascimento do Cristianismo, o cisma de Bizâncio e Roma, o surgimento das Cruzadas e o crescimento rápido do Islamismo. Foi então que a Europa mergulhou na chamada Idade das Trevas e, depois, na Idade Média. Naquele período, toda a expressão artística foi sepultada, e nele são registrados três acontecimentos que contribuíram para o desaparecimento da infância: o primeiro, é que desaparece a capacidade de ler e escrever; o segundo é o desaparecimento da educação; e o terceiro é o desaparecimento da vergonha.

Como a maioria da população não sabia ler, o conhecimento era transmitido mediante sermões, dramas sacros e recitais, baladas e contos orais. Sem o condicionamento cultural para desenvolver a capacidade de ler, a vivência no mundo da oralidade excluiu a necessidade de escola.

Existiram escolas naquela época, principalmente as que eram ligadas à Igreja, mas, se um menino fosse estudar, provavelmente, teria que iniciar seus estudos por volta dos dez anos e, ainda, tinha adultos como colegas de classe. Sem a noção de educação e escolaridade, não havia percepção sobre as particularidades de cada idade. Desaparecia aí a noção de infância.

Nesse período, também não havia o cuidado físico com a criança, e a taxa de mortalidade infantil era altíssima. O infanticídio era uma prática perfeitamente aceitável. As famílias acabavam tendo muitos filhos na

esperança de que alguns deles sobrevivessem. Os maus tratos para com as crianças eram registrados mais no meio rural.

“Famílias inteiras se apinhavam em uma ou duas camas e se cercavam de animais domésticos, para se manterem aquecidos. Assim, as crianças se tornavam observadoras participantes das atividades sexuais de seus pais. Ninguém pensava nelas como criaturas inocentes, nem na própria infância como uma fase diferente da vida, claramente distinta da adolescência, da juventude e da fase adulta por estilos especiais de vestir e de se comportar.

Os camponeses, no início da França moderna, habitavam um mundo de madrastas e órfãos, de labuta inexorável e interminável, e de emoções brutais...”³

Não havia espaço para a infância tanto no mundo medieval quanto no início da era moderna, quando a criança, aos sete anos, era obrigada a ingressar no mundo dos adultos. Não havia respeito: palavreado vulgar, cenas ameaçadoras, necessidades biológicas, discussões, impulsos sexuais, tudo

³ DARTON, Robert. *O grande massacre dos gatos*. RJ: Graal, 1984, p. 47.

aconteciam sem restrições na frente dela. Era comum, inclusive, os adultos fazerem brincadeiras maliciosas com as partes íntimas das crianças.⁴

Como nenhum momento histórico do mundo se perenizou até hoje, essa fase, aos poucos, também foi chegando ao fim. O mundo entrou, então, na Galáxia de Gutenberg (1440). A galáxia que deu a luz à infância.

Um dos temas que lancei para as crianças foi o amor. Pedi para desenharem alguma imagem ou cena assistida na televisão que lembrava amor. Foi o tema mais polêmico em todos os quatro grupos. Quando recebi o resultado vários desenhos também me levaram a fazer um paralelo com as crianças que viveram na Idade Média e presenciaram a vida nua e crua. Só que, naquela época, as experiências eram reais, e a infância, bem ou mal, ganhava conhecimento de vida, mesmo presenciando o sexo, as brigas, as traições, as contradições do mundo desordenado que o homem até hoje tenta arrumar. Hoje, milhões na idade da infância vivem essa mesma experiência de forma virtual, por meio da televisão. (Figuras 1, 2 e 3)

⁴ ARIÈS, Philippe. *História social da criança e da família*. RJ: LTC, 1978.



Figura 1 – Criança 1 – Idade:10 anos

Cena do filme *Striptease*

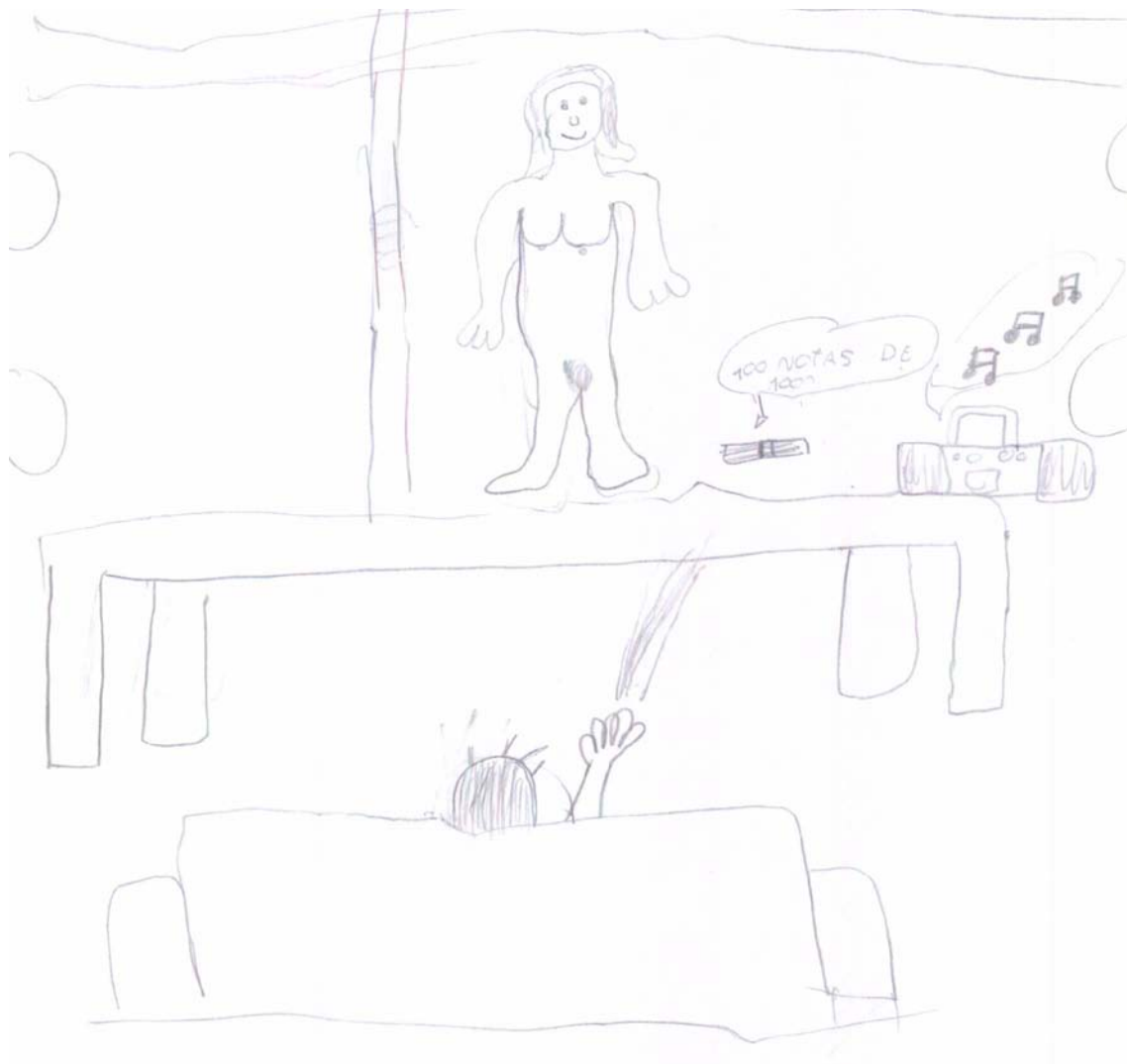


Figura 2 - Criança 6 - Idade: 10 anos
Cena do filme *Striptease*



Figura 3 – Criança 20 – Idade: 10 anos
Cena da novela *Uga-Uga*

Uma máquina, um novo tempo: o do reconhecimento da infância

Assim como o relógio, o barômetro, o termômetro e outras descobertas que de alguma forma medem os fenômenos naturais, também se pode considerar a prensa como uma máquina do tempo. Cada máquina traz um novo conceito de tempo. Tomando como referência as análises de Harold Innis, as mudanças na tecnologia da comunicação acarretam três tipos de efeito: alteram a estrutura dos interesses (em que se pensa), o caráter dos símbolos (com que se pensa) e a natureza da comunidade (a área em que os pensamentos se desenvolvem).⁴

Cada máquina é um conglomerado de idéias no tempo. Assim foi no caso da prensa, da fotografia, do cinema, da televisão, do vídeo, das imagens de síntese, e assim será com outras máquinas que estão por vir.

Partindo dessa idéia, o prelo criou um novo acesso ao mundo simbólico⁵, fazendo, conseqüentemente, surgir uma nova concepção da idade adulta. Era preciso saber ler e entender para ter participação nessa nova galáxia. Em razão dessa mudança, as crianças foram expulsas do mundo

⁴ Citado por POSTMAN, Neil. op. cit., p. 37.

⁵ Na concepção de Jung, o símbolo é a melhor figura possível de algo relativamente desconhecido que não se saberia designar de modo mais claro ou característico. Teixeira Coelho completa que o símbolo tem um significado que não é apresentável ou representável. O símbolo se refere a um sentido, não a um objeto sensível. Exemplo: a cruz não nos lembra dois pedaços de madeira ou apenas a palavra “cruz”, mas a idéia de relacionamento com outro mundo.

adulto e obrigadas a fazer parte do seu próprio mundo, que passou a se chamar infância.

Foi uma revolução intelectual no mundo ocidental. Cinquenta anos depois da invenção de Gutenberg, mais de oito milhões de livros haviam sido impressos na Europa. Surgia aí uma nova tradição: o leitor isolado e seu entendimento pessoal. Naquela época, houve uma divisão entre os que sabiam e os que não sabiam ler. Os primeiros absorveram novos fatos e percepções e seguiram o novo caminho que se abria, enquanto os últimos continuaram limitados, presos ao passado medieval.

Com a leitura em plena expansão, volta à cena a necessidade de escolarização. Era preciso conquistar a nova idade adulta. Com o sentimento de aprendizado, a civilização européia reinventa as escolas e volta a observar as peculiaridades específicas de cada idade, assim como se deu na Grécia antiga.

Nesse contexto, a civilização oral foi emudecendo e o leitor gradativamente foi mergulhando no silêncio, numa espécie de entendimento particular com o escritor. Essa nova máquina e esse novo tempo propiciaram tanto o desenvolvimento da individualidade quanto do individualismo. Foi um tempo em que o indivíduo pôde pensar e falar de si. E então se deu a passagem da ciência medieval para a ciência moderna. Esse forte sentimento do eu e a descoberta da importância de cada ser humano, somados à reinvenção da escola, formaram um terreno fértil para brotar a infância.

Mas esse novo mundo das crianças chamado infância não surgiu tão rápido assim. Foram necessários cerca de 200 anos depois da invenção de Gutenberg para a civilização ocidental entender que realmente existiam seres com interesses diferentes do que interessava aos adultos, e que eles tinham que fazer parte de um outro mundo: a infância.

O reconhecimento da infância foi surgindo gradativamente a partir do século XVI, quando ela passou a ser respeitada, enfim, quando as particularidades da idade passaram a ser reconhecidas como uma fase especial da vida. Uma fase que tinha outras necessidades e que precisava estar separada e protegida do mundo do adulto.

No fim do século XVI mudaram os trajes, as roupas. A partir daí as crianças tinham que se vestir com indumentárias próprias da infância e não mais como adultos em miniaturas. A pintura desse período em diante registrou bem essa mudança. Hoje, pouco a pouco, esse cenário está se revertendo, e assistimos meninas sendo erotizadas prematuramente por usarem roupas sensuais de adultos. Uma moda amplamente divulgada pela televisão.

Foi nas ilhas britânicas que a infância impôs-se mais cedo e com um perfil mais bem definido. A educação escolar começava aos quatro anos, período em que a criança era enviada à escola para aprender os caminhos de Deus, para aprender o que era certo ou errado de acordo com os conceitos da época. Hoje, a grande maioria aprende sobre a vida na frente de uma tela de TV. Os conceitos são disseminados via satélite.

Foi nesse período que teve início uma longa trajetória para impor uma disciplina bastante rigorosa às crianças. A natureza impetuosa, fantasiosa e cheia de sonhos da infância já incomodava pais e professores daquela época. Era preciso *domá-las* [grifo meu] para serem bons adultos. Era preciso desenvolver a quietude, a imobilidade e a contemplação para a leitura – características completamente opostas a uma infância sadia. Como Postman resume de forma irônica:

“Assim, a natureza teve de ser subjugada no interesse de se conseguir uma educação satisfatória e uma alma purificada.”

Postman lembra que Shakespeare, já em 1597, oferecia uma imagem de um menino que sabia muito bem que a escola era uma pequena experiência, um verdadeiro tubo de ensaio da idade adulta. Na passagem das *“Idades dos homens”*, em *Como Gostais*, ele fala do *“choroso colegial, com sua bolsa/ e rosto de luminosa manhã, indo relutante/ a passo de lesma para a escola.”*

Shakespeare protestava contra as escolas. Mas, talvez o protesto dele fosse contra os métodos de ensino daquela época. Principalmente na Inglaterra, onde era grande o rigor para com as crianças.

O surgimento da prensa de Gutenberg colocou a infância numa espécie de incubadora, uma vez que a idéia tinha que ser amadurecida para vir à luz. Foi o clima intelectual do século XVIII, o Iluminismo, que sustentou e realmente divulgou a idéia de infância. Foi o século de muitos filósofos e cientistas, também de Jean-Jacques Rousseau⁶ e das idéias do seu antecessor, o inglês John Locke⁷ (1632–1704).

Em 1757, Rousseau começou a escrever *Emílio*, um tratado pedagógico romanceado, no qual traçou as linhas gerais sobre como educar uma criança para se tornar um adulto bom. Com essa proposta, dividiu a educação em dois aspectos: o desenvolvimento das potencialidades naturais da criança e o seu afastamento dos males sociais. Defendia uma educação que respeitasse cada estágio e as necessidades individuais de cada um, insistindo que a criança crescesse em contato com a natureza. Parafraseando Rousseau: Para que produzirmos frutos temporões? Eles não estão maduros e ainda não têm sabor. Desta forma teremos, jovens doutores e velhas crianças.

⁶ ROUSSEAU, Jean-Jacques (1712–1778), nasceu em Genebra, Suíça, em família de origem francesa. Aos 30 anos estabeleceu-se em Paris. Foi um pensador importante para o reconhecimento da infância, mas também escreveu para diversos setores da sociedade. Autor do *Discurso sobre as ciências e artes* (1750), *Discurso sobre a origem da desigualdade* (1755), *Contrato social* e *Emílio* (1762), em 1765 começou suas *Confissões* e a morte interrompeu seus *Devaneios* (1778).

⁷ Nasceu na Inglaterra, estudou medicina, exerceu o cargo de secretário político de Estado, mas só aos 38 anos manifestou sua vocação filosófica. A partir de 1670/71 começou a escrever sua grande obra: *Ensaio sobre o entendimento humano*, que só terminaria em 1690. Ainda escreveu *Ensaio sobre a tolerância* e *A razoabilidade do Cristianismo*. Era contra Descartes e a doutrina de idéias inatas. Defendia o empirismo contra o racionalismo cartesiano. A sua principal doutrina era a teoria do conhecimento humano. Para Locke, esse conhecimento tinha sua origem na sensação e dizia que não existiam idéias inatas no espírito: “Nada há na inteligência que, antes, não tenha estado nos sentidos”.

Rousseau entra nessa pesquisa como o pensador que reconheceu a existência da infância e a importância do seu real amadurecimento: defendendo seus direitos e a necessidade das crianças serem amadas, amamentadas, viverem ao ar livre: *“Que corra, se divirta, caia cem vezes por dia, tanto melhor, aprenderá mais cedo a se levantar. O bem-estar da liberdade compensa muitos machucados...”*.⁸

Emílio era órfão de pai e mãe, mas, na verdade, era um aluno imaginário, e Rousseau era o seu tutor. No livro, ele se diz dotado de todas as qualidades para ser um bom preceptor, e pede que o leitor o julgue. Mas não pretendo atender a esse pedido. O julgamento de Rousseau já foi feito por muitos e deve estar arquivado, pois colecionou inimigos, principalmente por ter abandonado seus próprios filhos. Não cabe reabrir esse caso.

Rousseau foi um filósofo que atendia à burguesia. Era um pretenso tutor de crianças de famílias burguesas. *Emílio* era órfão mas não era pobre. É verdade que os livros dele tinham uma grande influência sobre o imaginário da burguesia francesa. Não só *Emílio* mas, principalmente, *La Nouvelle Héloïse* – uma história de amor com seis volumes, de 1761 –, foram livros de grande sucesso no século XVIII. Robert Darnton, diz que a maneira de ler Rousseau é impensável no mundo de hoje, mas ele reconhece:

*“Rousseau ensinou seus leitores a ‘digerir’ os livros tão completamente que a literatura era absorvida pela vida. Os leitores rousseauístas apaixonavam-se, casavam-se e criavam seus filhos encharcando-se com a palavra impressa.”*⁹

⁸ ROUSSEAU, J.J., *Emílio ou da educação*, SP: Martins Fontes, livro II.

⁹

Rousseau ditava modelos de virtudes para a educação, para a política, para o amor. Ele simplesmente pregava a moral imaginada para aquela época.

Locke já havia publicado em 1693 o livro *Pensamentos sobre educação*. Foi ele o responsável pela teoria de que, ao nascer, a mente é uma folha em branco, uma tábula rasa, colocando sobre pais e professores toda a responsabilidade do que será e deverá ser inscrito nessa “tábula”.

As teorias de Locke eram discriminatórias, na medida em que atendiam à manutenção do sistema e agradavam a comerciantes e industriais daquela época. A infância, mesmo ganhando força, era uma idéia da classe média. As crianças pobres não tinham acesso às escolas e muito menos à leitura dos livros. A sociedade do século XVIII era dura para com os filhos dos pobres, e o trabalho infantil era realidade em minas e indústrias, assim como José de Souza Martins registra em *O massacre dos inocentes* em fins do século XX.

Steinberg e Kincheloe acreditam que a infância é uma criação da sociedade sujeita a mudanças sempre que acontecem transformações sociais. Para eles, o apogeu da infância durou 100 anos (1850–1950), período em que ficaram protegidas do mundo adulto, retiradas das fábricas e colocadas em escolas. Com o advento da televisão, esse quadro foi gradativamente se revertendo.

DARNTON, Robert, *O grande massacre dos gatos*, RJ: Graal, 1986, p. 321.

Voltando a Rousseau, ele deu uma grande contribuição ao insistir que a criança é importante em si mesma, e não simplesmente como um meio para o fim. Já Locke considerava a criança um cidadão potencial, no qual sua “folha em branco”, sua mente, seria preenchida de acordo com a qualidade dos estímulos de fora e com o tipo de educação que recebesse.

Locke e Rousseau tinham análises diferentes sobre a infância, mas ambos lançaram as bases para que, duzentos anos depois, Sigmund Freud¹⁰ e John Dewey¹¹ discutissem o cuidado que se deve ter para com a infância.

Todos os grandes pesquisadores da infância nunca negaram a necessidade de a criança alcançar a vida adulta – isso também seria inevitável. Nunca se contestou que a responsabilidade de educar cabe ao adulto e que ele dá o melhor de si para cuidar das crianças. Mas o que falta é uma visão mais particular da infância. Uma visão do presente.

Dewey dizia que as necessidades psíquicas da criança devem ser atendidas em razão do presente, do fato de que a criança é – não do futuro, ou seja, do que ela será. Os

¹⁰ FREUD, Sigmund (1856–1939), nascido na Áustria, foi o criador da psicanálise e um dos autores que mais profundamente revolucionaram o pensamento de nossa época. Formou-se em medicina pela Universidade de Viena, onde mais tarde tornou-se professor. A teoria freudiana teve grande impacto também para a filosofia, ciências humanas e sociais em geral. Especialmente para a filosofia, sua revelação do inconsciente como lugar de nossos desejos reprimidos, origem de nossos sonhos e fonte de nosso imaginário, provocou um profundo questionamento da tradição filosófica racionalista que definia o homem precisamente por sua consciência e racionalidade.

¹¹ DEWEY, John (1859–1952), filósofo e educador norte-americano, foi professor de filosofia, psicologia e pedagogia nas Universidades de Chicago e Columbia (NY). Tornou-se célebre por ter fundado a chamada *escola ativa*; criticou severamente o sistema tradicional de ensino centrado no mestre, que ele chamava de monarca de classe; defendia a educação como preparação para a vida adulta, mas era completamente contra o autoritarismo e se preocupava com a construção pedagógica em torno da experiência: o problema prático que se põe à criança, seguido do debate no qual ela se engaja para resolvê-lo.

adultos deveriam perguntar: o que a criança precisa agora? Que problema precisa ser resolvido agora?

Certa vez, uma mãe perguntou-me sobre o que achava de ela mostrar uma revista de homens nus para a filha que estava ficando adolescente. A revista já estava comprada e era um ensaio um tanto exagerado para uma menina daquela idade. As fotos com certeza assustariam. Na época, ela tinha dez anos e, realmente, sua aparência física era a de uma mocinha, mas ela brincava de boneca com crianças de até cinco anos. A menina só tinha tamanho, mas ainda era criança. E a mãe queria antecipar uma situação para a qual a criança ainda não tinha sequer despertado. A menina estava na fase da fantasia. A vontade daquela mãe era dar uma educação sexual para a filha. Mas será que a menina estava preparada para ver aquelas imagens? Naquele dia, a revista foi escondida, mas desejo que ela não tenha mostrado aquelas fotos à filha.

Jean Piaget¹², ao dividir a infância em duas etapas, conclui em suas pesquisas que a adolescência chega por volta dos 11 ou 12 anos de idade. Nessa fase, há o chamado período de adaptação, de acomodação, o período de transição da segunda infância para a adolescência. Portanto, o coração só começa a bater mais forte no peito e o indivíduo torna-se pronto para se apaixonar por volta dos 13 a 14 anos. Não sei se é ingenuidade de minha parte, mas antes disso, acredito que seja mais uma imposição do sistema, é a curiosidade

¹² PIAGET, Jean, *Seis estudos de psicologia*, pp. 61 – 70

para saber como é esse sentimento chamado amor, e o que é o sexo, de que tanto se fala na mídia e que tanto é veiculado pela televisão.

Mas Steinberg e Kincheloe¹³ questionam esse pressuposto biológico da psicologia infantil clássica e assumem que fazem parte de um grupo de observadores críticos que estão começando a perceber que as mudanças nas condições sociais, culturais, econômicas, associadas ao acesso ilimitado das crianças às informações sobre o mundo adulto transformaram drasticamente a infância. Esses pesquisadores vêem a infância como uma construção social e alertam para as causas da crise contemporânea. Para eles, as causas estão localizadas no que chamam de *pedagogia cultural*, que é uma área pedagógica onde o poder é organizado e difundido, como bibliotecas, cinemas, televisão, jornais, revistas, brinquedos, propagandas, videogames, internet etc. O nosso trabalho discute o braço forte dessa chamada área pedagógica: a televisão.

Estaria aquela mãe agindo de acordo com essa nova visão de infância ao querer mostrar o ensaio de homens nus para a filha?

Uma propaganda de sapato de criança mostrava que na compra do produto ganha-se um relógio. No comercial, veiculado nas emissoras de canais abertos no segundo semestre de 2001, havia um menino, de no máximo oito anos, na porta da escola à espera de alguém, enquanto atrás dele estava uma menina, da mesma idade, a quem ele perguntava a hora várias vezes seguidas. O menino achou o relógio bonito e indagou sobre o acessório.

13

STEINBERG and KINCHELOE, op. cit.

A garotinha explicou que ganhou ao comprar o sapato. Naquele momento ele olhou para trás e viu chegando a menina que aguardava ansiosamente. Mas, como num toque de mágica, ele resolveu fugir com a primeira porque ela estava com um sapato bonito e um relógio interessante! A princípio, é só um comercial inocente de sapato para criança. Mas, sem nenhuma intenção de dar um tom de moralidade, é simplesmente a TV comercial querendo fazer crer à criança, meninos e meninas, que para atrair pessoas interessantes ela deve ter sapatos e relógios também interessantes, como esses que sempre são mostrados pela televisão. É induzindo desde criança: fique esperto para não ser passada para trás, nós damos a receita certa...

Temos que reconhecer que as fórmulas na produção dos comerciais são cópias de parábolas: use isto que a sua vida será desse jeito, compre este outro produto pois assim estará conquistando o amor de sua vida, faça tal investimento para ser um vencedor, coma esse alimento para viver no paraíso, e assim circulam os comerciais fazendo um verdadeiro trabalho de catequese de consumo já na infância.

Outro aspecto que não se pode negar é que as meninas/os de 11 ou 12 anos, atualmente, confundem muita gente, pois aparentam ser mais velhos. Temos que reconhecer que a constituição física dessa nova geração é muito diferente, inclusive da geração da minha época. Em 1971, tinha 11 anos, e toda a minha turma ainda estava na fase da infância, brincando de boneca, de pega-pega e outras brincadeiras mais. Hoje, a geração dessa faixa etária possui interesses bem diferentes: frequenta cabelereiro, gosta de

passar em *shoppings*, de comprar roupas de marcas famosas, e o grande sonho das meninas é ser manequim. Já refletem a modelização da geração.

Mas, apesar de toda essa aparência, que espero que seja enganosa, ainda concordo com as pesquisas de Piaget: a infância tem que ser completada para se entrar com segurança na adolescência. Mas vejo o mundo correndo contra a natureza real do indivíduo, e a televisão é o meio que mais contribui para essa corrida contra o tempo.

Infância, livros e escola. Concluindo esta parte, é importante frisar que a primeira surgiu em virtude das demais e que cada país integrou essa nova idéia, a infância, de acordo com sua capacidade econômica, religiosa e intelectual.

Assim como os livros foram importantes para o nascimento e para a sobrevivência da infância, a televisão – uma máquina de transmissão à distância que entrou em operação cerca de 500 anos depois da prensa de Gutenberg – trabalha para dismantelar, para seqüestrar, essa importante fase da vida.

O comercial, por ser rápido, é o que mais chama a atenção das crianças. As parábolas são eficientes. Nos temas amor e violência, muitos desenhos surgiram só com a logomarca ou o nome do programa, que aparece todas as vezes em que a emissora faz um comercial do episódio que vai ao ar. A história do programa as crianças descreveram depois, na entrevista gravada. Elas sabem que a violência é exibida no programa *Linha Direta*, da Rede Globo, ou no programa de auditório do *Ratinho*, da Rede Record. Sabem perfeitamente que amor é coisa de novela. (Figuras 4, 5, 6 e 7)



Figura 4 – Criança 15 - Idade: 11 anos



Figura 5 – Criança 16 – Idade: 12 anos



Figura 6 – Criança 20 – Idade: 10 anos



Figura 7 - Criança 12 - Idade: 7 anos

Capítulo III

Do faz-de-conta à televisão

“O esquizofrênico moderno, escravizado por suas máquinas de influenciar, não está melhor nem pior (a não ser pelo acesso à psicoterapia) do que o homem medieval que se sentia perseguido pelo demônio. Só que não nos salvamos dos antigos demônios por acreditar nos anjos, mas por termos criado a ciência moderna. O que agora temos de enfrentar é o mal potencial da máquina, embora sua única origem seja a imagem da máquina na mente do homem. Devemos, portanto, tirar dessa investigação uma lição sobre o que precisa ser feito para impedir a máquina de nos subjugar.”

- BRUNO BETTELHEIM, *O coração informado*, 1985, p. 55.

O abandono dos contos de fadas

Os contos e fábulas floresceram nos elegantes círculos de Paris, no fim do século XVII. Charles Perrault, um dos principais mestres do gênero, recolheu histórias da tradição oral do povo e fez adaptações para agradar os gostos sofisticados da elite. Ele não mudou a linha original das histórias, mas eliminou as barbaridades, unindo a cultura popular à cultura de elite. Os contos não eram histórias da burguesia, muito pelo contrário, retratavam a vida nua e crua nos campos e nas aldeias da França Medieval e início dos chamados Tempos Modernos.

Os contos originais que circulavam nas aldeias da França e também da Alemanha eram marcados por histórias macabras, com violências praticadas pelos pais contra os filhos, ou vice-versa. Histórias que falavam de um mundo com incesto, canibalismo, estupro, fome, vingança, disputa, doenças, mortes.¹ Os folcloristas franceses chegaram a registrar dez mil contos em vários dialetos. Eram histórias que, no fundo, retratavam o imaginário da vida nos campos.

Mas Rousseau, embora tivesse reconhecido as particularidades da infância, era contra qualquer tipo de livro para criança. Dizia que as fábulas eram de moral impura e

¹ DARNTON, Robert, op. cit. pp. 20 - 101

que, se lidas fora da idade certa, conduziriam a criança mais ao vício do que à virtude:

“Emílio jamais aprenderá nada de cor, nem mesmo fábulas, nem mesmo as de La Fontaine, por mais ingênuas e encantadoras que sejam (...) Como podemos ser tão cegos a ponto de chamar as fábulas de moral das crianças, sem imaginar que o apólogo, ao diverti-las, engana-se; que, seduzidas pela mentira, elas deixam escapar a verdade e que o que fazemos para tornar agradável a instrução impede-as de tirar proveito dela? As fábulas podem instruir os homens, mas devemos dizer a verdade nua para as crianças; quando a cobrimos com um véu, elas não se dão o trabalho de retirá-lo.”²

Ao escrever *Emílio*, Rousseau pede desculpas pelo seu paradoxo. Ele diz que a criança não iria entender uma fábula. Primeiro, em razão das idéias que se queria transmitir, e ele acreditava que a criança não *poderia* [grifo meu] compreender essa idéia, porque, na concepção dele, a criança não entenderia a forma poética como a fábula era escrita – fácil de ser retida, mas difícil de ser compreendida, já que não se fala em prosa e verso.

² ROUSSEAU, J.J., *Emílio ou da educação*, SP: Martins Fontes, p.121.

A segunda preocupação de Rousseau com relação aos contos eram as imagens distorcidas que a criança produziria ao ouvir essas fábulas – dos animais, dos sons e das idéias, enfim, que não estariam em concordância com a realidade da natureza. Para ele, a leitura era o flagelo da infância, já que era contra a excitação precoce da imaginação, porque esta poderia tornar-se uma fonte de infelicidade futura.

Volto a dizer que não sou contra o fato de a criança assistir a televisão. Mas vejo o seqüestro na produção de imagens originais porque as crianças recebem enxurradas de imagens e conteúdos com informações distorcidas, irreais e, às vezes, até mentirosas, como nas novelas, que são as campeãs da audiência infantil. É uma realidade que merece reflexão, porque as crianças estão abandonando os contos de fadas, rica fonte de produção das imagens imaginárias, em favor da televisão. Acredito que os livros exercitam a imaginação das crianças para uma felicidade futura, mas o excesso de tempo em frente a TV abafa essa imaginação.

Mas por que os contos eram imorais para Rousseau? Acredito que ele achava os contos imorais primeiro porque eram histórias populares³, tinham palavreado e idéias impróprias para a educação que ele almejava. Segundo, porque a sociedade burguesa daquela época não aceitava que o indivíduo carregasse o bem e o mal dentro dele. Não aceitava a ambigüidade natural do ser humano. Tanto que ele dizia que o homem tinha que

³ Rousseau mesmo dizia que *“as palavras das fábulas são as fábulas, tanto quanto as palavras da história são a história.”*

ser educado para se tornar bom. E o que seria esse homem bom?⁴ O chamado lado escuro do homem era categoricamente negado, e a educação voltava-se para um falso moralismo. As traições, as brigas, o estupro, o incesto, o culto ao dinheiro, os conflitos, as guerras, as loucuras das paixões, tudo isso também acontecia naquela época, talvez de forma muito mais intensa. Mas muita coisa era escondida e, principalmente, das crianças burguesas, de quem Rousseau se propunha a ser o grande educador. Hoje não temos como omitir tudo isso da infância, é só ligar a televisão.

As idéias de Rousseau eram moralistas. Mas a moral é um entendimento particular de uma determinada situação, da realidade de cada país. O que é moral para uma cultura é imoral para outra. Eu não pretendo entrar nessa discussão, mas também não estou propondo idéias moralistas para infância. Tento, apenas, trabalhar em defesa do resgate de sua singularidade.

Quando Rousseau diz que a criança não pode entender uma fábula, realmente ela não vai compreender da mesma maneira que um adulto, mas a seu próprio modo, elaborando a história de acordo com a sua experiência de vida e suas necessidades psicológicas. Ele não desenvolveu estudos psicanalíticos para desvendar os mistérios da mente humana, mas foi um pensador sensível aos problemas políticos e sociais de sua época.

⁴ Temos que admitir que o que é bom para uns, é péssimo para outros. Um exemplo extremo é o de Hitler, que almejava solidificar um país com homens “bons” e com uma “raça pura”, e nessa tentativa perseguiu os homossexuais, os artistas, as pessoas que a SS considerava transgressoras sexuais, os ativistas políticos, os Testemunho de Jeová, os judeus, e todos que achava que se opunham às suas idéias. Assim, matou cerca de 6 milhões de pessoas.

O estudo psicanalítico sobre a importância dos contos de fadas só veio bem mais tarde. Freud, o pai da psicanálise, desenvolveu suas pesquisas a partir do final do século XIX. Nos Estados Unidos, o psicanalista Bruno Bettelheim⁵ realizou um estudo minucioso e publicou um trabalho didático sobre a importância dos contos de fadas⁶ para a infância.

Educador e terapeuta de crianças gravemente perturbadas, Bettelheim encontrou nos contos de fadas o caminho para essas crianças descobrirem um significado para suas vidas. Ele afirma que *os contos deveriam ser lidos por indivíduos de todas as idades*.

“As gerações passadas de crianças que amavam e sentiam a importância dos contos de fadas estavam submetidas ao escárnio somente dos pedantes...Hoje em dia nossos filhos são despojados ainda mais dolorosamente – porque são privados completamente de conhecer os contos de fadas. A maioria das crianças agora conhece os contos de fadas só em versões amesquinhas e simplificadas, que amortecem os significados e roubam-nas de todo o significado mais profundo – versões como

⁵ BRUNO BETTELHEIM (1903 –1990) – Austríaco, formado pela Universidade de Viena, reconhecido mundialmente como um dos principais psiquiatras infantis; foi prisioneiro no campo de concentração nazista de Dachau e Büchenwald, mas em 1939 imigrou para os Estados Unidos, onde foi professor de educação, psicologia e psiquiatria na Universidade de Chicago.

⁶ BETTELHEIM, Bruno. *A psicanálise dos contos de fadas*. RJ: Paz e Terra, 1980.

as dos filmes e espetáculos de TV, onde os contos de fadas são transformados em diversão vazia.”⁷

Esse livro de Bettelheim foi publicado em 1980. Naquela época ele já se preocupava com a infância que, gradativamente, vinha substituindo os contos dos livros pelos da TV. Hoje elas substituem não só os contos, mas os programas infantis pelos de adultos. E o que vamos discutir daqui para frente é o que essa substituição pode acarretar tanto para a criança quanto para o adulto, no futuro.

O trabalho psicanalítico de Bettelheim foi desenvolvido sobre as versões mais polidas dos contos, como as de Perrault. Mesmo assim, ele diz que os contos transformados em filmes e transmitidos pela televisão dão um outro formato, tirando da história o horror, o feio, o monstro e aliviando as feições das bruxas. Com uma nova elaboração, vão ao ar carregados de interpretações dos adultos, retirando toda a oportunidade da criança em trabalhar seus processos e problemas internos.

Muitos pais, preocupados com a estrutura dos contos clássicos, acabaram abolindo essas histórias de suas famílias. Assim, também tiraram das crianças a oportunidade de alimentar a imaginação e de estimular as fantasias. Alguns pensam que contar casos fantásticos é mentir para a criança, outros acreditam que levar o filho para o mundo da fantasia é reforçar a crença em mágicas. Só que a criança precisa de fantasia para lidar com

⁷ BETTELHEIM, op. cit., p. 32.

a realidade e também só deixa de acreditar em magia quando cresce ou sofre uma grande decepção.

A grande e crucial diferença do conto de fadas na televisão para o conto lido, é que o conto oral dá à criança a oportunidade de elaborar a história de acordo com as suas referências. Dá oportunidade de produzir as imagens imaginárias. A televisão, não, mostra a história já elaborada, e a referência, por exemplo, da expressão de uma bruxa ou de uma fada, passa a ser coletiva e não mais singular. O conto transita entre a vida interna e externa, permitindo à criança construir pontes sobre a grande lacuna entre a experiência interna e o mundo real.

O conto de fadas é importante a partir do momento em que ajuda a criança encontrar significado na vida. Isso é o que todo ser humano busca, mesmo de forma inconsciente. Pela teoria de Bettelheim, o conto articula a vida interior com a exterior.

Sem querer plantar um excesso de romantismo, é válida a observação de John Condry de que a televisão está substituindo os contos por histórias modernas, desviando as crianças da leitura e impedindo a recordação da tradição oral desses contos. Condry diz que a televisão vive no presente, não respeita o passado e revela pouco interesse pelo futuro.⁸ Mas não se pode negar que passado e futuro são ligados, e que o presente é fruto do passado e que o futuro está relacionado a ambos.

⁸ POPPER e CONDRY. *op. cit.*

A partir do momento em que a infância vai se aproximando mais do mundo do adulto e utilizando a televisão como principal veículo para encurtar esse caminho, o *faz-de-conta* fica cada vez mais distante, restringindo-se a uma fase muito inicial da vida do indivíduo, isto é, à primeira infância.⁹

Como os contos respondem a questões importantes para a criança, são considerados pela psicanálise um agente integrador da personalidade, e sob este aspecto, considero a televisão como agente desintegrador. Pelas análises de Bettelheim, a desintegração pessoal acontece quando o indivíduo perde a autonomia e começa a depender de um outro fator, seja ele tecnológico ou uma instituição, para tomar decisões externas. Com o passar do tempo, essa falta de capacidade para decidir toma proporções e atinge os conflitos internos, deixando o indivíduo sem condições para resolver seus problemas pessoais.¹⁰

A infância que atraiu o meu olhar está completamente inserida na era tecnológica da sociedade de massa. São as máquinas e o conforto que essa sociedade oferece que determinam os caminhos que devem ser seguidos, os sonhos que devem ser perseguidos e de que forma as crianças devem ordenar suas vidas. Só que a vida real é complicada e as situações não são ordenadas como a TV ensina para a criança. Aí então, quando ela tem que resolver uma situação real, pode-se sentir completamente desencorajada e desestabilizada porque não internalizou e nem aprendeu a trabalhar suas relações pessoais.

⁹ Jean Piaget dividiu o desenvolvimento mental da criança nas seguintes etapas: o recém-nascido e o lactante; a primeira infância (de dois a sete anos); a segunda infância (de sete a 12 anos) e a adolescência.

¹⁰ BETTELHEIM, Bruno. *O coração informado*. RJ: Paz e Terra, 1985.

Bettelheim diz que, se uma criança ouve apenas histórias realistas, que soam falsas para a sua realidade interna, ela corre o risco de concluir que grande parte do seu eu é inaceitável, inclusive por seus pais. Crianças que ficam fora do seu mundo interior crescem vazias e, na adolescência, podem surgir problemas, como odiar o mundo racional e fugir para o mundo da fantasia, na tentativa de compensar a infância perdida. Um problema que também pode avançar até a idade adulta e trazer sérias conseqüências como o indivíduo tornar-se insatisfeito, sentindo-se um ser incompleto ao longo da existência.

O conto de fadas fala de bruxas, mas sempre reforça que existem boas e poderosas fadas. O conto mostra que existe o mal e o bem. Mostra a tristeza e a alegria, o feio e o belo, o ódio e o amor, fala de destruição e recomeço: quando tudo parece perdido para a *Cinderela*, surge a fada madrinha! O conto mostra a natureza dúbia do homem, mas não deixa dúvidas para as crianças de que o final pode ser feliz. Tudo depende da forma como se vê a realidade. Traz a esperança de que a vida tem sentido e que é possível vencer as dificuldades.¹¹

O *felizes para sempre* também tem um significado para a criança. O meu filho mais novo, aos cinco anos, sempre viajava neste mundo da fantasia. É muito interessante. Ele contava, e ainda conta, aos seis anos, histórias e mais histórias que fica difícil descobrir onde está o início, o meio e o fim. Bem, o fim esse sempre descobrimos, porque depois de ir

¹¹ Assim como João e Maria, que sobreviveram na floresta, enfrentaram a bruxa e ainda voltaram para casa trazendo riquezas para a pobre família. O pai, que havia abandonado os filhos por falta de dinheiro para sustentá-los, também está arrependido do que fez e livre da mulher malvada.

e vir com as palavras meio que desencontradas, ele cruza os braços e coloca um ponto final: *e aí... foram felizes para sempre!* É como se o *felizes para sempre* fosse a solução para o ponto final da história. Se foram *felizes para sempre* ninguém precisa perguntar mais nada, porque já está tudo resolvido. Já está tudo resolvido dentro dele. As perturbações emocionais surgem justamente por conta de conflitos não solucionados.

Hora de dormir é hora de voltarmos aos tempos do *Era uma vez...* Todas as noites precisamos ler uma, duas ou várias histórias para as crianças. E a grande dificuldade delas é imaginar o conto, acompanhar a narração, e elas insistem: *Mãe, cadê a figura? Mostra mãe, a figura! Vai lendo e vai mostrando a figura, viu?*

É sempre assim. É incrível a dificuldade que têm de se abstraírem na história. As crianças fazem parte da geração da imagem. É um fato que me chama atenção é que essa é a geração da imagem pronta. Mas mesmo assim, nós sempre insistimos: *Imaginem vocês, nós não vamos mostrar as figuras.*

Começamos a adotar outros tipos de livros, com menos figuras, e eles reclamam, precisam de modelos. Precisam de imagens prontas para criar uma referência. Dá trabalho, dá muito trabalho tirar uma criança da frente de uma televisão.

Bettelheim diz que a história ilustrada perde muito conteúdo de significado pessoal quando as associações visuais se baseiam nas do ilustrador. O importante é a criança desenvolver suas próprias associações. Cada ouvinte deve formar seu próprio quadro ao ouvir, por exemplo, um trecho que descreve uma paisagem. Esse quadro vem carregado de detalhes específicos da vida pessoal do ouvinte, o que torna a história uma experiência pessoal muito mais rica.

O psicanalista diz um fato real: a sociedade vive atrás de facilidades.

“Adultos e crianças igualmente preferem, com frequência, o caminho mais fácil de ter alguém que execute a tarefa trabalhosa de imaginar a cena da história. Mas se deixamos um ilustrador determinar nossa imaginação, ela se torna menos nossa e a história perde muito de sua significação pessoal...”

Ver o monstro tal como foi pintado pelo artista, de acordo com a imaginação dele, que é tão mais completa quando comparada à nossa própria imagem vaga e instável, rouba-nos este significado. A idéia do monstro pode então nos deixar inteiramente frios, não tendo nada de importante para nos dizer, ou pode-nos assustar

*sem evocar qualquer significado mais profundo além da ansiedade.”*¹²

Creio que realmente as cenas, as imagens prontas emitidas pela televisão, realmente deixam as crianças frias e amedrontadas. Mcluhan classificou a TV como o meio frio de comunicação¹³. São três milhões de pontos por segundos formando uma espécie de imagem-chuveiro que deságua sobre o telespectador. E para formar essa imagem, ele capta apenas algumas dúzias desses pontos luminosos. São imagens de baixa definição que, conseqüentemente, reduzem a realidade, a intensidade e força da informação.

No mês de março de 2001 aconteceu um fato com a minha filha que retrata bem a que ponto esse meio frio cristaliza os sentimentos de muitas crianças. Nós a deixamos em uma festa de aniversário de um colega de escola em uma dessas redes de *fast food*, próxima à região central de Campinas. Ela ficou cerca de uma hora e meia nessa festa. Quando chegamos para pegá-la, a mãe do aniversariante estava apavorada porque havia acontecido um tiroteio entre a polícia e um assaltante na esquina desse *fast food*. A família teve de recolher as crianças às pressas, mandando que todas se escondessem debaixo das mesas,

¹² BETTELHEIM, op. cit. , p. 76.

¹³ MCLUHAN, Marshall, *Os Meios de Comunicação Como Extensões do Homem*, SP, Cultrix: 1964.

Mcluhan define o meio quente como aquele que prolonga um único de nossos sentidos e em alta definição – que nesse sentido se refere a um estado de alta saturação de dados. E o meio frio é o de baixa definição, o que fornece pouca informação, sendo preciso preencher com os sentidos. Para ele, o cinema é um meio quente e a TV um meio frio.

e muitas desobedeceram desafiando as balas que cruzavam pela festa. Elas não tinham noção do perigo que estavam correndo, porque assistem a tiroteios todos os dias na televisão – fato que se tornou algo banal, sem significado de perigo. A minha filha entrou no carro e não contou nada do que se tinha passado. Depois de termos andado mais de dez quarteirões (de carro) é que se lembrou e perguntou: *Você soube, mãe, o que aconteceu na festa?* Deixamos que ela contasse para sentirmos até onde ia a frieza. E ela só despertou para o medo da situação que viveu, às três horas da madrugada, quando perdeu o sono e, talvez, tenha se dado conta do perigo que tinha corrido.

“Os que baniram os contos de fadas tradicionais e folclóricos decidiram que, havendo monstros numa história narrada à criança, deveriam ser todos amigáveis – mas se esqueceram do monstro que a criança conhece melhor e com o qual se preocupa mais: o monstro que ela sente ou teme ser, e que algumas vezes a persegue. Mantendo este monstro dentro da criança, sem falar dele, ou escondido no inconsciente dela, os adultos impedem-na de elaborar fantasias em torno de imagem que conhecem dos contos de fadas. Sem estas fantasias, a criança não consegue conhecer melhor seu monstro, nem recebe sugestões sobre a forma

de conseguir controlá-lo. Em consequência, fica impotente face às suas piores ansiedades – muito mais do que se tivesse ouvido contos de fadas que dão forma e corpo a estas ansiedades e mostram também os meios de vencer estes monstros.”¹⁴

Bem fizeram João e Maria em jogar a bruxa para ser queimada no fogão. Já que ela tanto os aterrorizava, porque não acabar com ela? A mente da criança funciona assim. Parecem cruéis, mas não o são. Elas só precisam de fantasia para ordenar o caos e entender o mundo.

Quantos menores confinados em instituição para recuperação, verdadeiros presídios para crianças, jogam pela janela funcionários ou colegas que traíram a sua confiança? A televisão mostra isso. São imagens fortes, que transformam essas vítimas do mundo capitalista em monstros temidos pela sociedade. Imagens que reforçam o medo do homem pelo próprio homem. Mas esses menores não são monstros. São crianças *cruéis* como quaisquer outras. Mas essas, em especial, além de terem uma vida pobre em fantasias, também foram massacradas pelo sistema social. Foram completamente excluídas. A única salvação que lhes resta é mostrar a imagem do seu flagelo.

¹⁴ BETTELHEIM, op. cit., p.. 151.

O pensamento racional que o progresso tecnológico *tenta* conduzir à infância serve apenas para confundir e iniciar um trabalho de desintegração da singularidade do ser humano. Quando Bettelheim diz que o conto integra e eu vejo a TV como um agente desintegrador da personalidade, é justamente porque a máquina de entretenimento oferece opções e soluções para tudo – saúde, comida, casa, relacionamento, felicidade, e tantas outras mais . Para ser autônoma e encontrar soluções para os obstáculos naturais da vida, é preciso ensinar desde criança a decidir, e não se deixar levar pelas decisões de uma máquina. Não se deixar ser trabalhada, por uma ferramenta, a ferramenta tecnológica – a televisão. Bettelheim fala do risco de assistir histórias com imagens já elaboradas, como a televisão faz, e que as referências de determinadas imagens passam a ser coletivas e não mais singulares. Isso aparece nas entrevistas-desenhos. (Figuras 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8)



Figura 1 – Criança 4 – Idade: 7 anos



Figura 2 – Criança 5 – Idade: 12 anos

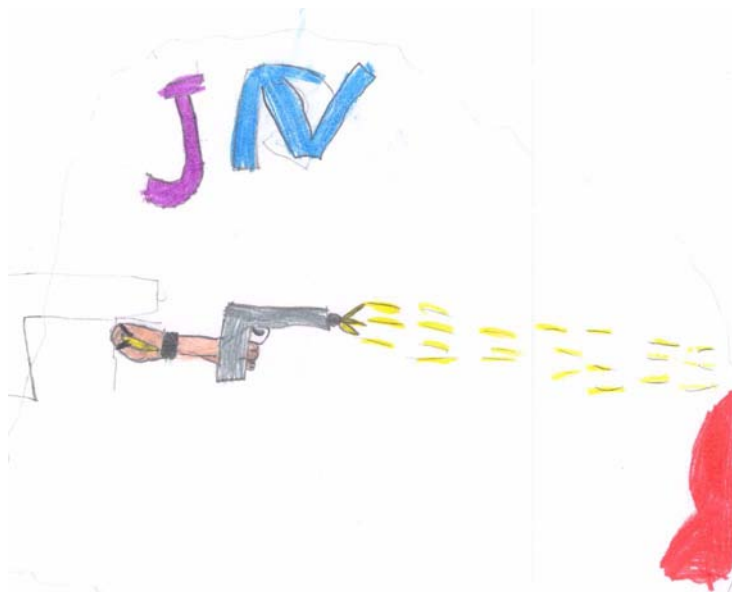


Figura 3 – Criança 4 – Idade: 7 anos

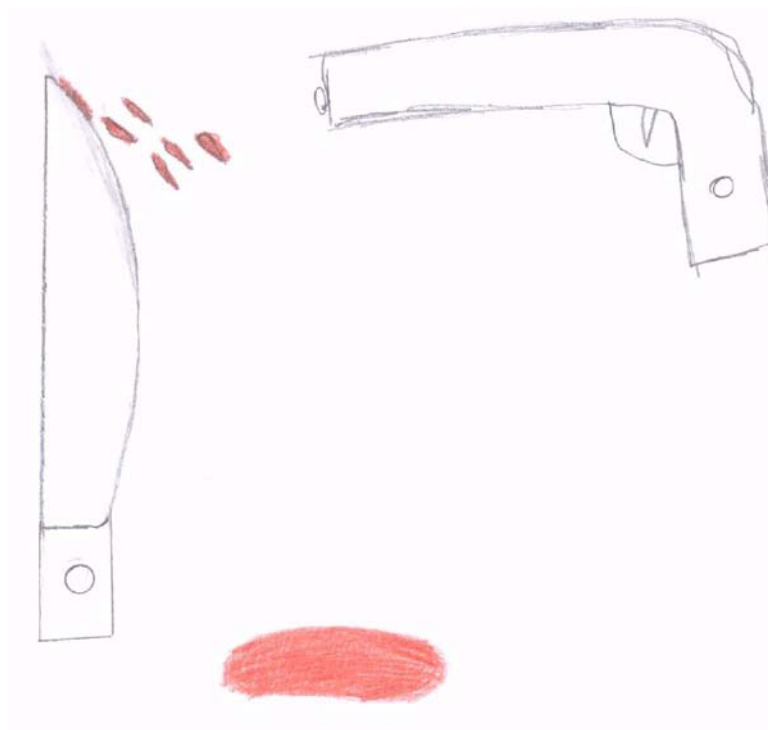


Figura 4 – Criança 17 – Idade: 10 anos



Figura 5 – Criança 15 – Idade: 11 anos

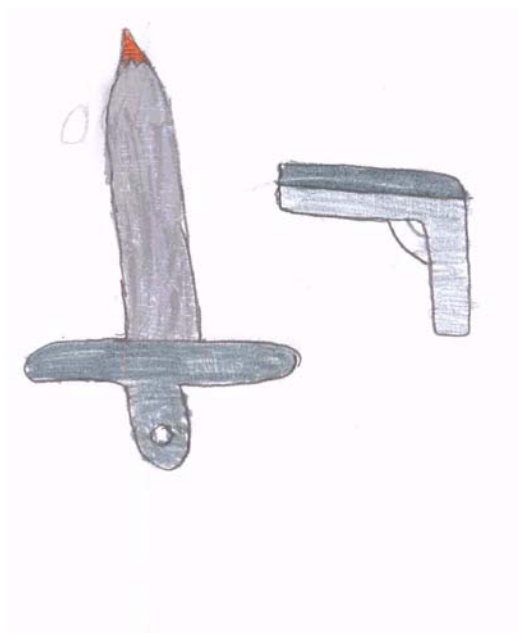


Figura 6 – Criança 16 – Idade: 12 anos

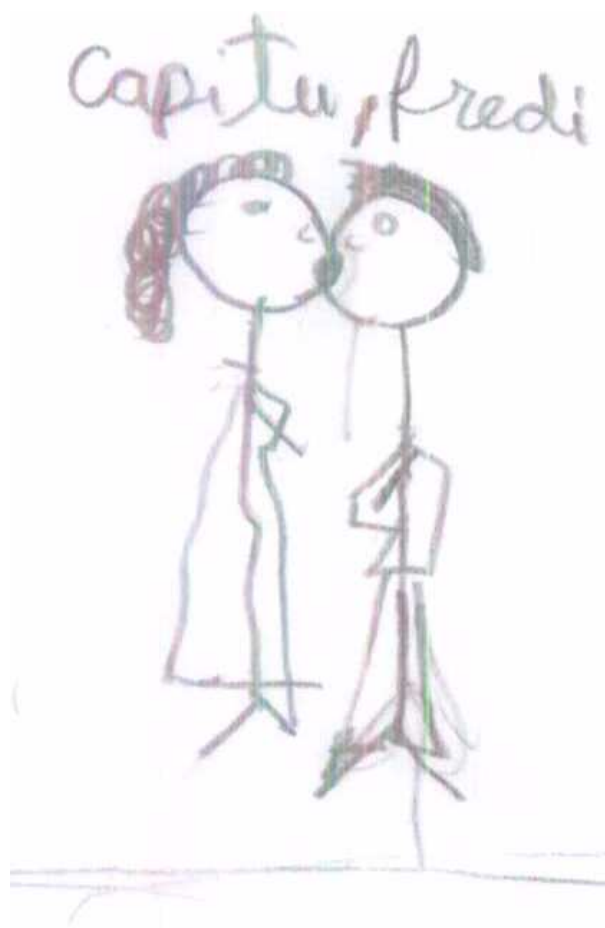


Figura 7 – Criança 2 – Idade: 9 anos



Figura 8 – Criança 3 – Idade: 11 anos

As imagens das brincadeiras

Os pés claros e finos alargavam-se e ganhavam o colorido do barro. Os pés, sempre descalços, se arrastavam pelas poças cheias de água das chuvas de verão. A terra fina se transformava num barro mole que deslizava entre os dedos miúdos. Saíamos de uma poça e entrávamos noutra. Assim, íamos, um pequeno grupo de primos e amigos, passeando e brincando pela nossa inesquecível praia de Marataízes, um então bucólico balneário na região sul do Espírito Santo.

Era a única época do ano que me separava da televisão. Férias de inverno ou verão, vento sul ou nordeste, estávamos todos lá para nos encontrar e para brincar. Brincávamos muito. Tomávamos banho de mar, andávamos a cavalo na praia, passeávamos sem rumo, fazíamos piqueniques. Subíamos os morros para explorar os pastos e lá levávamos carreiras de algumas vacas bravas. Jogávamos queimada na rua empoeirada, o pó que quando chovia se transformava em lama. Mas a melhor brincadeira de todas era descer o barranco com um papelão para escorregar. Ficávamos todos vermelhos de poeira. As férias de verão só se encerravam depois do carnaval, e duro era quando a folia caía no início de fevereiro. O Bloco *Alegria, Alegria* fazia a festa da família.

A televisão? Não tinha tempo para me lembrar do aparelho. As brincadeiras eram tantas que não permitiam nem pensar nos programas e novelas que deixava de ver. Além disso, na década de 70, a imagem mal

chegava ao litoral e a televisão era um objeto caro, não era possível ter uma em cada casa.

Já se passaram mais de 30 anos, mas aquelas brincadeiras ainda permanecem na memória. Lembro-me como se fosse hoje daquela lama cor-de-rosa, algo muito gostoso nos pés. Essas imagens, assim como muitas outras, estão intactas no meu imaginário, que é a minha maior relíquia. São relíquias porque são imagens fabricadas ou captadas por mim, que foram importantes para o meu crescimento, meu amadurecimento.

A convivência, as regras dos jogos e das brincadeiras, me deram uma grande segurança para o amadurecimento. Os deboches, os roubos nos jogos de cartas, as intransigências, os desentendimentos, enfim, a conduta dos amigos mostrou os mais variados tipos de comportamento. Se não serviram de bons exemplos, pelo menos mostraram os caminhos que eu não gostaria de seguir.

O brincar é algo sagrado para a integração da criança, para a formação do imaginário da infância. As imagens da minha infância fazem parte da minha história. São imagens fabricadas por mim e não pelos outros. Portanto, quando olho a TV seqüestrando essa oportunidade única da vida, que é fase da infância para brincar, realmente me questiono sobre o futuro dessas crianças.

O sonho e a fantasia são alimentos fundamentais para um viver criativo. A partir do momento em que, aos poucos, isso é seqüestrado da infância, a criança também, gradativamente, vai perdendo a capacidade de criar. Hoje vejo crianças extremamente inseguras, muitas não sabem definir o que gostam e o

que não gostam. Afinal, existe uma máquina sempre indicando para elas o que deve ser escolhido.

O psicanalista D. W. Winnicott¹⁵ diz que o brincar tem um lugar e um tempo. E esse lugar não está dentro nem fora do indivíduo, não faz parte do mundo repudiado. Não é o eu nem o não-eu. Não faz parte do mundo interno tampouco aquilo que o indivíduo identifica verdadeiramente como mundo externo. O lugar do brincar para Winnicott está no *espaço potencial*, que o autor elegeu para se desenvolver o *fenômeno transicional*.

*“Para controlar o que está fora, há que fazer coisas, não simplesmente pensar ou desejar, e fazer coisas toma tempo. Brincar é fazer... Em outros termos, é a brincadeira que é universal e que é própria da saúde: o brincar facilita o crescimento e, portanto, a saúde; o brincar conduz aos relacionamentos grupais...”*¹⁶

Esse *espaço potencial* varia de acordo com as experiências de vida do indivíduo. Para ficar mais claro, no bebê, esse *espaço potencial* está entre ele e a figura materna – e não é o seio e nem a chupeta. Pode estar entre a criança e a família; entre o indivíduo e a sociedade ou o mundo. É algo, é um *objeto*

¹⁵ DONALD WOODS WINNICOTT (1896 – 1971) – Nascido na Inglaterra, interrompeu seus estudos de medicina para servir como cirurgião na 1ª Guerra Mundial e só completou o curso em 1920. Desde dessa época, interessou-se em acompanhar e estudar casos clínicos infantis. Fez parte de um grupo divisor na Sociedade Psicanalítica Britânica e durante a 2ª Guerra teve a oportunidade de aprofundar seus estudos sobre criança, principalmente as que ficaram seriamente perturbadas com a separação das famílias, desenvolvendo a partir daí um sério estudo sobre a importância da mãe na vida da criança.

¹⁶ WINNICOTT, D.W., *O brincar e a realidade*, Rio de Janeiro: Editora Imago, 1975, p. 63.

transicional, que o bebê, a criança ou indivíduo adotam, elegem fora de ambos os lados, mas que tem um significado especial para ele.

No bebê, esse *objeto transicional* pode ser uma música, um aroma, uma fralda, um cordão ou um bichinho de pelúcia. Uma criança maior pode eleger determinados brinquedos para trabalhar e para brincar nesse espaço, desenvolvendo o seu *fenômeno transicional*. Um adulto pode ver esse espaço como sagrado, no qual pode experimentar e viver criativamente.

Winnicott vai mais longe sobre a importância do brincar e diz que é só no brincar que a criança ou adulto pode ser criativo e utilizar sua personalidade integral: é sendo criativo que o indivíduo descobre o eu (*self*). Por meio da percepção criativa, mais do que qualquer outra, é que o indivíduo sente que a vida é digna de ser vivida.

Mas o psicanalista faz uma consideração muito interessante e pertinente à discussão proposta nesta pesquisa. Ao mesmo tempo em que a criança brinca e cria, também corre o risco de viver um contraste, porque existe um relacionamento de submissão com a realidade externa e exige-se da criança uma adaptação aos detalhes do mundo. É aí que reside o perigo. Essa submissão ao mundo traz um sentido de inutilidade e está associada à idéia de que nada importa e de que não vale a pena viver a vida.

Winnicott relata que muitos indivíduos experimentaram suficientemente o viver criativo para reconhecer de maneira atormentadora a forma não-criativa que passaram a viver em razão do mundo. É como se fossem obrigados a criar em função de outros interesses e não criar a partir de sua própria imaginação. Creio

que muitos, inclusive, são incentivados a pular essa fase e acabam vivendo presos à criatividade de outros ou até mesmo vivem presos às idéias e imagens preconizadas por uma máquina, como a televisão.

A psiquiatria classifica como doença esse viver submisso à criatividade de terceiros. A teoria de Winnicott é que viver criativamente constitui um estado saudável e que a submissão é uma base doentia para a vida. Não é à toa que as doenças psíquicas aumentaram assustadoramente nos últimos anos, atingindo crianças, jovens, indivíduos de meia idade e, principalmente, os idosos. A falta da perspectiva de um viver criativo vem alimentando essa doença, que cada vez aparece mais cedo entre a população.

Essa perda de contato com o mundo subjetivo e com a abordagem criativa dos fatos leva indivíduos a ancorarem-se simplesmente na realidade objetiva, sem que percebam que já estão doentes por conta desta inversão de valores: *a ética pela política, o amor pelo sexo, a arte pela cultura*¹⁷, do individual pelo individualismo.

O brincar é uma atividade universal, como classifica Winnicott, mas o fazer brincar deve ser singular com as particularidades de cada indivíduo em sua época e faixa etária. A brincadeira de criança não é a mesma de adulto. Programa para criança não é o mesmo que para o adulto. Winnicott explica ainda que esse viver criativo e as dúvidas sobre o valor da vida são uma variável nos seres humanos, diretamente relacionada à qualidade das condições ambientais no começo, na infância ou nas fases primitivas da experiência de vida do bebê.

¹⁷ BADIOU, Alain, *La foundation de l'universalisme*, 1997.

A tese principal do psicanalista inglês é de que a experiência cultural está localizada justamente nesse *espaço potencial* existente entre o indivíduo e o meio ambiente e que ele classifica de *terceira área*. Nessa *terceira área*, a área cultural, descobrem-se as experiências favoráveis e as desfavoráveis. É neste brincar criativo que se desenvolve o sentimento de confiança. A criança, com a oportunidade de trabalhar nesse *espaço potencial* e de vivenciar suas próprias experiências, abre um grande leque para viver criativamente e utilizar objetos reais para neles e com eles ser criativa.

Mas se for negada essa oportunidade, se não existir a área em que a criança possa brincar ou ter suas experiências, ela não terá vínculos com a herança cultural e nem poderá dar uma contribuição para um fundo cultural. Winnicott observa que a criança privada desse espaço é inquieta e incapaz de brincar, apresenta um empobrecimento da capacidade de experiência no campo cultural e ainda perde a confiança que deveria conquistar com relação ao seu meio ambiente, à família e a ela própria.

Fracassos prematuros neste campo abrem fendas para serem preenchidas com idéias de outros, que não sejam as do próprio indivíduo.

Adauto Novaes fez o seguinte registro sobre a televisão:

“Tudo é espetáculo e, portanto, pura constatação das aparências. Cada uma dessas paixões tristes deixa sinais no espectador, e não é por acaso que a sociedade brasileira é movida a depressão. Por uma imitação atenta, os gestos na televisão tornam-se modelos: no

início, os signos são apenas signos, e esta é a grande força da televisão – os signos impregnam, deixam marcas no corpo e no espírito do espectador, antes mesmo de se conhecer o sentido deles.”¹⁸

Quando escrevo este parágrafo lembro-me de um flagrante relatado no primeiro capítulo: o das crianças que iam na minha casa brincar com a minha filha, mas não sabiam brincar. Eram inquietas, inseguras. Não sabiam do que gostavam. Lembro-me de várias crianças que participaram desta pesquisa que também não sabiam definir nem o que lhes agradava na televisão. Lembro-me de milhões na idade da infância que, desde bebê, estão na frente de uma tela de TV. Lamento pelas crianças que só conhecem as brincadeiras ditadas pela televisão. Olho com grande preocupação essas gerações que gradativamente perdem a infância que, sorrateiramente, é seqüestrada pelas imagens prontas da TV.

O que nos tranqüiliza e nos dá uma esperança é que quando as crianças foram questionadas sobre o que mais gostam de fazer, a televisão não aparece na maioria das respostas. Criança é criança e gosta de brincar. A televisão é uma imposição do sistema de massa, da família que está inserida nessa sociedade de consumo. Essas respostas me deram fôlego para olhar um outro caminho que não seja o do seqüestro da produção das imagens na infância. (Figuras 9, 10, 11 e 12)

¹⁸ NOVAES, Adauto. *O olhar melancólico in Rede imaginária*. SP: Cia das Letras, 1991, p. 89.



Figura 9 – Criança 26 - Idade: 7anos



Figura 10 – Criança 12 – Idade: 7 anos



Figura 11 – Criança 23 – Idade: 9 anos

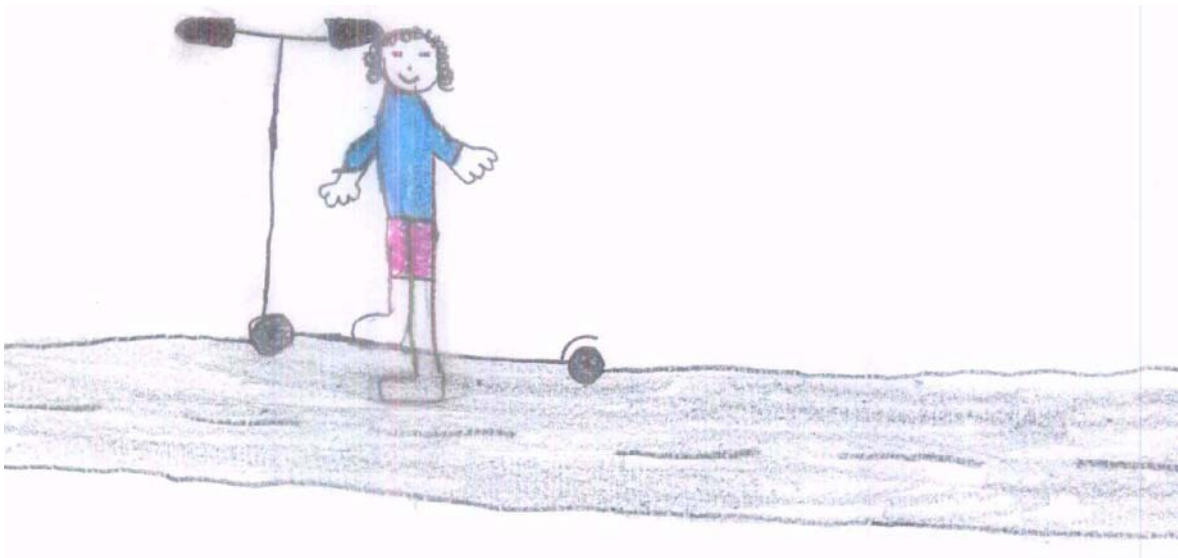


Figura 12 – Criança 16 – Idade: 12 anos

O seqüestro da imaginação

Hoje, quando já somamos mais de meio século de existência da televisão, no Brasil a platéia é cada vez mais fiel e a audiência cresce ano a ano. Inclusive a audiência da platéia infantil.¹⁹ A televisão tem respaldo de todos os setores – desde os poderes constituídos, passando pelas Igrejas, empresas até as diferentes classes sociais.

As emissoras de televisão também conquistaram muito prestígio e *status* nessas cinco décadas em operação. O aparelho há muito tempo deixou de ser um eletrodoméstico: é um bem de consumo durável sempre em destaque na maioria das residências. A justiça brasileira, inclusive, a considera um bem essencial para a família contemporânea, tanto que a elevou à categoria de bem impenhorável, o que significa dizer que se uma família tiver seus bens materiais penhorados para garantir o pagamento de dívidas, ela terá direito de ficar pelo menos com uma televisão.²⁰

No início, assistir televisão significava reunião de família. Havia discussões sobre as reportagens, comentários sobre os programas, encontros

¹⁹ As tabelas com dados IBOPE-MÍDIA/SP, no anexo, registram o crescimento da audiência infantil na praça nacional ano de 2000.

²⁰ No anexo estão cópias de decisões do Superior Tribunal de Justiça (STJ), processos julgados e publicados no Diário Oficial da Justiça, nos quais os ministros relatores consideraram a televisão um veículo de informação e lazer indispensável para uma casa habitável. Portanto, na forma da lei, a TV é um bem impenhorável. A Revista Época de 18/10/1999, página 114, publicou uma reportagem sobre uma decisão, também do STJ, em que o ministro concedeu a uma família de São Paulo o direito de ficar com dois televisores. Neste caso, a decisão foi para manter a harmonia da família com os empregados domésticos.

para assistir filmes. Com o passar do tempo, essa platéia familiar foi se isolando, ficando cada vez mais silenciosa. Ter vários televisores, um em cada cômodo, passou a ser sinônimo de riqueza, o que na verdade só contribuiu para o empobrecimento cultural da população. Hoje, milhares de crianças já possuem sua própria televisão, e, solitariamente, elas precisam apenas acionar o botão do controle remoto para que as portas do mundo abram-se para elas, iniciando já na infância a transformação no processo de criação da identidade cultural.

Já foi sancionada pelo governo federal uma lei obrigando os fabricantes de televisão a inserir nos aparelhos um dispositivo para bloquear a recepção de programação inadequada. Atualmente, alguns tipos de televisores já possuem esse dispositivo, mas claro que a maioria das famílias ainda não dispõe desse novo sistema.²¹

O Ministério da Justiça também baixou uma portaria no ano 2000 obrigando as emissoras a exibirem a idade de classificação dos programas²², mas nada disso terá validade se os educadores, pais e escolas, não tiverem a consciência sobre a importância de educar a criança para brincar e fantasiar e não incentivar a assistir televisão.

É certo que somos a *civilização da imagem*, em especial a imagem da TV, que dita todas as regras da vida. A minha geração já sofreu gravemente

²¹ Lei 10.359, de 27 de dezembro de 2001, aprovada pelo Congresso Nacional e sancionada pelo Presidente da República. Cópia no anexo.

²² Portaria nº 796/2000/MJ – Pela portaria, a novela das oito da Rede Globo, por exemplo, era recomendada para maiores de 12 anos. No final de 2000, a portaria foi cassada pela justiça, a partir de requerimentos das próprias emissoras, mas, mesmo assim, algumas continuam exibindo a classificação da programação.

com a influência das imagens pré-concebidas e as gerações mais novas talvez ainda não se tenham dado conta do problema. Temos, inclusive, a geração *zapping*,²³ que *surfa* nas ondas de um canal para outro compulsivamente, impientemente, buscando mais e mais imagens na tentativa de satisfazê-la, assistindo dois, três, quatro, ou até mais programas ao mesmo instante. A imagem da TV é uma imagem onipresente, que em questão de minutos pode estar praticamente no mundo inteiro. É uma linguagem carregada de uma pedagogia autoritária, como resume Pasolini²⁴. É onipresente e aos poucos vem preenchendo os buracos deixados pelo Estado, pela educação e pela família.²⁵

O bombardeio de imagens é tão grande que elas já não transmitem mais segurança e nem provocam a imaginação. Não há clareza, nem tempo e nem estímulos. A própria imagem da TV, a imagem mosaica, não exhibe clareza. É uma imagem viajante carregada de ilusão que sabemos que sai de um tubo de imagem e chega, se espalha, onde quer que haja um aparelho ligado. A imaginação precisa de tempo para absorver e elaborar seus conceitos, precisa de tempo até para entender a imagem, mas a televisão não deixa essa brecha.

Vivemos o período do iconoclasmo²⁶ por excesso:

“Esse iconoclasmo por excesso é um dos geradores desta cultura doente. Uma cultura cai

²³ MACHADO, Arlindo. *Máquina e imaginário*. SP: Edusp, 1996, Pp. 143 – 164.

²⁴ PASOLINI, Pier Paolo. *Os jovens infelizes*. SP: Brasiliense, 1990.

²⁵ Sabemos que a estrutura familiar se modificou nas últimas décadas e a infância vive uma verdadeira transformação social

²⁶ Iconoclasmo é a destruição de símbolos, estátuas etc.

*doente quando o pensamento perde seu poder de analogia, quando não consegue mais passar do campo do que é e deve ser para o campo do pode ser, do que pode ter sido, ou poderá ser. A cultura adoece quando os símbolos se desfazem, se desimpregnam de sentido.*²⁷

Teixeira Coelho explica que a profusão de imagens elimina não apenas todo o sentido, como também as próprias imagens. Uma atropela a outra, neutralizando o significado de cada uma. Desta forma, ao invés de trazer equilíbrio, provoca ansiedade, conflitos, falsas saídas, colocando a sociedade em situação de risco. Tira a autonomia e planta a insegurança. A criança, nesse caso, fica muito mais vulnerável ao risco porque não consegue simbolizar, não consegue pensar o que há por trás da imagem, não consegue criar um vínculo da sua história com a história da imagem. E, geralmente, não há ninguém para intermediar, explicar essa possível ligação. O símbolo é apreendido pelo pensamento indireto e as imagens da televisão, por serem muito rápidas, são apreendidas pelo pensamento direto.²⁸

²⁷ COELHO, Teixeira. *O imaginário da morte* in *Rede imaginária*. SP: Cia. Das Letras, 1991, p. 113.

²⁸ O conhecimento ou pensamento indireto é um dos modos pelo qual a consciência apreende o mundo e o elabora. A alegoria e o símbolo são exemplos da apreensão pela modalidade do pensamento indireto. Para entender melhor, temos a alegoria da justiça e a cruz como um símbolo – como foi explicado no primeiro capítulo. Já o pensamento direto é aquele que percorre o caminho mais curto, aquele em que a imagem aponta diretamente para o objeto, ou para a convenção de um objeto.

Vamos tentar entender melhor a importância de simbolizar uma imagem, parafraseando Teixeira Coelho: o símbolo tem um significante que não é arbitrário, mas sim um determinante pelo que significa – como a foice e o martelo. O símbolo é pressentido pela consciência, é aberto para o olhar completá-lo. O signo não, é um significante arbitrário – como na linguagem escrita a palavra cavalo nos remete imediatamente ao animal ou em uma fotografia, onde os pontos da retícula, reunidos, apresentam traços semelhantes aos da coisa ou da pessoa fotografada. Portanto, o símbolo não é apreendido pelo pensamento direto. Já os signos, por serem convencionados e seus significados serem imutáveis, podem ser aprendidos pelo pensamento direto.

E as imagens da televisão são impregnadas de signos que passam a impregnar o espectador que, geralmente, recebe as informações de forma completamente passiva.

Essas modalidades de conhecimento da imaginação, ou melhor, o conjunto dessas apreensões de símbolos e signos é que forma o imaginário de um indivíduo ou de um grupo, como a infância. Teixeira Coelho esclarece que o imaginário não é irreal, mas sim a representação que o indivíduo ou grupo faz de si mesmo e de suas relações de existência no mundo:

“Simplesmente por existir, essa representação é tão real quanto o corpo físico que a gerou. É ela que

*organiza a vida desse indivíduo ou grupo, seus valores, seus projetos, sua produção”.*²⁹

A partir do momento que o grupo, como o da faixa etária da infância – que é o objeto da nossa discussão –, vive uma cultura que manipula completamente o desenvolvimento dessas apreensões da consciência, importantes ao estímulo da imaginação, o imaginário desse grupo passa a ser o imaginário defendido pelo sistema representado ou mantido pela TV (Teixeira Coelho: 1991). Analisando sob esse aspecto, a infância corre o risco que Winnicott alerta: a submissão é uma base doentia para a vida, enquanto que o viver criativo constitui um estado saudável. A partir do momento em que a criança não exercita a apreensão pelo modo indireto, que é o caminho mais longo e tortuoso até a consciência, ela desaprende a percorrer esse caminho.

Ítalo Calvino³⁰ quando escreveu o artigo Visibilidade deixou clara a sua preocupação com a imaginação das gerações futuras: seria possível a literatura fantástica no ano 2000 com a crescente inflação de imagens pré-fabricadas? ³¹ Calvino também nos lembra que no passado a memória visual era limitada às experiências diretas com a cultura da família, do país. Havia uma troca de experiência real. Hoje não há mais troca, só resta informação. Ou será desinformação? Além disso, a quantidade de imagens que recebemos é tão

²⁹ COELHO, Teixeira, op. cit., p. 111.

³⁰ CALVINO (1923–1985) Cubano que imigrou para a Itália, participou da resistência ao fascismo durante a guerra e foi membro do Partido Comunista. Publicou vários livros desde 1947.

³¹ CALVINO, Ítalo, *Visibilidade* in *Seis propostas para o próximo milênio*, SP: Cia das Letras, 1990.

grande que não é mais possível distinguir a experiência direta do que vimos há poucos minutos na TV, porque a memória mais parece um depósito de lixo onde só ficam os estilhaços de imagens. No grupo 3 algumas crianças revelaram esse aspecto. O menino desenhou a cena de uma novela, nomeou o casal no desenho, mas na explicação disse que o casal poderia ser qualquer um. Tanto faz, afinal tantos se beijam na novela. Não faz muita diferença qual é o casal do desenho. (Figura 11)



Figura 11 – Criança 19 - Idade: 12 anos

Será possível a essa geração imaginar sem ver outras imagens, ou ainda terá a capacidade de imaginar as histórias da literatura? Calvino defende a

visibilidade como um valor de grande importância que deve ser preservado, e adverte que corremos o grande risco de perder a capacidade de fecharmos os olhos e pensarmos por imagens.

O pensamento é constituído por imagens. Todo conhecimento necessário para o raciocínio e para a tomada de decisões chega à mente sob a forma de imagens. Nós produzimos dois tipos de imagens: as *imagens perceptivas*, que são aquelas formadas quando olhamos uma paisagem, quando ouvimos uma música ou quando lemos um livro, e as *imagens evocadas*, aquelas de recordações do passado que chegam em nossa mente quando pensamos em alguém, ou lembramos de uma viagem, ou pensamos algo que algum sujeito acabou de falar para nós. As *imagens evocadas* também são aquelas que surgem quando planejamos algo, como por exemplo, viajar no próximo fim-de-semana e pensar nos objetos que teremos que levar. A teoria do neurologista Antonio Damásio é de que a natureza das imagens do passado é semelhante à natureza da imagem de algo que planejamos e que pode até não acontecer.³²

Damásio³³ explica que essas *imagens perceptivas* e *evocadas* – tanto do passado real quanto as evocados para planos futuros – são construções do nosso cérebro e é a partir dessas imagens que formamos nosso conceito de

³²DAMÁSIO, Antonio. *O erro de Descartes*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

³³ Antônio R. Damásio é chefe do Departamento de Neurologia da Faculdade de Medicina da Universidade de Iowa e também professor adjunto no Instituto Salk de Estudos Biológicos em La Jolla, Califórnia, EUA. É um pesquisador que já ganhou vários prêmios por seus trabalhos científicos.

mundo. Essa construção é feita pela maquinaria neural complexa de percepção, memória e raciocínio.

O neurologista explica que muitas vezes essa construção é regulada pelo mundo exterior ao cérebro – o mundo que existe dentro do nosso corpo ou em torno dele, com uma pequena ajuda da memória do passado – é isso que se passa quando geramos *imagens perceptivas*. O outro aspecto da construção é aquele inteiramente dirigido pelo interior do cérebro, pelo nosso singular processo de pensamento – de cima para baixo – que acontece quando fechamos os olhos e relembramos um acontecimento real ou algo qualquer que seja fruto da nossa imaginação.

Como fica então esse processo da construção do cérebro com a interferência de milhões e milhões de imagens externas? Será que o indivíduo escravo da TV consegue fechar os olhos e relembrar imagens do passado ou produzir frutos da imaginação? Ou, então, fazer planos para o futuro? Seria esse passado real ou virtual? E o futuro? Afinal, a TV pode decidir e escolher por ele. Que tipo de experiência real terão essas crianças para aflorar no futuro? Deixo essas interrogações porque, a partir das explicações de Damásio, vejo justo nesse campo de formação do pensamento o seqüestro que a televisão faz da criação e produção das imagens que formam a essência do homem. Ela seqüestra a originalidade.

Calvino aponta dois caminhos para a reconstrução: reciclar as imagens e colocá-las em um novo contexto dando-lhes um novo significado, ou então, apagar tudo e recomeçar do zero.

Penso que recomeçar do zero seria apagar o passado, esquecer o vínculo que todos nós temos com a história, com a história particular de cada um. Não vejo essa como a melhor trajetória e nem sei se seria possível. Acredito que realmente é preciso repensar a atual situação e buscar um outro caminho. A imaginação, esse poço sem fundo da consciência humana, não é algo estagnado. A vida é finita, mas a imaginação é infinita – pelo menos enquanto estivermos vivos. Ela pode ser sufocada, manipulada, massacrada, mas acredito que tem a plena capacidade de se regenerar.

Calvino expressa a preocupação mas também fala de uma espécie de pedagogia da imagem, defendendo um trabalho de controle da visão interior que permite cristalizar a imagem, dar-lhe um novo simbolismo, e, a partir daí, resgatar a capacidade criativa. Imagino que a idéia de Calvino é recuperar, restabelecer o simbolismo e, conseqüentemente, ativar o exercício da imaginação.

Calvino nos apontou dois caminhos, e para chegarmos até aqui já percorremos dezenas deles. Mas, agora, sinto estar em uma bifurcação onde tenho que escolher uma trajetória para resgatar o simbolismo para a criança, e refletir sobre a liberdade do pensamento. Todos nós, crianças e adultos, temos plena capacidade de encontrar essa liberdade. Nisso tenho fé. Ter fé é

acreditar em alguma coisa. Portanto, proponho exercitarmos a proposta de Calvino: ressimbolizar as imagens que os participantes desta pesquisa nos ofereceram.

A bifurcação é o desenho a seguir, que desde o primeiro instante repercutiu em mim. Não sabia explicar por que, mas hoje olho essa imagem e sinto que os galhos são os caminhos tortuosos que percorri e ainda terei que percorrer para chegar ao destino a que este trabalho se propõe. As flores simbolizam a vida. Vidas que cruzei ao longo desta pesquisa, muitas delas ainda em sua infância. A minha expectativa não é encontrar um destino definitivo, porque sei que ainda terei muitas outras bifurcações pela frente, novas flores para admirar e muitos outros caminhos para escolher por onde me arriscar. (Figura 12)



Figura 12 –Criança 20 – Idade: 10 anos

Capítulo IV

As imagens no caminho, símbolos de liberdade

“...as visões polimorfas obtidas através dos olhos e da alma encontram-se contidas nas linhas uniformes de caracteres minúsculos ou maiúsculos, de pontos, vírgulas, de parênteses; páginas inteiras de sinais alinhados, encostados uns aos outros como grãos de areia, representando o espetáculo variado do mundo numa superfície sempre igual e sempre diversa, como as dunas impelidas pelo vento do deserto.”

ÍTALO CALVINO, *Visibilidade in Seis propostas para o próximo milênio*, p.114.

O caminho singular

Quando constatei, pelos índices de audiência do IBOPE-MÍDIA, que as crianças assistem a programas de adultos, automaticamente senti a necessidade de ouvi-las para saber de que forma as imagens de uma programação, que não é destinada ao público infantil, repercutiam no imaginário da infância. Os números são números e não falam em profundidade. Fazem parte de uma linguagem universal. Por meio deles sei que no mínimo dois milhões e meio de crianças brasileiras assistem à novela das oito da Rede Globo, mas o que essa novela significa para elas? Violência? Amor? Sexo? Medo? Mistério? Diversão? Os números não responderiam sobre essas dúvidas com relação a programação, só as próprias crianças. Os números não fariam de emoções porque são frios. Eu não poderia e nem conseguiria quantificar o sentimento da infância e nem o sentimento de nenhum ser humano. Portanto, parto dos números e, por meio das informações que me

forneceram, fui à procura de crianças que me respondessem sobre a *questão* que enxergava.¹

Para isso, organizei grupos em diferentes escolas de Campinas, SP: o primeiro grupo foi formado por crianças de escolas particulares de uma linha mais tradicional; no segundo, também de ensino particular, os participantes eram de uma escola com uma linha de ensino mais alternativa; o terceiro e quarto grupos, de escolas públicas. Numerei as crianças de um a 26, não com a intenção de quantificá-las, mas sim com o intuito de preservar suas identidades. Distribuí folhas com cabeçalho que mostrava o nome da pesquisadora, do professor-orientador do trabalho, da instituição de ensino, e solicitava a data, o nome de escola, bairro em que residiam e profissão de pai e mãe. Fui lançando temas para elas colocarem no papel o que tinham visto na televisão, que lembrasse amor, violência, o que gostavam de ver, o que não gostavam, o que lhes dava medo, o que mais gostavam de fazer.

Na verdade coloquei uma espécie de “moldura” para construir o meu olhar sobre o resultado da pesquisa. Hora nenhuma foi dada sugestão sobre o que deveriam desenhar. Poderia ser uma cena de novela, filme, programa, comercial, jornal, enfim, eles teriam que colocar no papel o que havia repercutido no imaginário com relação ao tema solicitado. Mas a folha não

¹ A socióloga Maria Isaura Pereira de Queiroz fala que as técnicas estatísticas que ganharam força em fins de 1940 tentaram ocupar espaços dos relatos orais, mas ressalva que a aridez dos números reduz a realidade social e que aos poucos foi-se percebendo que os números mantêm ocultos os valores e as emoções. E foi o gravador de fita cassete, um avanço da tecnologia, que reavivou o trabalho de captação de relatos orais, desenvolvendo-se daí uma metodologia chamada de História Oral. E foi assim que trabalhei com as crianças: elas desenharam, depois gravaram a explicação do desenho e, posteriormente fiz a transcrição das fitas, o que resultou num material disponível na íntegra no CD room anexo a esta dissertação.

estava em branco: o cabeçalho mais o tema solicitado eram, também, limites para as respostas-desenhos. A imaginação deveria estar emoldurada e limitada às situações que descrevi.

A expectativa inicial era de que essas crianças fizessem desenhos que revelassem o singular. Revelassem singularmente o que os estilhaços da imagem da televisão haviam depositado no imaginário delas. Então, quando olhava as respostas-desenhos sentia uma grande angústia porque só enxergava desenhos carregados de signos emitidos pela televisão: o beijo é amor; o amor é uma cena de striptease, é a novela; a violência é a faca com sangue, é o programa *Linha Direta* e o do *Ratinho*. Mas a compensação vinha quando examinava as imagens do que elas mais gostavam de fazer: não era ver televisão, mas, mesmo assim, elas assistiam todos os dias. E pensava: isso não é vida para criança! Estaria eu com preocupações moralistas, mesmo sem querer me dar conta?

Primeiro faço esse questionamento porque o próprio Postman (1999) lamenta, e eu também, que o único grupo americano que reconheceu a televisão como uma ameaça para a infância foi o arrogante grupo conhecido como a Maioria Moral. Na América do Norte, esse grupo e outros fundamentalistas² organizam boicotes econômicos contra patrocinadores de determinados programas de televisão. Quero deixar claro que não penso

² Temos que admitir que são movimentos extremamente perigosos por serem discriminatórios, intolerantes e autoritários, no âmbito social, político e, principalmente, religioso – (Vide o movimento fundamentalista islâmico contra o capitalismo norte-americano: o choque dos aviões contra World Trade Center em Nova York, um atentado que matou cerca de três mil pessoas e desencadeou uma guerra contra o Afeganistão)

assim. Não defendo boicotes e nem posições moralistas. Sou contra a censura, e a favor do diálogo com a criança. Sou a favor da construção de uma consciência crítica. Volto a insistir que não vejo problema em assistir TV, mas proponho uma profunda reflexão sobre o fato de a criança deixar de brincar para se isolar e se acomodar na frente de uma tela. O seqüestro da produção de imagens na infância é permitido pela família e tem o total apoio do Estado.

O segundo questionamento que faço é: estaria eu pensando de forma equivocada e induzindo outros a pensarem também dessa forma? Acredito que poderia ser chamada de pesquisadora de um só olho. Afinal, havia moldurado a pesquisa de tal forma que o meu olhar captava uma infância sem criatividade, sem valores, sem sentimentos, vazia, pobre de imagens imaginárias. *“É verdade que logo compreendi que além do meu mundo pequeno-burguês, tão cosmicamente absoluto, existia também um outro, ou melhor, existiam outros mundos. Mas durante muito tempo sempre me pareceu que o único mundo verdadeiro, válido, demonstrado pelos objetos, pela realidade física, era o meu; enquanto os outros me pareciam estranhos, diversos, anômalos, inquietantes e desprovidos de verdade.”* (Pasolini: 1990)

A televisão é a nossa realidade. *“Além disso, já vou adiantando que é enorme a importância pedagógica da televisão, porque ela também nada faz senão oferecer uma série de ‘exemplos’ de modos de ser e de comportamento. Embora os repórteres, apresentadores e toda a escória do gênero falem (e*

falam horrendamente), a verdadeira linguagem da televisão é de fato semelhante à linguagem das coisas: é perfeitamente pragmática e não admite réplicas, alternativas e resistência". (Pasolini: 1990). Temos que admitir que é uma ferramenta tecnológica eficiente tanto para a minha geração quanto para a geração das crianças que participaram da pesquisa. Por mais singular que fosse a proposta do trabalho, já que o tema é uma questão que me toca na alma, a pesquisa alcançou situações particulares da infância.

A imagem particular

Os desenhos, as imagens que permearam o caminho, realmente não revelam o singular que esperava. Essa expectativa foi uma ilusão e seria uma grande ingenuidade acreditar que essa revelação trouxesse à tona sentimentos próprios. A TV ocupa o lugar da singularidade e se apropria do mundo imaginário, seqüestrando a possibilidade da pura criação. Os desenhos ressoam o espírito de uma época, o espírito dessa cultura, desprovida de símbolos, na qual a infância está inserida. As imagens que nos ofereceram revelam a massificação de consumo impulsionados por um repertório de técnicas de vendas que atingem o imaginário de cada criança no mundo de hoje.³

³ Singular é a expressão única do indivíduo. A arte é uma expressão singular que atinge o Universal. O Particular é o mundo das verdades que pode ser reproduzido, o mundo da aprovação coletiva, o mundo comprovado pela ciência. O Particular atinge o Universal por meio da ciência. Singular, Particular e

O particular é o que está convencionado, estabelecido pela cultura, reforçado por grande parte das famílias. É o que está comprovado pela ciência para se atingir o universal. A televisão produz cultura e não arte. Então, quando pedi um desenho que lembrava amor na televisão e a maior parte deles apareceu com o beijo na boca, para essas crianças o beijo está convencionado como amor. Supõe-se que nenhuma delas tenha tido algum tipo de experiência amorosa para definir o que é o sentimento. Para outras duas o amor está ligado à dinheiro e, automaticamente, a sexo. Outras, no grupo dois, o amor é a amizade e a lealdade de um cãozinho de sucesso de um seriado de TV. E, assim, esses temas fortes para o homem acabam sendo convencionados de forma banal para as crianças.

A reflexão que convido a fazermos é nos questionarmos sobre as fórmulas utilizadas para estabelecer essas convenções. Na televisão, por exemplo, o amor sempre surge em meio a brigas, fofocas, intrigas e, muitas vezes, ligado a interesses financeiros. Mas, mesmo assim, isso não significa que as crianças pensem desta forma ou que vão pensar assim para o resto da vida. De maneira nenhuma. Tudo vai depender do contexto em que vivem, da educação que recebem, seja na família, na escola ou no meio cultural em que estão inseridas. Libertar-se das convenções pode depender, também, do

Universal são conceitos desenvolvidos por Aristóteles e apresentados pelo Prof. Dr. Jean-Louis Leonhardt do CNRS – MOM – Université Louis Lumière, Lyon – 2, França, no seminário sobre “*Ciência, Arte e Tecnologia*”, em novembro/dezembro de 2000, na Unicamp.

interesse singular de cada um, da luta futura de cada ser humano, não só da educação na infância.

O indivíduo pode atingir o universal por sua expressão artística. Esse caminho só pode ser percorrido pela expressão singular de cada ser humano. São essas expressões que repercutem em outros indivíduos. É de pessoa para pessoa. É de singular para singular. Quando essa repercussão atinge um grande número de pessoas temos uma visão estética a que chamamos de “espírito de uma época”. Bachelard nomeia essa repercussão em larga escala de “ressonância”.⁴

Vejo a televisão como um mero meio de comunicação com o principal objetivo de transformar a sua platéia em bons consumidores. Televisão é comércio, que se propõe a vender mais e mais. As imagens retratam algumas histórias reais e muitas irreais totalmente moldadas pelas grandes emissoras de TV, pelos grandes interesses econômicos e sociais da sociedade de massa. Essa é a realidade e a particularidade da televisão.

Portanto, da forma como emoldurei as entrevistas-desenhos e o contexto social e cultural no qual essas crianças estão inseridas, elas nunca colocariam no papel o singular, até porque não são incentivadas a isso. Não são incentivadas nem a desenhar com liberdade. A pesquisadora Maria Isabel Ferraz Pereira ressalta em sua tese de doutorado que *“a arte permite a criação e a destruição; a impunidade; a exploração do inconsciente, do impensado. O*

⁴ BACHELARD, Gaston. *A Poética do Espaço*. SP: Martins Fontes: 1989.

*que as crianças podem fazer nos desenhos, nem sempre podem fazer na realidade*⁵. Eu completo: o que está no desenho nem sempre é o que elas pensam sobre os temas que abordamos. O desenho é uma forma de extravasar o que não repercutiu bem nelas, mas não significa, exatamente, o que pensam e sentem sobre os temas que solicitei.

Ao analisar o resultado deste trabalho, pensei em abandonar os caminhos percorridos, refazê-los novamente para obter novas imagens. Mas não teria a mesma autenticidade. Não teria o mesmo valor para eu, e muitos outros, abrímos os olhos e construirmos um olhar autêntico sobre a infância, sobre o ser humano no mundo de hoje. Procurava em cada desenho as crianças da minha infância, antes de lembrar que os autores são crianças de outra época. Como diz Pasolini: não que a linguagem das coisas que nos ensinaram tenha mudado, mas sim o mundo é que mudou. As ruas da praia de Marataízes, por onde andava com os pés nas poças de lama cor de rosa quando era criança, hoje não são mais de terra: estão cobertas por paralelepípedos.

Toda tecnologia tem o lado negativo e o positivo. Justo a televisão que foi minha cúmplice na infância, na adolescência e na vida profissional estaria trazendo tantos prejuízos como eu vinha pesquisando e enxergando? Concordo plenamente com os alertas de Bettelheim sobre a importância dos contos de fadas e das brincadeiras; as teorias de Winnicott sobre a importância

⁵ LEITE, Maria Isabel Ferraz Pereira. *O que e como desenhavam as crianças?: refletindo sobre as condições de produção cultural na infância*. Tese de Doutorado apresentada na Faculdade de Educação da Unicamp, 2001.

do *fenômeno transicional*, onde se constrói o espaço do brincar para garantir um viver criativo; a discussão de Postman com relação a ameaça do desaparecimento da infância; a preocupação de Condry pela violência preconizada pela TV; Teixeira Coelho e a discussão sobre o fim do simbolismo; Antônio Damásio explicando a importância das imagens na formação do pensamento e identificando nesse ponto o seqüestro que a televisão faz da produção de imagens na infância; Calvino propondo uma ressimbolização das imagens. São várias discussões, alertas, exemplos de casos e propostas para que pais e educadores saibam dos riscos que se corre em deixar uma criança por conta da televisão.

Se pensarmos que a televisão nos permite olhar o mundo sem precisar sair de casa, ou conhecer lugares maravilhosos de difícil alcance para a maioria da população, em determinadas situações isso é até positivo. Mas se analisarmos a forma como o mundo, na maioria das produções, é abordado pela TV, aí sim, a situação já passa para o lado negativo. Se pensarmos que podemos nos divertir assistindo TV – que é um meio de entretenimento – isto pode ser uma situação positiva. Mas se essa diversão é dirigida a formar um imaginário de preconceitos, de medos, de ameaças, de discriminação, de consumidores compulsivos, também aí teremos o lado negativo. Não estou propondo avaliações reducionistas, essas situações acontecem de fato. Então, quando falo nos pontos positivos e negativos, penso nessas situações.

A infância de hoje realmente assiste muita televisão. Fora do horário escolar, as crianças acionam a TV todos os dias da semana – os participantes da pesquisa revelaram isso nas entrevistas. A dificuldade está em formar uma consciência crítica por parte dos educadores, pais e professores, para que não se abandone a criança em frente de uma tela. Porque ela não assiste só programa para criança ou produções educativas de boa qualidade. Muitas gostam da programação infantil, mas ficam excitadas com a possibilidade de poder assistir novelas, seriados, filmes violentos, e assistem porque é permitido dentro de casa e, muitas vezes, em companhia da própria família. Como o menino de oito anos, que assistiu ao filme *Blade, o caçador de vampiros* em companhia da irmã adolescente, e, depois, não conseguiu nem sair do quarto de tanto medo.

Não poderia condenar a infância, sendo ela *pós-moderna* ou não, e nem a imaginação dessas crianças a um futuro catastrófico. Não poderia subestimar a capacidade crítica da criança. Acho que essa realidade nos confunde, de qualquer forma temos que criticar a TV para que seus aspectos negativos não subjuguem totalmente o homem. A nossa proposta não é fazer uma análise sociológica do problema, e sim uma reflexão sobre o seqüestro da produção de imagens na infância.

A TV interfere na produção de imagens, mas Damásio nos explica que as imagens reproduzidas do passado sempre ganham uma nova versão, de acordo com as diferentes experiências das diversas fases da vida:

“As imagens não são armazenadas sob a forma de fotografias fac-similares de coisas, de acontecimentos, de palavras ou de frases. O cérebro não arquiva fotografias Polaroid de pessoas, objetos, paisagens; nem armazena fitas magnéticas com música e fala; não armazena filmes de cenas de nossa vida; nem retém cartões com “deixas” ou mensagens de teleprompter do tipo daquelas que ajudam os políticos a ganhar a vida. (...). Dada a enorme quantidade de conhecimento que adquirimos durante a vida, qualquer tipo de armazenamento fac-similar colocaria provavelmente problemas insuperáveis de capacidade. Se o cérebro fosse como uma biblioteca convencional, esgotaríamos suas prateleiras à semelhança do que acontece nas bibliotecas. Além disso, o armazenamento fac-similar coloca também problemas difíceis de eficiência do acesso à informação. Todos possuímos provas concretas de que, sempre que recordamos um dado objeto, um rosto ou uma cena, não obtemos uma

*reprodução exata, mas antes uma interpretação, uma nova versão reconstruída do original. Mais ainda, à medida em que a idade e experiência se modificam, as versões da mesma coisa evoluem.”*⁶

Essas explicações de Damásio são importantes nessa análise final, porque nos dão um suporte e uma certa tranquilidade de que a criança ou o indivíduo na fase adulta possuem essa maravilhosa capacidade de rever situações ou imagens do passado sempre com um novo olhar. Somos seres de grande competência para reconstruir um nova realidade e buscar a liberdade, mesmo que seja vigiada, para produzir imagens imaginárias.

⁶ DAMÁSIO, Antônio. Op.Cit. pp. 127 – 128.

Conclusão

Esses foram os caminhos percorridos naquela árvore de flores do capítulo passado. Caminhos singulares cercados de imagens particulares. Imagens cheias de armadilhas. Temos a imagem do medo, da indignação, do horror, do desagravo, da violência, da diversão, da música, do amor, do sexo, da amizade, da liberdade. Enfim, as imagens apresentadas e as que vamos *olhar* daqui para frente já foram filtradas pelas crianças, são frutos de olhares anteriores ao meu, ao nosso. Imagens emolduradas, como pedi às crianças.

A leitura de uma imagem não é imediata como propõe a TV, é preciso entrar em uma espécie de espiral e, nesse aprofundamento, descobrir a imagem que nos toca e por que nos toca. Bachelard diria que essa é a imagem poética. Qual é a ligação dela com a minha vida ou com a sua vida? Como ressimbolizá-la, como propõe Calvino? A imagem poética está ligada ao símbolo e não ao signo. Ela pode até existir na televisão, mas não faz parte da linguagem da TV, que é impregnada de signos.

Acredito plenamente na capacidade da criança em recuperar o simbolismo da vida, mas precisa ser incentivada a isso, tanto pela família como na escola. A memória do ser humano é passível de revisão. Antônio Damásio explica que nossos cérebros e nossas mentes não são tábulas rasas quando nascemos, como também nossos genes não são totalmente determinantes no desenvolvimento das funções cerebrais. A sombra genética não é completa, ela estabelece uma estrutura precisa do complexo cerebral e deixa em aberto um outro componente que será determinado, inclusive, pelo meio ambiente onde o indivíduo se desenvolve. Damásio diz:

“O perfil imprevisível das experiências de cada indivíduo tem realmente uma palavra a acrescentar ao design dos circuitos, tanto direta quanto indiretamente, pela reação que desencadeia nos circuitos inatos e pelas conseqüências que tais reações têm no processo global de modelação de circuitos”.⁷

Mas, assim como as primeiras experiências de vida influenciam na formação do complexo neural, Damásio também explica que ao longo da nossa existência o *design* dos circuitos cerebrais continua sofrendo alterações. “Os

⁷ DAMÁSIO, Antônio. *O erro de Descartes*. SP: Cia das Letras, 1994.

circuitos não são apenas receptivos aos resultados da primeira experiência, mas repetidamente flexíveis e suscetíveis de serem modificados por experiências contínuas. Alguns circuitos são remodelados vezes sem conta ao longo do tempo de vida do indivíduo.” (Damásio:1994).

Bettelheim enfatiza que os genes são os responsáveis pelas potencialidades de um indivíduo, mas que a história pessoal infantil é determinante como essas potencialidades vão se desenvolver no futuro. Sem dúvida, as experiências da infância fazem parte da construção do adulto, mas ninguém nasce livre e nem a TV sozinha é a vilã de toda a situação, portanto, temos sempre que trabalhar para cultivar a liberdade de pensamento. Temos que, constantemente, incentivar as crianças a ressimbolizar suas imagens, a encontrar um outro sentido, um outro significado que não seja o arbitrado.

Depois da experiência no campo de concentração, Bettelheim constatou o quanto o ambiente pode influir no comportamento do indivíduo, mas também percebeu que, por mais autoritário que seja o ambiente, este é incapaz de alterar certos aspectos da personalidade. E, para isso, é preciso estar com a personalidade integrada para garantir a autonomia nas decisões.

Vivemos uma era tecnológica que insiste em suprimir a singularidade da criança. Não podemos ser coniventes com essa realidade e devemos levar essa discussão adiante. O mundo mudou, mas nem por isso temos que colocar em primeiro plano as inovações tecnológicas e nos subjugarmos aos apelos de uma máquina. Nada existiria sem a produção e a criatividade do homem. O

trabalho constante de remodelação do nosso *design* cerebral, a revisão da memória, só vai ter um resultado positivo com a integração da personalidade. Um trabalho singular de cada ser humano.

Proponho agora, iniciarmos essa experiência de ressimbolizar as imagens que nos chegam. O que a minha alma, ou a sua, sente de cada imagem? Qual é o vínculo de, pelo menos um desses desenhos, com a minha ou sua vida?

O homem nasce, respira e se apropria do mundo por meio do *olhar*. O *olhar* é a produção de um ponto de vista sobre alguma coisa. Portanto, vamos *olhar* as imagens não pela sua objetividade, mas sim pela observação singular de cada leitor. Temos o visível e o invisível, e é nesse limiar que proponho exercermos e incentivarmos o trabalho de ressimbolização. O símbolo é pressentido pela consciência, pode ser expresso por percepções que se contradizem, é aberto para que o *olhar* o complete.

Seja a infância escrava ou refém da televisão, precisamos incentivar a busca pela liberdade, ou pelo menos tentar, já que essa comunicação, melhor dizendo, esse livre trânsito entre o consciente e o inconsciente está ameaçado de bloqueio e a imaginação, esse poço sem fundo de produção de imagens, em plena fase de seqüestro. (Figuras de 1 a 9)



Figura 1 – Criança 12 – Idade: 7 anos



Figura 2 – Criança 1 – Idade: 10 anos



Figura 3 –Criança 7 – Idade: 7 anos

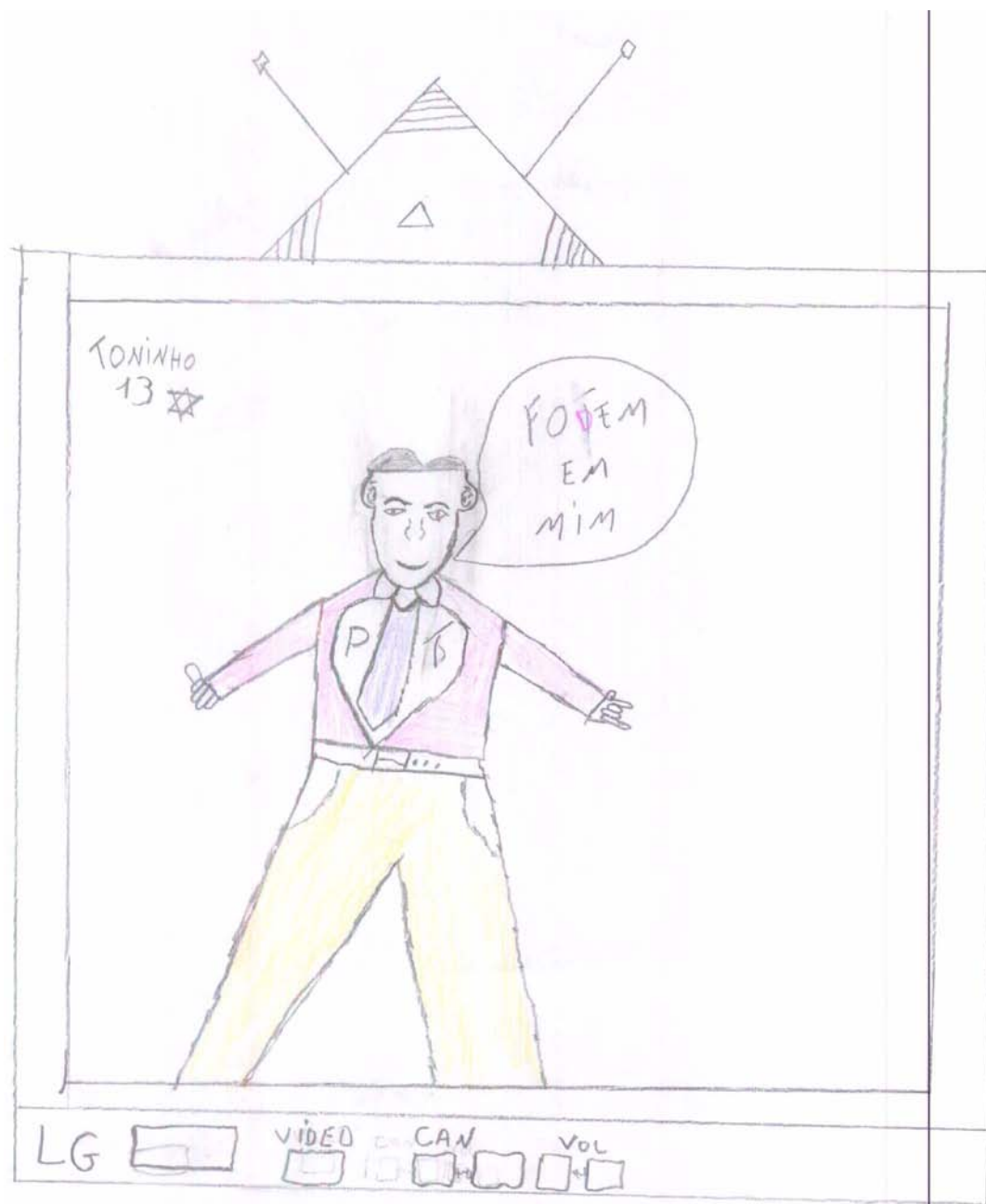


Figura 4 – Criança 18 – Idade: 11 anos



Figura 5 – Criança 19 – Idade: 12 anos

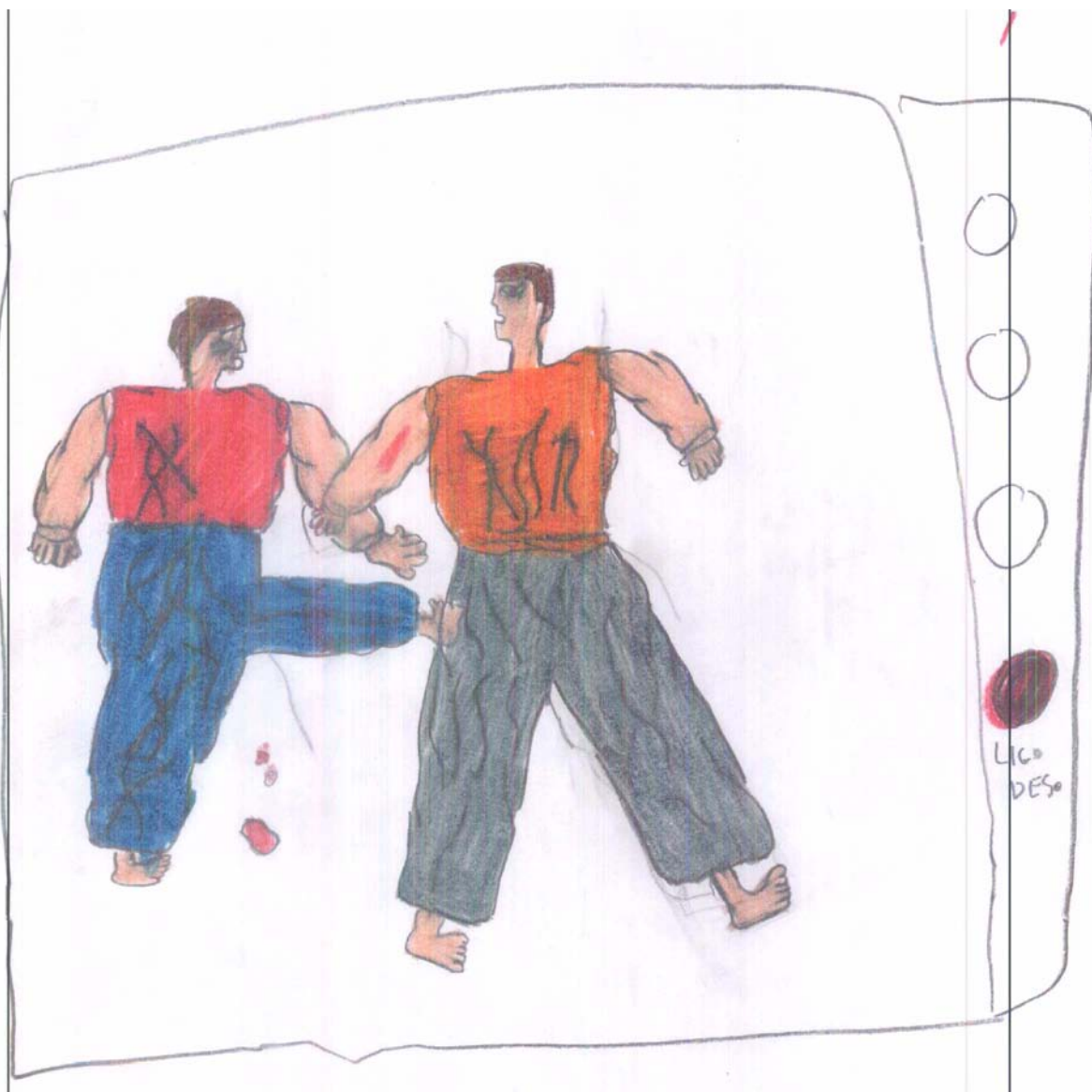


Figura 6 – Criança 25 – Idade: 9 anos



Figura 7 – Criança 19 – Idade: 12 anos



Figura 8 – Criança 15 – Idade: 11 anos

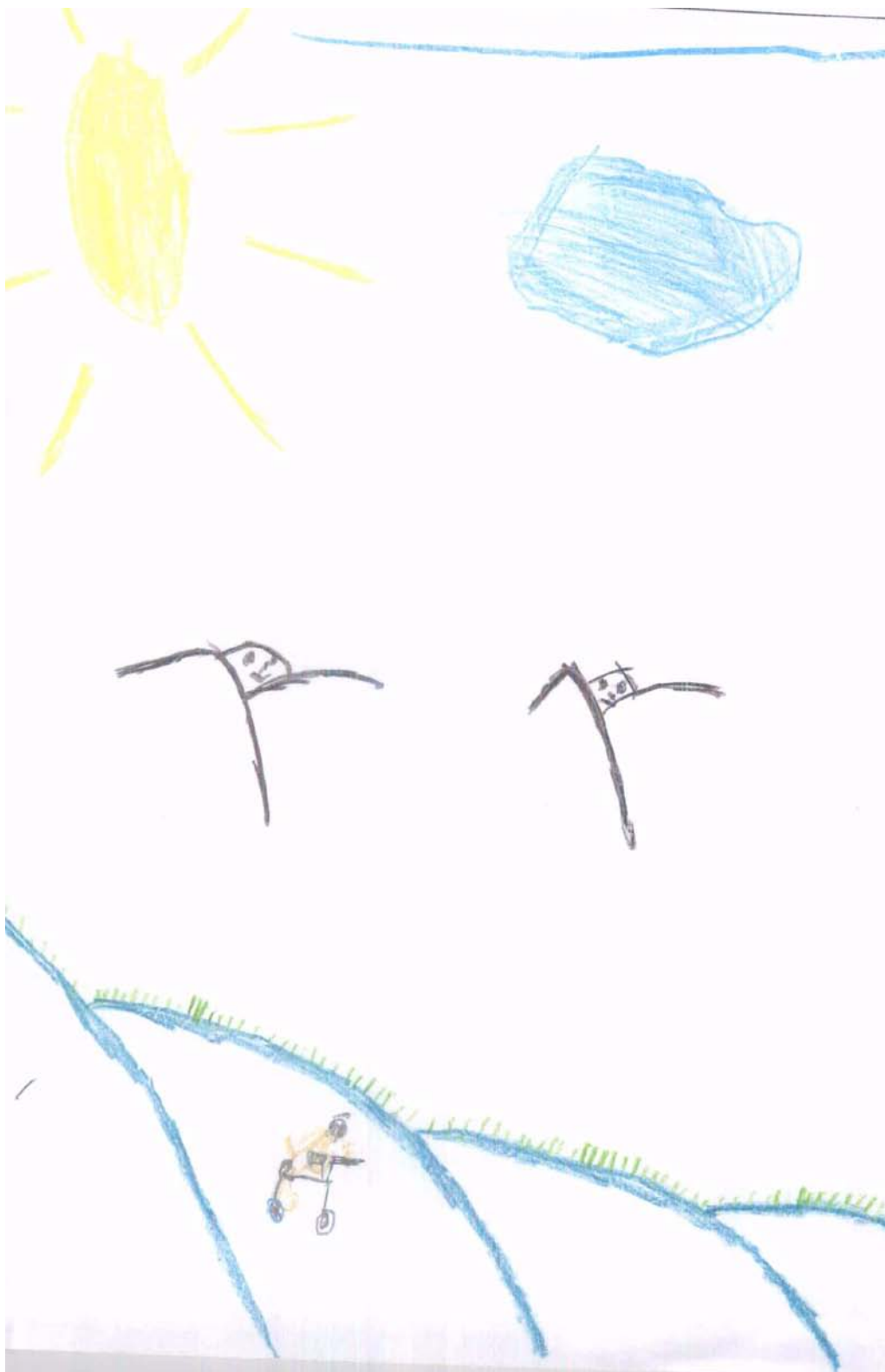


Figura 9 – Criança 9 – Idade: 7 anos

Bibliografia

ARNHEIM, Rudolf. ***Arte & percepção visual – uma psicologia da visão criadora.*** São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1980.

ALMEIDA, Milton José de. ***Cinema arte da memória.*** Campinas, SP: Autores Associados, 1999.

_____. ***Imagens e sons: a nova cultura oral.*** São Paulo: Editora Cortêz, 1994.

ARIÈS, Philippe. ***História social da criança e da família.*** Tradução Dora Flaksman, Rio de Janeiro: LTC, 1981.

BACHELARD, Gaston. ***A poética do espaço.*** São Paulo: Martins Fontes, 1989.

BADIOU, Alain. ***La foundation de l'universalisme.*** PUF, 1997.

BARTHES, Roland. ***A câmara clara – notas sobre fotografia.*** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

BETTELHEIM, Bruno. ***A psicanálise dos contos de fadas.*** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

_____. ***O coração informado – autonomia na era da massificação.*** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

_____. ***Uma vida para seu filho.*** Campus, Rio de Janeiro: 1988.

BIAGGIO, Ângela M. Brasil. ***Psicologia do desenvolvimento.*** Petrópolis, RJ: Vozes, 1988.

BUENO, Silveira. ***Grande dicionário etimológico-prosódico da língua portuguesa.*** São Paulo: Saraiva, 1964.

CALVINO, Ítalo. **Seis propostas para o próximo milênio**. São Paulo: Cia das Letras, 1990.

COELHO, Teixeira. **O imaginário da morte** in **Rede imaginária – televisão e democracia**. São Paulo: Cia das Letras, 1991.

DARTON, Robert. **O grande massacre dos gatos – E outros episódios da história cultural francesa**. Rio de Janeiro: Graal, 1986.

DEHEINZELIN, Monique. **Trilha – educação e construtivismo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.

DEWEY, John. **Vida e educação**. São Paulo: Melhoramentos, 1978

DUBOIS, Philippe. **A linha geral (das máquinas de imagens)** in *cinéma et dernières technologies*. Paris: INA – de – BOECK Université, 1998. (Notas traduzidas e interpretadas pelo professor Etienne Samain).

DURAND, Gilbert, **O imaginário – ensaio acerca das ciências e da filosofia da imagem**, Rio de Janeiro: Difel, 1998.

ECA – **Estatuto da criança e do adolescente**. Aprovado pela Lei Federal Nº 8.069, de 13/07/1990.

JAPIASSÚ, Hilton, MARCONDES, Danilo, **Dicionário básico de filosofia**, Rio De Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1990.

LÉVY, Pierre. **O que é o virtual?**. São Paulo: Editora 34, 1996.

LOBO, Luiz . **Televisão: nem babá eletrônica nem bicho papão** (a criança diante da tevê). Rio de Janeiro: Lidaador, 1990.

_____. **Escola de pais**. Rio de Janeiro: Lacerda Editores, 2ª edição revista e ampliada, 1997.

- MARTINS, José de Souza (org). **O massacre dos inocentes – a criança sem infância no Brasil**. São Paulo: Hucitec, 1991.
- NOVAES, Adauto. **O olhar melancólico** in **Rede imaginária**. São Paulo: Companhia das Letras, 1991, pp. 85 – 90.
- OSTROWER, Fayga. **A construção do olhar** in **O olhar**. São Paulo: Companhia das Letras, 1988, pp. 167 - 182
- PASSOS, Fernando. **Trem de imagens**. Tese de Doutorado, Faculdade de Educação, UNICAMP, 1997.
- PIAGET, Jean. **Seis estudos de psicologia**. pp. 11 – 70.
- POPPER, Karl, CONDRY, John. **Televisão: um perigo para a democracia**. Lisboa: Gradiva, 1995.
- POSTMAN, Neil. **O desaparecimento da infância**. Rio de Janeiro: Graphia, 1999.
- _____. **Tecnopólio – a rendição da cultura à tecnologia**. São Paulo: Nobel, 1994.
- QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. **Variações sobre a técnica de gravador no registro da informação viva**. São Paulo: T. A. Queiroz, 1991.
- RAMOS, José Mário Ortiz. **Televisão, publicidade e cultura de massa**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.
- REZENDE, Ana Lúcia, REZENDE, Nauro. **A tevê e a criança que te vê**. São Paulo: Cortez, 1989.
- RONDELLI, Elizabeth. **Realidade e ficção no discurso televisivo** in Revista IMAGENS nº 08, Campinas, SP: Editora da Unicamp, Agosto de 1998, pp. 26 – 35.

_____. **Imagens da violência e práticas discursivas**, in **Linguagens da violência**. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Emílio ou da educação**. São Paulo: Martins Fontes, 1999. Tradução Roberto Leal Ferreira, 2ª Edição.

_____. **Os pensadores - Volume I**
São Paulo: Nova Cultural, 1999. Tradução Lourdes Santos Machado

STEINBERG, Shirley R, KINCHELOE, Joe (org), **Cultura infantil – a Construção corporativa da infância**.
Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

TEDRUS, Dora M. de Almeida Sousa. **A relação adulto – criança**.
Campinas, SP: Área de Publicações CMU/ UNICAMP, 1998.

VERSUTI, Andréa. **“Eu tenho, você não tem”:
O discurso publicitário infantil e a motivação ao consumo**.
Dissertação de Mestrado – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas,
UNICAMP, Campinas, SP, 2000.

XAVIER, Ismail. **Cinema: revelação e engano** in **O olhar**.
São Paulo: Companhia das Letras, 1988, pp. 367 – 383.

WINNICOTT, D. W. **O brincar e a realidade**. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

_____. **A criança e o seu mundo**. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.

ANEXO

AUDIÊNCIA INFANTIL
TV ABERTA - PRAÇA NACIONAL
DADOS DO IBOPE-MÍDIA – SÃO PAULO

Número de Domicílios com TV Pesquisados: 13.473.000
Universe de Telespectadores Pesquisados: 49.925.000
Crianças Pesquisadas: 11.972.000

Período: Janeiro/2000

Faixa Etária: 02 – 14 anos

PROGRAMA	EMISSORA	HORÁRIO E DIA	A. I. (milhões)	% A. I.	% A.T.	A..T. (milhões)
Tela Quente Filme de Sucesso	Rede Globo	Segunda 22:00	01.760	15	16	08.021
Domingão Faustão Programa de Auditório	Rede Globo	Domingo 17:30	01.750	14	16	07.940
Novela das Oito Terra Nostra	Rede Globo	Seg – Sábado 20:50	01.640	14	18	09.123
Linha Direta Histórias de Crime	Rede Globo	Quinta-Feira 22:00	01.440	12	14	07.219
Você Decide Programa Participativo	Rede Globo	Quarta - Feira 22:00	01.380	12	14	06.907
Jornal Nacional Noticiário	Rede Globo	Seg – Sábado 20:15	01.340	11	16	07.892
Globo Repórter Programa Jornalístico	Rede Globo	Sexta – Feira 22:00	01.290	11	14	07.184
A Muralha Mini-Série	Rede Globo	Terça – Sexta 23:00	01.250	11	13	06.575
Malhação Novela p/Adolescente	Rede Globo	Seg – Sexta 17:30	01.240	11	10	04.971
Novela das Sete Vila Madalena	Rede Globo	Seg – Sexta 19:10	01.200	10	13	06.650
Fantástico Programa de Variedade	Rede Globo	Domingo 20:30	01.150	10	14	07.197
Zorra Total Programa Humorístico	Rede Globo	Sábado 22:00	01.100	09	12	06.130
Sai de Baixo Programa Humorístico	Rede Globo	Domingo 22:45	1.090	09	12	05.744
Angel Mix Programa Infantil	Rede Globo	Seg – Sexta 08:30	1.050	09	05	02.440
Vale a Pena Ver de N. A Indomada	Rede Globo	Seg – Sexta 14:30	1.010	08	08	04.188
Novela das 20:10 O Privilégio de Amar	SBT	Seg – Sábado 20:10	0.910	08	06	02.847
Show Milhão Silvio Santos	SBT	Domingo 22:00	0.860	07	09	04.278
Novela Infantil Chiquititas	SBT	Seg – Sábado 19:25	0.810	07	04	01.875
Topa Tudo Dinheiro Silvio Santos	SBT	Domingo	0.790	07	08	03.970
Planeta Xuxa Programa Infantil	Rede Globo	Domingo 14:45	0.760	06	08	03.822
Gugu – Dom. Legal Programa Auditório	SBT	Domingo 15:30	0.600	05	05	02.398
Show / Ratinho Variedades e Sensacion.	SBT	Seg – Sábado 21:10	0.550	05	05	02.289

A.T.= Audiência Total; A. I. = Audiência Infantil;

ATENÇÃO: Estes são programas com maior audiência. Nos mesmos horários, outras crianças assistem programas em emissoras diferentes.

AUDIÊNCIA INFANTIL
TV ABERTA - PRAÇA NACIONAL
DADOS DO IBOPE-MÍDIA – São Paulo

Número de Domicílios com TV Pesquisados: 13.473.000

Período: Fevereiro/2000

Universo de Telespectadores Pesquisados: 49.925.000

Crianças Pesquisadas: 11.972.000

Faixa Etária: 02 – 14 anos

PROGRAMA	EMISSORA	HORÁRIO E DIA	A. I. (MILHÕES)	% A. I.	% A.T.	A.T. (MILHÕES)
Novela das Oito Terra Nostra	Rede Globo	Seg - Sábado 20:50	1.900	15	19	09.484
Globo Repórter Programa Jornalístico	Rede Globo	Sexta - Feira 22:00	1.590	13	17	08.356
Linha Direta Histórias de Crime	Rede Globo	Quinta- Feira 22:00	1.540	13	16	08.101
Jornal Nacional Noticiário	Rede Globo	Seg-Sábado 20:15	1.520	13	17	08.429
Tela Quente Filmes	Rede Globo	Segunda 21:40	1.500	13	14	07.152
Zorra Total Programa Humorístico	Rede Globo	Sábado 21:40	1.420	12	14	06.762
Você Decide Programa Participativo	Rede Globo	Quinta-feira 21:40	1.410	12	13	06.408
Fantástico Programa Variedades	Rede Globo	Domingo 20:30	1.340	11	15	07.453
Novela das Sete Vila Madalena	Rede Globo	Seg-Sábado 19:15	1.330	11	14	06.995
Malhação Novela p/Adolescente	Rede Globo	Seg - Sexta 17:30	1.270	10	11	05.281
Mega Tom Programa Humorístico	Rede Globo	Domingo 16:45	1.170	10	12	05.841
A Muralha Mini-Série	Rede Globo	Terça -Sexta 23:00	1.100	09	12	06.120
Domingão Faustão Programa Variedades	Rede Globo	Domingo 17:30	1.100	09	14	06.869
Novela 20:19 O Privilégio Amar	SBT	Seg - Sábado 20:19	0.990	08	06	03.103
Angel Mix Programa Infantil	Rede Globo	Seg - Sexta 09:00	0.960	08	05	02.344
Sai de Baixo Programa de Humor	Rede Globo	Domingo 22:45	0.950	08	10	05.012
Planeta Xuxa Prog. Infanto-Juvenil	Rede Globo	Domingo 14:45	0.900	08	08	04.082
Disney Club Desenho Animado	SBT	Seg - Sexta 18:15	0.840	07	04	01.785
Vale Pena V. Novo A Indomada	Rede Globo	Seg -Sexta 14:30	0.800	07	08	04.021
Gugu Programa Variedade	SBT	Domingo 15:30 - 20:30	0.750	06	07	3595

A.T.= Audiência Total; A. I. = Audiência Infantil.

ATENÇÃO: Estes são programas com maior audiência. Nos mesmos horários, outras crianças assistem outros programas em emissoras diferentes.

AUDIÊNCIA INFANTIL
TV ABERTA - PRAÇA NACIONAL
DADOS DO IBOPE-MÍDIA – São Paulo

Número de Domicílios com TV Pesquisados: 13.473.000

Período: Março/2000

Universo de Telespectadores Pesquisados: 49.925.000

Crianças Pesquisadas: 11.972.000

Faixa Etária: 02 – 14 anos

PROGRAMA	EMISSORA	HORA E DIA	A. I. (MILHÕES)	% A. I.	% A.T.	A.T. (MILHÕES)
Novela das Oito Terra Nostra	Rede Globo	Seg-Sábado 20:50	1.79	15	19	09.443
Tela Quente Filmes	Rede Globo	Segunda 21:40	1.73	14	16	07.862
Linha Direta Violência, Crimes	Rede Globo	Quinta-Feira 22:00	1.64	14	16	07.818
Novela O Privilégio de Amar	SBT	Seg-Sábado 20:10	1.59	13	08	03.776
Globo Repórter Programa Jornalístico	Rede Globo	Sexta-Feira 22:00	1.38	12	15	07.271
Domingão Faustão Programa Variedades	Rede Globo	Domingo 17:30	1.38	11	15	07.250
Jornal Nacional Noticiário	Rede Globo	Seg-Sábado 20:15	1.37	11	16	08.035
Fantástico Programa Variedades	Rede Globo	Domingo 20:30	1.36	11	15	07.533
Novela das Sete Vila Madalena	Rede Globo	Seg-Sábado 19:15	1.36	11	14	07.160
Zorra Total Programa Humor	Rede Globo	Sábado 22:00	1.32	11	13	06.603
Você Decide	Rede Globo	Quinta - 22:00	1.32	11	12	05.997
Mini-Série A Muralha	Rede Globo	Terça-Sexta 23:00	1.25	11	13	06.561
Gugu - Dom. Legal Programa Auditório	SBT	Domingo 15:30 - 20:30	1.25	10	10	04.790
Sandy & Júnior Seriado Infanto-Juvenil	Rede Globo	Domingo 13:05	1.21	10	09	04.641
Malhação Novela p/Adolescente	Rede Globo	Seg-Sexta 17:30	1.21	10	11	05.258
Show Milhão Silvio Santos	SBT	Domingo 22:00	1.16	10	10	05.063
Novela Diário de Daniela	SBT	Seg-Sábado 19:25	1.13	09	05	02.563
Sai de Baixo Programa Humorístico	Rede Globo	Domingo 22:40	1.10	09	10	05.050
Disney Club Desenho Animado	SBT	Seg-Sexta 18:15	1.01	08	04	02.144
Mega Tom Programa Humorístico	Rede Globo	Domingo 16:45	0.94	08	09	04.681
Show do Ratinho Sensacionalista	SBT	Seg-Sábado 21:10	0.86	07	06	03.194
Planeta Xuxa Programa p/Adolescente	Rede Globo	Domingo 14:45	0.85	07	09	04.273
Angel Mix Programa Infantil	Rede Globo	Seg-Sexta 09:00	0.83	07	04	02.077

A.T.= Audiência Total; A. I. = Audiência Infantil

ATENÇÃO: Esses são o programas com maior audiência. Nos mesmos horários, outras crianças assistem outros programas em emissoras diferentes.

AUDIÊNCIA INFANTIL
TV ABERTA - PRAÇA NACIONAL
DADOS DO IBOPE -MÍDIA – São Paulo

Número de Domicílios c/ TV Pesquisados: 13.473.000

Período: Abril/2000

Universo de Telespectadores Pesquisados: 49.925.000

Crianças Pesquisadas: 11.972.000

Faixa Etária: 02 – 14 anos.

PROGRAMA	EMISSORA	HORARIO E DIA	A. I. (MILHÕES)	% A. I.	% A.T.	A.T. (MILHÕES)
Tela Quente Filmes	Rede Globo	Segunda 22:00	2.07	17	18	08.995
Novela das Oito Terra Nostra	Rede Globo	Seg-Sábado 20:50	1.74	14	17	08.713
J.ornal Nacional Noticiário	Rede Globo	Seg-Sábado 20:15	1.53	13	16	08.049
Novela Infantil Chiquititas	SBT	Seg-Sábado 19:25	1.51	13	06	3.213
Novela das Sete Vila Madalena	Rede Globo	Seg-Sábado 19:15	1.42	12	15	07.494
Novela das 20:10 O Privilégio de Amar	SBT	Seg-Sábado 20:10	1.34	11	08	03.948
Gugu – Dom .Legal Programa Auditório	SBT	Domingo 15:30	1.30	11	09	04.484
Fantástico Programa Variedades	Rede Globo	Domingo 20:30	1.28	11	14	07.138
Casseta & Planeta Humor	Rede Globo	Terça-Feira 21:40	1.28	11	12	05.831
Disney Club Desenhos Animados	SBT	Seg-Sexta 18:15	1.28	11	05	02.463
Domingão Faustão Programa Auditório	Rede Globo	Domingo 17:30	1.22	10	14	06.750
Linha Direta Violência, Crimes	Rede Globo	Quinta-feira 22:00	1.20	10	13	06.339
Sandy & Junior Seriado Infanto-Juvenil	Rede Globo	Domingo 13:05	1.17	10	09	04.328
Show Milhão Silvio Santos	SBT	Domingo 22:00	1.12	09	11	05.596
Zorra Total Programa de Humor	Rede Globo	Sábado 22:00	1.12	09	12	05.902
Globo Repórter Programa Jornalístico	Rede Globo	Sexta-Feira 22:00	1.05	09	12	05.833
Planeta Xuxa Programa p/Adolescente	Rede Globo	Domingo 14:45	0.99	08	09	04.326
Mega Tom Programa de Humor	Rede Globo	Domingo 16:45	0.96	08	09	04.352
Show do Ratinho Sensacionalista	SBT	Seg-Sábado 21:10	0.96	08	07	03.549
Sai de Baixo Programa Humorístico	Rede Globo	Domingo 22:40	0.93	08	10	04.909
Angel Mix Desenhos Animados	Rede Globo	Seg-Sexta 09:00	0.85	07	04	02.068
Você Decide	Rede Globo	Quinta – 22:00	0.78	06	08	03.908

A.T.= Audiência Total; A. I. = Audiência Infantil

ATENÇÃO: Esses são programas com maior audiência. Nos mesmos horários, outras crianças assistem outros programas em emissoras diferentes.

AUDIÊNCIA INFANTIL
TV ABERTA - PRAÇA NACIONAL
DADOS DO IBOPE-MÍDIA – São Paulo

Número de Domicílios com TV Pesquisados: 13.473.000

Período: Maio/2000

Universo de Telespectadores Pesquisados: 49.925.000

Crianças Pesquisadas: 11.972.000

Faixa Etária: 02 – 14 anos.

PROGRAMA	EMISSIONA	HORÁRIO E DIA	A. I. (MILHÕES)	% A. I.	% A.T.	A.T. (MILHÕES)
Tela Quente Filmes	Rede Globo	Segunda 21:40	1.87	16	17	08.495
Novela das Oito Terra Nostra	Rede Globo	Seg-Sábado 08:40	1.70	15	18	08.940
Novela das Sete Uga Uga	Rede Globo	Seg-Sábado 19:15	1.72	14	16	08.172
Jornal Nacional Noticiário	Rede Globo	Seg-Sábado 20:15	1.62	13	17	08.506
Novela O Privilégio de Amar	SBT	Seg-Sábado 20:10	1.56	13	09	04.446
Disney Club Desenho Animado	SBT	Seg-Sexta 18:15	1.30	12	06	02.789
Fantástico Programa Variedades	Rede Globo	Domingo 20:30	1.34	11	15	07.453
Gugu – Dom. Legal Programa Variedades	SBT	Domingo 15:30 – 20:30	1.32	11	10	04.900
Malhação Novela p/Adolescente	Rede Globo	Seg-Sexta 17:30	1.30	11	10	05.212
Zorra Total Programa Humor	Rede Globo	Sábado 22:00	1.29	11	12	06.134
Novela Infantil Chiquitas	SBT	Seg-Sábado 19:25	1.28	11	05	02.611
Show Milhão Silvio Santos	SBT	Domingo 22:00	1.27	11	10	05.072
Domingão Faustão Silvio Santos	Rede Globo	Domingo 17:30	1.27	11	13	06.690
Linha Direta Crimes, Violência	Rede Globo	Quinta-Feira 22:00	1.26	11	12	06.606
Casseta&Planeta Programa de Humor	Rede Globo	Terça-Feira 22:00	1.24	11	12	5.913
Globo Repórter Programa Jornalístico	Rede Globo	Sexta-Feira 22:00	1.22	10	14	06.779
Sandy&Júnior Seriado Infanto- Juvenil	Rede Globo	Domingo 13:05	1.11	09	08	03.977
Você Decide	Rede Globo	Quinta- 22:00	0.54	09	07	03.601
Topa Tudo Dinheiro Silvio Santos	SBT	Domingo	0.92	08	08	04.009
Planeta Xuxa Prog. Infanto-Juvenil	Rede Globo	Domingo 14:45	0.89	08	09	04.462
Show Ratinho Sensacionalista	SBT	Seg-Sábado 21:10	0.88	07	07	03.366
Sai de Baixo Humor	Rede Globo	Domingo 22:45	0.82	07	09	04.341

A.T.= Audiência Total; A. I. = Audiência Infantil.

ATENÇÃO: Esses são programas com maior audiência. Nos mesmos horários, outras crianças assistem outros programas em emissoras diferentes.

AUDIÊNCIA INFANTIL
TV ABERTA - PRAÇA NACIONAL
DADOS DO IBOPE- MÍDIA – SP

Número de Domicílios com TV Pesquisados: 13.473.000

Período: Junho/2000

Universo de Telespectadores Pesquisados: 49.925.000

Crianças Pesquisadas: 11.972.000

Faixa Etária: 02 – 14 anos.

PROGRAMA	EMISSORA	HORÁRIO E DIA	A. I. (MILHÕES)	% A. I.	% A.T.	A.T. (MILHÕES)
Novela das Oito Terra Nostra - Final Laços Família - início	Rede Globo	Seg-Sábado 20:50	2.19 1.89	18 16	20 18	09.976 08.989
Novela das Sete Uga Uga	Rede Globo	Seg-Sábado 19:15	1.87	15	17	08.506
Tela Quente Filmes	Rede Globo	Segunda 21:40	1.80	15	15	07.506
Jornal Nacional Noticiário	Rede Globo	Seg-Sábado 20:15	1.63	14	17	08.576
Cass&Planeta Programa de Humor	Rede Globo	Terça-Feira 22:00	1.48	12	12	05.919
Malhação Novela p/Adolescente	Rede Globo	Seg-Sexta 17:30	1.47	12	11	05.650
Gugu – Dom Legal Programa Auditório	SBT	Domingo 15:30 – 20:30	1.38	11	12	05.752
Zorra Total Programa de Humor	Rede Globo	Sábado 22:00	1.26	11	11	05.720
Fantástico Variedades	Rede Globo	Domingo 20:30	1.20	10	13	06.650
Linha Direta Violência, Crimes	Rede Globo	Quinta-Feira 22:00	1.19	10	11	05.676
Domingão Faustão Programa de Auditório	Rede Globo	Domingo 17:30 – 20:30	1.13	09	12	05.925
Disney Club Desenhos Animados	SBT	Seg-Sexta 18:15	1.12	09	04	02.194
Globo Repórter Programa Jornalístico	Rede Globo	Sexta-Feira 22:00	1.11	09	12	05.841
Novela da 20:10 A Mentira	SBT	Seg-Sábado 20:10	1.11	09	06	02.998
Novela Infantil Chiquititas	SBT	Seg-Sábado 19:25	1.09	09	05	02.264
Show Milhão Silvio Santos	SBT	Domingo 22:00	1.02	09	10	04.852
Topa Tudo p/Dinheiro Silvio Santos	SBT	Domingo	1.02	09	09	04.265
Sai de Baixo Programa de Humor	Rede Globo	Domingo 22:45	0.94	08	09	04.699
Muvuca Programa de Humor	Rede Globo	Sexta-Feira 23:00	0.87	07	07	03.610
Show do Ratinho Variedade, Sensaciona.	SBT	Seg-Sábado 21:10	0.86	07	06	03.192

A.T.= Audiência Total; A. I. = Audiência Infantil.

ATENÇÃO: Esses são programas com maior audiência. Nos mesmos horários, outras crianças assistem outros programas em emissoras diferentes.

AUDIÊNCIA INFANTIL
TV ABERTA – PRAÇA NACIONAL
DADOS DO IBOPE-MÍDIA – SÃO PAULO

Número de Domicílios com TV Pesquisados: 13.473.000

Período: Julho/2000

Universo de Telespectadores Pesquisados: 49.925.000

Crianças Pesquisadas: 11.972.000

Faixa Etária: 02 – 14 anos

PROGRAMA	EMISSIONA	horário e dia	A. I. (MILHÕES)	% A.I.	% A.T.	A. T. (MILHÕES)
Novela das Oito Laços de Família	Rede Globo	Seg - Sábado 20:50	02.274	19	20	10.153
Novela das Sete Uga - Uga	Rede Globo	Seg -Sábado 19:10	02.154	18	19	09.308
No Limite Reality Show	Rede Globo	Domingo 22:30	01.915	16	19	09.534
Tela Quente Filmes de Sucesso	Rede Globo	Segunda 22:00	01.915	16	16	07.795
Malhação Novela p/ Adolescente	Rede Globo	Seg - Sexta 17:30	01.915	16	13	06.469
Jornal Nacional Noticiário	Rede Globo	Seg - Sábado 20:15	01.795	15	18	09.219
Novela das Seis O Cravo e a Rosa	Rede Globo	Seg -Sábado 18:00	01.795	15	15	07.422
Linha Direta Histórias de Crimes	Rede Globo	Quinta 22:00	01.676	14	15	07.673
Casseta & Planeta Programa Humorístico	Rede Globo	Terça-Feira 22:00	01.436	12	14	06.757
Globo Repórter Programa Jornalístico	Rede Globo	Sexta-Feira 22:00	01.436	12	13	06.703
Zorra Total Programa Humorístico	Rede Globo	Sábado 22:00	01.316	11	12	06.044
Domingão Faustão Programa Auditório	Rede Globo	Domingo 17:30 - 20:30	01.316	11	14	06.877
Fantástico Programa Variedades	Rede Globo	Domingo 20:30 - 22:40	01.316	11	14	07.219
Gugu - Dom. Legal Programa Auditório	SBT	Domingo 15:30 - 20:30	01.197	10	11	05.247
Sandy & Júnior Seriado Infanto-Juvenil	Rede Globo	Domingo 13:05	01.197	10	08	04.078
Novela das 20:10 A Mentira	SBT	Seg -Sábado 20:10	01.197	10	06	03.136
Sai de Baixo Programa Humorístico	Rede Globo	Domingo 22:45	01.197	10	11	05.690
Você Decide	Rede Globo	Quarta, 22:00	01.077	09	09	04.736
Mega Tom Programa Humorístico	Rede Globo	Domingo 16:45	0.957	08	09	04.243
Show / Ratinho Variedades e Sensacion.	SBT	Seg -Sábado 21:10	0.957	08	07	03.524
CHIQUITITAS Novela Infantil	SBT	Seg - Sábado 19:25	0.957	08	04	02.128
Vale Pena Ver Novo Tropicaliente	Rede Globo	Seg - Sexta 14:30	0.838	07	08	03.989

A. T. = AUDIÊNCIA TOTAL ; A. I. = AUDIÊNCIA INFANTIL.

ATENÇÃO: Esses são programas com maior audiência. Nos mesmos horários, outras crianças assistem outros programas em emissoras diferentes.

AUDIÊNCIA INFANTIL
TV ABERTA – PRAÇA NACIONAL
DADOS DO IBOPE MÍDIA – SÃO PAULO

Número de Domicílios com TV Pesquisados: 13.473.000

Período: Agosto/2000

Universo de Telespectadores Pesquisados: 49.925.000

Crianças Pesquisadas: 11.972.000

Faixa Etária: 02 – 14 anos

PROGRAMA	EMISSIONA	horário e dia	A. I. (MILHÕES)	% A.I.	% A.T.	A. T. (MILHÕES)
Novela das Oito Laços de Família	Rede Globo	Seg - Sábado 20:50	02.274	19	21	10.539
Novela das Sete Uga - Uga	Rede Globo	Seg -Sábado 19:10	02.274	19	19	09.616
No Limite Reality Show	Rede Globo	Domingo 22:30	02.035	17	20	09.924
Tela Quente Filmes de Sucesso	Rede Globo	Segunda 22:00	01.915	16	16	08.177
Jornal Nacional Noticiário	Rede Globo	Seg -Sábado 20:15	01.915	16	19	09.344
Casseta & Planeta Programa Humorístico	Rede Globo	Terça - Feira 22:00	01.795	15	15	07.296
Linha Direta Histórias de Crimes	Rede Globo	Quinta - Feira 22:00	01.676	14	15	07.540
Gugu - Dom. Legal Programa Auditório	SBT	Domingo 15:30	01.676	14	13	06.545
Novela das Seis O Cravo e a Rosa	Rede Globo	Seg -Sábado 18:00	01.556	13	15	07.262
Globo Repórter Programa Jornalístico	Rede Globo	Sexta - Feira 22:00	01.556	13	14	07.171
Fantástico Programa Variedades	Rede Globo	Domingo 20:30	01.556	13	16	07.985
Zorra Total Programa Humorístico	Rede Globo	Sábado 22:00	01.436	12	14	07.209
Sai de Baixo Programa Humorístico	Rede Globo	Domingo 22:45	01.197	10	11	05.377
Sandy & Júnior Seriado Infanto-Juvenil	Rede Globo	Domingo 13:05	01.077	09	08	03.769
Novela das 20:10 A Mentira	SBT	Seg - Sábado 20:10	01.077	09	06	02.853
Você Decide	Rede Globo	Quarta, 22:00	0.957	08	09	04.666
Planeta Xuxa Programa Infantil	Rede Globo	Domingo 14:45	0.957	08	09	04.550
Domingão Faustão Programa Auditório	Rede Globo	Domingo 17:30	0.838	07	09	04.539
Mega Tom Programa Humorístico	Rede Globo	Domingo 16:45	0.838	07	08	03.824
Show / Ratinho Variedades e Sensacional.	SBT	Seg -Sábado 21:10	0.838	07	06	03.028

A. T. = AUDIÊNCIA TOTAL ; A. I. = AUDIÊNCIA INFANTIL.

ATENÇÃO: Estes são programas com maior audiência. Nos mesmos horários, outras crianças assistem a outros programas em emissoras diferentes.

AUDIÊNCIA INFANTIL
TV ABERTA – PRAÇA NACIONAL
DADOS DO IBOPE-MÍDIA – SÃO PAULO

Número de Domicílios com TV Pesquisados: 13.473.000
Setembro/2000

Período:

Universo de Telespectadores Pesquisados: 49.925.000
Crianças Pesquisadas: 11.972.000

Faixa Etária: 02 – 14 anos

PROGRAMA	EMISSIONA	horário e dia	A. I. (MILHÕES)	% A.I.	% A.T.	A. T. (MILHÕES)
No Limite Reality Show	Rede Globo	Domingo 22:45	02.514	21	23	11.322
Novela das Oito Laços de Família	Rede Globo	Seg –Sábado 20:50	02.274	19	20	10.095
Novela das Sete Uga - Uga	Rede Globo	Seg –Sábado 19:10	02.154	18	18	09.225
Jornal Nacional Noticiário	Rede Globo	Seg - Sábado 20:15	01.795	15	18	08.928
Casseta & Planeta Programa Humorístico	Rede Globo	Terça – Feira 22:00	01.676	14	15	07.244
Tela Quente Filmes de Sucesso	Rede Globo	Segunda 22:00	01.676	14	16	07.939
Fantástico Programa Variedades	Rede Globo	Domingo 20:30	01.556	13	15	07.592
Novela das Seis O Cravo e a Rosa	Rede Globo	Seg –Sábado 18:00	01.436	12	14	06.820
Linha Direta Histórias de Crimes	Rede Globo	Quinta - FERIA 22:00	01.436	12	14	06.878
Globo Repórter Programa Jornalístico	Rede Globo	Sexta - Feira 22:00	01.436	12	14	07.001
Zorra Total Programa Humorístico	Rede Globo	Sábado 22:00	01.436	12	14	06.870
Domingão Faustão Programa Auditório	Rede Globo	Domingo 17:30	01.436	12	14	07.023
Gugu – Dom. Legal Programa Auditório	SBT	Domingo 15:30	01.436	12	11	05.733
Malhação Novela p/ Adolescente	Rede Globo	Seg – Sexta 17:30	01.316	11	09	04.691
Sandy & Júnior Seriado Infanto-Juvenil	Rede Globo	Domingo 13:05	01.316	11	09	04.381
Sai de Baixo Programa Humorístico	Rede Globo	Domingo 22:45	01.316	11	12	05.981
Mega Tom Programa Humorístico	Rede Globo	Domingo 16:45	0.957	08	09	04.370
Novela das 20:10 A Mentira	SBT	Seg – Sexta 20:10	0.957	08	05	02.551
Show / Ratinho Variedades e Sensacion.	SBT	Seg –Sábado 21:10	0.718	06	06	03.021
CHIQUITITAS Novela Infantil	SBT	Seg – Sábado 19:10	0.838	07	03	01.733
Vale Pena Ver Novo Tropicaliente	Rede Globo	Seg – Sexta 14:30	0.598	05	06	03.193

A. T. = AUDIÊNCIA TOTAL ; A. I. = AUDIÊNCIA INFANTIL.

ATENÇÃO: Esses são programas com maior audiência. Nos mesmos horários, outras crianças assistem outros programas em emissoras diferentes.

AUDIÊNCIA INFANTIL
TV ABERTA – PRAÇA NACIONAL
DADOS DO IBOPE-MÍDIA – SÃO PAULO

Número de Domicílios com TV Pesquisados: 13.473.000

Período:

Outubro/2000

Universo de Telespectadores Pesquisados: 49.925.000

Crianças Pesquisadas: 11.972.000

Faixa Etária: 02 – 14 anos

PROGRAMA	EMISSORA	horário e dia	A. I. (MILHÕES)	% A.I.	% A.T.	A. T. MILHÕES
Novela das Oito Laços de Família	Rede Globo	Seg - Sábado 20:50	02.154	18	20	10.073
Novela das Sete Uga - Uga	Rede Globo	Seg -Sábado 19:10	01.915	16	17	08.386
Tela Quente Filmes de Sucesso	Rede Globo	Segunda 22:00	02.035	17	16	08.092
Casseta & Planeta Programa Humorístico	Rede Globo	Terça - Feira 22:00	01.915	16	15	07.563
Jornal Nacional Noticiário	Rede Globo	Seg - Sábado 20:15	01.676	14	17	08.626
Linha Direta Histórias de Crimes	Rede Globo	Quinta - Feira 22:00	01.556	13	14	06.988
Zorra Total Programa Humorístico	Rede Globo	Sábado 22:00	01.436	12	13	06.722
Globo Repórter Programa Jornalístico	Rede Globo	Sexta – Feira 22:00	01.316	11	14	06.786
Gugu – Dom. Legal Programa Auditório	SBT	Domingo 15:30	01316	11	10	05.149
Novela das Seis O Cravo e a Rosa	Rede Globo	Seg –Sábado 18:00	01.316	11	13	06.385
Fantástico Programa Variedades	Rede Globo	Domingo 20:30	01.316	11	14	07.099
Malhação Novela p/ Adolescente	Rede Globo	Seg – Sexta 17:30	01.197	10	09	04.674
Domingão Faustão Programa Auditório	Rede Globo	Domingo 17:30	01.077	09	12	06.163
Sandy & Júnior Seriado Infanto-Juvenil	Rede Globo	Domingo 13:05	01.077	09	07	03.672
Xuxa Park Programa Infantil	Rede Globo	Sábado 08:45	01.077	09	05	02.300
Show do Milhão Sílvio Santos	SBT	Domingo 22:00	0.957	08	09	04.568
Sai de Baixo Programa Humorístico	Rede Globo	Domingo 22:45	0.957	08	09	04.460
Aquarela do Brasil Mini-Série	Rede Globo	Terça –Sexta 23:00	0.838	07	08	04.199
Planeta Xuxa Programa Adolescente	Rede Globo	Domingo 14:45	0.838	07	08	03.887
Mega Tom Programa Humorístico	Rede Globo	Domingo 16:45	0.7182	06	07	03.673

A. T. = AUDIÊNCIA TOTAL ; A. I. = AUDIÊNCIA INFANTIL.

ATENÇÃO: Esses são programas com maior audiência. Nos mesmos horários, outras crianças assistem outros programas em emissoras diferentes.

**AUDIÊNCIA INFANTIL
TV ABERTA – PRAÇA NACIONAL
DADOS DO IBOPE-MÍDIA – SÃO PAULO**

Número de Domicílios com TV Pesquisados: 13.473.000

Período:

Novembro/2000

Universo de Telespectadores Pesquisados: 49.925.000

Crianças Pesquisadas: 11.972.000

Faixa Etária: 02 – 14 anos

PROGRAMA	EMISSORA	horário e dia	I. (MILHÕES)	% A.I.	% A.T.	A. T. (MILHÕES)
Novela das Oito Laços de Família	Rede Globo	Seg - Sábado 20:50	02.394	20	21	10.513
Novela das Sete Uga - Uga	Rede Globo	Seg - Sábado 19:10	02.035	17	18	08.911
Jornal Nacional Noticiário	Rede Globo	Seg - Sábado 20:15	01.795	15	18	09.231
Tela Quente Filmes de Sucesso	Rede Globo	Segunda 22:00	01.795	15	15	07.725
Casseta & Planeta Programa Humorístico	Rede Globo	Terça - Feira 22:00	01.795	15	15	07.388
Novela das Seis O Cravo e a Rosa	Rede Globo	Seg - Sábado 18:00	01.556	13	15	07.269
Zorra Total Programa Humorístico	Rede Globo	Sábado 22:00	01.556	13	14	07.201
Globo Repórter Programa Jornalístico	Rede Globo	Sexta - Feira 22:00	01.556	13	14	06.928
Fantástico Programa Variedades	Rede Globo	Domingo 20:30	01.436	12	15	07.384
Linha Direta Histórias de Crimes	Rede Globo	Quinta- Feira 22:00	01.436	12	14	06.751
Malhação Novela p/ Adolescente	Rede Globo	Seg - Sexta 17:30	01.436	12	11	05.696
Gugu - Dom. Legal Programa Auditório	SBT	Domingo 15:30	01.316	11	10	05.119
Sandy & Júnior Seriado Infanto-Juvenil	Rede Globo	Domingo 13:05	01.197	10	09	04.251
Show do Milhão Sílvio Santos	SBT	Domingo 22:00	01.197	10	11	05.423
Supercine Filmes	Rede Globo	Sábado 22:00	0.838	07	05	02.458
Planeta Xuxa Programa Adolescente	Rede Globo	Domingo 14:45	01.077	09	09	04.601
Mega Tom Programa Humorístico	Rede Globo	Domingo 16:45	0.957	08	09	04.470
Sai de Baixo Programa Humorístico	Rede Globo	Domingo 22:45	0.838	07	09	04.413
Aquarela do Brasil Mini-Série	Rede Globo	Terça - Sexta 23:00	0.838	07	08	04.105
Vale Pena Ver Novo A Próxima Vítima	Rede Globo	Seg - Sexta 14:25	0.838	07	08	04.097
Domingão Faustão Programa Auditório	Rede Globo	Domingo 17:30	0.718	06	10	04.791

A. T. = AUDIÊNCIA TOTAL ; A. I. = AUDIÊNCIA INFANTIL.

ATENÇÃO: Esses são programas com maior audiência. Nos mesmos horários, outras crianças assistem outros programas em emissoras diferentes.

AUDIÊNCIA INFANTIL
TV ABERTA - PRAÇA NACIONAL
DADOS DO IBOPE-MÍDIA – SÃO PAULO

Número de Domicílios com TV Pesquisados: 13.473.000

Período:

Dezembro/2000

Universe de Telespectadores Pesquisados: 49.925.000

Crianças Pesquisadas: 11.972.000

Faixa Etária: 02 – 14 anos

PROGRAMA	EMISSORA	horário e dia	B. I. (MILHÕES)	% A.I.	% A.T.	A. T. (MILHÕES)
Novela das Oito Laços de Família	Rede Globo	Seg - Sábado 20:50	02.154	18	21	10.367
Casseta & Planeta Programa Humorístico	Rede Globo	Terça - Feira 22:00	02.154	18	18	08.822
Globo Repórter Programa Jornalístico	Rede Globo	Sexta - Feira 22:00	01.915	16	17	08.659
Tela Quente Filmes de Sucesso	Rede Globo	Segunda 22:00	01.795	15	16	08.153
Novela das Sete Uga - Uga	Rede Globo	Seg -Sábado 19:10	01.676	14	16	07.999
Jornal Nacional Noticiário	Rede Globo	Seg - Sábado 20:15	01.676	14	17	08.616
Linha Direta Histórias de Crimes	Rede Globo	Quinta- Feira 22:00	01.556	13	14	07.063
Gugu – Dom. Legal Programa Auditório	SBT	Domingo 15:30	01.436	12	10	05.065
Zorra Total Programa Humorístico	Rede Globo	Sábado 22:00	01.436	12	14	06.770
Novela das Seis O Cravo e a Rosa	Rede Globo	Seg –Sábado 18:00	01.436	12	13	06.611
Malhação Novela p/ Adolescente	Rede Globo	Seg – Sexta 17:30	01.316	11	10	05.172
Fantástico Programa Variedades	Rede Globo	Domingo 20:30	01.197	10	12	06.094
Sandy & Júnior Seriado Infanto-Juvenil	Rede Globo	Domingo 13:05	01.077	09	07	03.671
Aquarela do Brasil Mini-Série	Rede Globo	Terça –Sexta 23:00	01.077	09	11	05.652
Domingão Faustão Programa Auditório	Rede Globo	Domingo 17:30	0.957	08	11	05.274
Planeta Xuxa Programa Adolescente	Rede Globo	Domingo 14:45	0.957	08	08	04.174
Vale Pena Ver Novo A Próxima Vítima	Rede Globo	Seg – Sexta 14:25	0.838	07	09	04.491
Mega Tom Programa Humorístico	Rede Globo	Domingo 16:45	0.838	07	08	03.936
Novela das 20:10 A Esmeralda	SBT	Seg – Sábado 20:10	0.838	07	05	02.458
Show do Milhão Silvio Santos	SBT	Domingo 22:00	0.718	06	08	03.970
Sai de Baixo Programa Humorístico	Rede Globo	Domingo 22:45	0.718	06	08	03.864
Show / Ratinho Varied. e Sensacionalista	SBT	Seg-Sábado 21:10	0.718	06	05	02.737

A. T. = AUDIÊNCIA TOTAL ; A. I. = AUDIÊNCIA INFANTIL.

ATENÇÃO: Esses são os programas de maior audiência, nos mesmos horários outras crianças assistem a outros programas em emissoras diferentes.